100$

EMPRÊSA EDITÔRA
"O PENSAMENTO"

O Tesouro dos Humildes

maurice MAETERLÍNCK

MAURICE MAETERLINCK

★

O TESOURO DOS HUMILDES

★

TRADUÇÃO

DE

MARIA JOSÉ SETTE RIBAS

★

EMPRÊSA EDITÔRA "O PENSAMENTO" LTDA.
Praça Almeida Junior, 100 — SÃO PAULO

DIREITOS RESERVADOS DA
EMPRÊSA EDITÔRA "O PENSAMENTO" LTDA.

PREFÁCIO

Obedecendo ao imperativo de sua finalidade, que é o desenvolvimento dos maiores esforços em pról da cultura e da difusão, cada vez maior, de boas obras, com que sói obsequiar os apreciadores da boa leitura, a Emprêsa Editôra "O Pensamento" tem o prazer de lançar mais êste trabalho de **Maeterlinck**, animada que está pelo sucesso alcançado na publicação de conhecida obra do mesmo autor, cujo renome empalidece os mais brilhantes comentários que ousassemos fazer.

Fino e elegante perscrutador da alma humana, acossada por tantas inquietudes e paixões, **Maeterlinck** inclina sua prodigiosa fronte de pensador, em busca da causa de tantos males, das dores que afligem, mas que purificam e, da sua meditação feita no silêncio que êle tanto ama, afirma que, no fundo, não vivemos senão de alma para alma e somos deuse sâue se ignoram. Se é verdade que o último dentre nós não pode fazer o mínimo gesto sem ter em conta a alma e os reinos espirituais onde ela reina, também é certo que os mais sábios quase nunca sonham com êsse infinito, que move a pálpebra que se abre, a cabeça que se inclina, a mão que se fecha. Tão longe vivemos de nós mesmos, que ignoramos quase tudo o que se passa no horizonte de nosso ser... Nossa alma não julga como nós; é uma coisa caprichosa e oculta. Pode ser atingida por um sôpro e ignorar uma tempestade. Faz-se mistér procurar o que a atinge: tudo está lá, pois é lá que estamos.

Quem já não experimentou que a bondade faz sinal à bondade e que os que se devotam e os que traem são sempre os mesmos? Se a mesma dor bate em duas portas contiguas, agirá ela de maneira idêntica na casa do bom e na do mau? E se vós sois puros, não serão puras as vossas infelicidades?

E' nesta longa viagem, através dos mais variados aspéctos emotivos da alma humana, que o autor descobre o **Tesouro dos Humildes** e não hesita em agitar seus braços de pesquisador infati-

gável, para chamar a atenção dos que tão longe se encontram do tesouro por êle encontrado...

Legítima, pois, é a satisfação com que a Emprêsa Editôra "O Pensamento" coloca nas mãos do leitor amigo mais esta obra, digna de enriquecer a biblioteca dos que estudam os problemas da alma humana, sob a luz serena da razão.

A Emprêsa.

I

O SILÊNCIO

"Silence and Secrecy!" exclamou Carlyle, deveriamos erguer-lhes altares em todo o mundo (se ainda fosse dos nossos dias erguerem-se altares). O silêncio é o elemento no qual se formam as grandes coisas, para que por fim possam emergir, perfeitas e majestosas, à luz da vida que elas irão dominar. Não sòmente Guilherme e Taciturno, mas todos os homens notáveis que conheci, inclusíve os menos diplomatas e menos estrategistas abstinham-se de tagarelar sôbre o que projetavam e criavam. E ao amigo leitor lembro que em suas perplexidadesinhas experimente **reter a língua durante um dia:** no dia seguinte estará com as idéias e deveres muito mais claros. Quantos detritos e imundicies êsses mudos operários não terão varrido de ti, enquanto estavas fechado aos estéreis ruídos exteriores! A palavra é muitas vêzes menos a arte de esconder o pensamento do que a arte de sufocá-lo e interrompê-lo, de modo que nada mais reste a ocultar. A palavra também é grande, mas não o que há de maior. Como afirma a inscrição suiça: **Sprechen ist Silbern, Schweigen ist Golden,** a palavra é de prata e o silêncio é de ouro; ou, mais corretamente, a palavra é do tempo, o silêncio é da eternidade.

"As abelhas só trabalham no escuro; o pensamento, no silêncio; e a virtude, no segrêdo..."

Êrro crêr que a palavra sirva para o perfeito entendimento entre os homens. Os lábios ou a língua podem representar a alma, da mesma maneira que um algarismo ou um número de ordem representa, por exemplo, uma tela de Memlinck; mas desde que realmente tenhamos **qualquer coisa a nos dizer,** somos **obrigados** a calar; e se nesses momentos resistirmos às ordens invisíveis e prementes do silêncio, perderemos algo de eterno, e que nem os maiores tesouros da sabedoria humana podem reparar, porque teremos perdido o ensejo de ouvir outra alma e de dar um instante de êxistência à nossa própria; e há inúmeras vidas para as quais essas ocasiões não se apresentam duas vêzes...

Nós não falamos senão nas horas em que **não queremos** perceber a presença de nossos irmãos e quando nos sentimos a uma grande distância da realidade. E logo que falamos, qualquer coisa nos previne de que portas divinas se fecham algures. Somos terrìvelmente aváros do silêncio, e os mais imprudentes dentre nós não se calam diante do primeiro desconhecido. O nosso instinto das verdades sobrehumanas nos adverte de que é perigoso calar-nos diante de alguém que não desejamos conhecer ou de quem não gostamos; porque as palavras passam entre os homens, mas o silêncio, se teve ocasião de tornar-se ativo, não desaparece nunca, e a verdadeira vida, a única que deixa traços, é feita de silêncio. Reuní vossas lembranças nesse silêncio no qual é preciso refugiar-se, afim de que êle próprio se esclareça; e se vos é dado descer um instante em vossa alma, lá nas profundas habitadas pelos anjos, o que antes de mais nada recordais de uma criatura profundamente amada não são suas palavras ou gestos, mas os momentos de silêncio que com ela tivestes; pois são as **qualidades** dêsses silên-

cios que revelam a qualidade do amor de nossas almas.

Não me refiro aqui senão ao silêncio **ativo**, porque há um silêncio **passivo**, que é apenas o reflexo do sono, da morte ou da inexistência. E' o silêncio que dorme; e enquanto dorme é menos temível que a palavra; mas uma circunstância inesperada pode acorda-lo subitamente, e aí é o seu irmão, o grande silêncio ativo, que se entroniza. Ficai em guarda. Duas almas procuram-se, as paredes vão ceder, os diques vão romper-se, e a vida comum dará lugar a outra, onde tudo se tornará muito grave, onde tudo vive sem defesa, onde nada ousa rir, onde nada obedece, onde nada é esquecido...

E é porque nenhum de nós ignora essa fôrça sombia e o seu jôgo perigoso, que temos tamanho mêdo do silêncio. Suportamos o silêncio isolado, o nosso próprio silêncio; mas o silêncio de vários, o silêncio multiplicado e sobretudo o silêncio de uma multidão é um fardo sobrenatural de que as almas, mesmo as mais fortes, temem o pêso inexplicável. Passamos grande parte da vida a procurar os lugares onde o silêncio não reine. Desde que dois ou três homens se encontram, só pensam em banir o invisível inimigo; e quantas amizades comuns se baseiam apenas no ódio ao silêncio. E se apesar de todos os esforços êle consegue insinuar-se num ajuntamento de criaturas, essas criaturas voltarão as cabeças com inquietude para o lado solene das coisas que se não vêem, e logo se afastam umas das outras, cedendo lugar ao desconhecido; e de futuro se evitarão, porque temem que mais uma vez a luta secular se torne vã, e que um dêles abra em segrêdo a porta ao adversário...

A maior das criaturas não compreende e não admite o silêncio senão duas ou três vêzes na vida. Não

ousam acolher êsse hospede impenetrável e só o fazem em circunstâncias solenes; mas quase todos, então, o acolhem dignamente; pois mesmo os mais miseráveis têm em sua existências momentos em que sabem agir como se soubessem o que sabem os deuses. Lembrai-vos do dia em que vos defrontastes sem terror com o vosso primeiro silêncio. A hora terrível tinha soado e vinha na direção de vossa alma. Vós o vistes subir dêsses abismos da vida de que não falamos e das profundidades do mar interno de beleza ou de horror — e não fugistes...

Era num regresso, ou no momento de uma partida, ou num instante de grande alegria, ou ao lado da morte, ou próximo a uma desgraça. Lembrai-vos daquêles minutos em que tôdas as pedrarias secretas se revelam e as verdades adormecidas acordam em sobressalto; e dizei-me se o silêncio não era bom e necessário, se as carícias do inimigo perseguido sem treguas não eram carícias divinas. Os beijos do silêncio infeliz — pois é sobretudo na desgraça que o silêncio nos beija — não podem ser esquecidos, e é essa a razão pela qual os que mais vêzes o conhecem valem mais que os outros. Sòmente êsses sabem, talvez, sôbre que águas mudas e profundas repousa a tenue camada da vida quotidiana; aproximaram-se mais de Deus, e os passos que deram rumo à duz são passos que jamais se perderão; pois a alma é uma coisa que poderá subir, mas nunca pode descer...

"Silêncio, o grande Império do silêncio", exclama outra vez Carlyle — êsse profundo conhecedor do império da vida que nos conduz — "mais alto que as estrêlas, mais profundo que o reino da Morte!... O silêncio e os nobres sêres silênciosos!... Vivem esparsos, aqui e ali, cada qual em sua província, pensando em silêncio, trabalhando em silêncio — e dêles não falam os jornais da manhã... São o próprio sal

da terra, e o país que não possue tais homens, ou os possue poucos, não está em bom caminho... E' uma floresta sem raízes, transformada em fôlhas e em galhos, e que bem cêdo deverá fanar-se e deixará de ser uma floresta..."

Mas o verdadeiro silêncio, maior ainda e de mais difícil aproximação que o silêncio, material de Carlyle, não é um dêsses deuses que podem abandonar os homens. Êle nos envolve de todos os lados. Constitue o fundo de nossa existência, e desde que um de nós bata, trêmulo, a uma das portas do abismo, é sempre o mesmo silêncio atento que a abre.

Aqui ainda somos todos iguais diante da coisa sem medida; e o silêncio do rei ou do escravo diante da morte, da dôr ou do amor, tem a mesma face, e sob o seu manto impenetrável esconde tesouros idênticos. O segrêdo dêsse silêncio, que é o silêncio essencial nunca, e se o primeiro homem encontrasse o último hae o refúgio inviolável de nossas almas, não se perderá bitante da terra, êles se calariam da mesma maneira nos beijos, nos terrores ou nas lágrimas; êles se calariam da mesma maneira em tudo que deve ser atendido sem mentiras; e apesar de tantos séculos, compreenderiam ao mesmo tempo, como se tivessem dormindo no mesmo bêrço, o que os lábios não aprenderão a dizer antes do fim do mundo...

Desde que os lábios dormem, as almas despertam e se põem à obra; porque o silêncio é o elemento cheio de surpresas, perigos e felicidade em que as almas se possuem livremente. Se quereis de fato entregar-vos a alguem, calai-vos e se tendes mêdo de calar-vos em sua companhia — a menos que êsse receio seja o receio ou a avareza augusta do amor que espera prodigios — fugí dêle, pois vossa alma já sabe o que fazer. Há sêres com os quais os maiores heróis não ousariam calar-se; e há almas que nada têm a esconder — e

entretanto temem que certas almas os descubram. Outros há que não têm silêncio ou o matam em redor de si — e são os únicos sêres que passam verdadeiramente despercebidos. Não chegam a atravessar a zona reveladora, a grande zona da luz firme e fiel. Não podemos fazer uma idéia exata de quem jamais se cala. Dir-se-ia que sua alma não tem face. "Nós não nos conhecemos ainda, escrevia-me alguém que eu muito amava; não tivemos ainda a coragem de nos calar juntos". Era verdade; já nos amavamos tão profundamente que temiamos a prova sobrehumana. E cada vez que o silêncio, anjo das verdades supremas e mensageiro do desconhecido próprio de cada amor, descia sôbre nós, nossas almas genuflexas pareciam pedir graças e implorar ainda algumas horas de inocentes mentiras, algumas horas de ignorância ou algumas horas de infância... E entretanto era preciso que a sua hora chegasse. E' o sol do amor — e amadurece as frutas da alma como o outro sol sazona as frutas da terra. Mas não é sem razão que os homens o temem; pois não se sabe nunca qual será a **qualidade** do silêncio que vai nascer. Se tôdas as palavras se assemelham, todos os silêncios diferem; e a maioria das vêzes todo um destino depende da **qualidade** dêsse primeiro silêncio surgido entre duas almas. Misturas se operarão em qualquer parte, porque os reservatórios do silêncio são situados bem acima dos reservatórios do pensamento; e a imprevista beberagem se torna sinistramente amarga ou profundamente doce. Duas almas admiráveis e de igual fôrça podem dar nascimento a um silêncio hostil, e se entregarão nas trevas a uma guerra sem perdão; já a alma de um forçado **virá a calar-se** divinamente na companhia da alma de uma virgem. Nada se sabe de antemão, e tudo isto se passa num céu que não chega nunca; e é a razão pela qual os amantes mais ternos retardam muitas

vêzes até às últimas horas a solene entrada do grande revelador das profundidades do ser...

E' que êles também sabem — pois o verdadeiro amor conduz até os mais frívolos ao centro da vida — que tudo mais não passava de jogos infantis em torno do recinto e que agora as muralhas caíram e a existência se abriu. O silêncio dêles valerá o que valem os deuses que êles encerram; e se êles não se entendem nesse primeiro silêncio, suas almas não poderão amar-se, pois o silêncio não se transforma. Pode subir ou descer entre duas almas, mas sua **natureza** não mudará nunca; e até à morte dos amantes o silêncio terá a atitude, a forma e a fôrça que tinha no momento em que pela primeira vez entrou no quarto.

A' medida que avançamos na vida, percebemos que tudo se realiza conforme não sei que acôrdo prèviamente estabelecido, do qual ninguem fala, no qual ninguem pensa, mas que sentimos existir algures, acima de nossas cabeças. O mais inépto entre os homens sorri nos primeiros encontros, como se fôsse o velho cumplice do destino de seus irmãos. E nos domínios onde estamos, mesmo aquêles que sabem falar mais profundamente, sentem, melhor do que o exprimem palavras, as relações verdadeiras e especiais que existem entre dois sêres. Se nesse momento vos falo das coisas mais graves, como o amor ou o destino, e apesar de todos os meus esforços se quedará entre nós uma verdade que não foi dita, que não temos a idéia de dizer, essa verdade muda terá estado apenas um instante entre nós e durante êsse tempo não pudemos pensar em outra coisa. Essa verdade é a **nossa verdade** sôbre a morte, o destino ou o amor; e não podemos entreve-la senão em silêncio. E nada a não ser o silêncio terá tido importância. "Minhas irmãs, diz uma criança num conto de fadas, vocês têm cada uma o seu pensamento secreto e eu quero conhe-

ce-los". Nós também temos qualquer coisa que quereriamos conhecer, mas que se esconde bem mais alto que o pensamento secreto; é o nosso secreto silêncio. Mas as perguntas são inúteis. Tôda a agitação de um espírito alerta torna-se mesmo um obstáculo à segunda vida que vive nesse segrêdo, e para saber o que realmente existe é preciso cultivar o silêncio entre si, pois não é senão nêle que se entreabrem por um instante as flôres inesperadas e eternas, que mudam de forma e côr conforme a alma ao lado da qual nos achamos. As almas se pesam no silêncio, como o ouro e a prata se pesam na água pura; e as palavras que pronunciamos não têm sentido senão graças ao silêncio em que se banham. Se digo a alguem que o amo, êle não compreenderá e terei dito a talvez mil outras pessoas; mas o silêncio que se seguirá, se eu o amo de fato, mostrará até onde se aprofundam hoje as raízes dessa palavra, e fará, a seu turno, emergir uma certeza silenciosa, silêncio e certeza que não serão duas vêzes os mesmos numa vida...

Não é o silêncio o que determina e fixa o sabor do amor? Privado do silêncio, o amor não teria nem gôsto nem perfumes eternos. Quem de nós já não conheceu êsses minutos mudos que separam os lábios para unir as almas? Cumpre-nos procurá-los sem cessar. Não há silêncio mais doce que o silêncio do amor; e é o único verdadeiramente nosso. Os outros grandes silêncios, os da morte, da dôr ou do destino, não nos pertencem. Avançam sôbre nós do fundo dos acontecimentos, à hora que determinam fazê-lo; e os que não são encontrados nada têm de que se queixar. Mas nós podemos sair ao encontro dos silêncios do amor. Êles esperam dia e noite na soleira de nossa porta e são tão belos quanto seus irmãos. Graças a êles, os que quase não têm chorado podem viver tão intimamente

com as almas quanto os que foram muito infelizes; é essa a razão pela qual os que muito amaram também sabem segrêdos que outros ignoram; porque naquêles que fecham os lábios da amizade e do amor profundos e verdadeiros, há milhares e milhares de coisas que outros lábios não poderão jamais calar...

II

O DESPERTAR DA ALMA

Tempo virá — e muitas coisas anunciam que não está longe — em que, sem a interferência de nossos sentidos, nossas almas se perceberão entre si. O domínio da alma extende-se cada dia mais. Está bem mais próximo de nosso ser visível e toma em todos os nossos atos parte bem maior do que há dois ou três séculos. Dir-se-á que estamos nos aproximando de um período espiritual. Exista na História um certo número de períodos análogos em que a alma, obedecendo a leis desconhecidas, remonta, por assim dizer, à superfície da humanidade e manifesta mais diretamente sua existência e seu poder. Essa existência e êsse poder revelam-se de mil maneiras inesperadas e diversas. Parece que em tais momentos a humanidade chega a ponto de erguer um pouco o pesado fardo da matéria. E reina então uma espécie de confôrto espiritual, com as mais duras e inflexíveis leis da natureza cedendo aqui e ali. Os homens ficam mais próximos de si mesmos e de seus irmãos; olham-se e amam-se mais grave e intìmamente. Compreendem com mais ternura e profundidade a criança, a mulher, os animais, as plantas e as coisas. As estátuas, as pinturas, os escritos que êsses homens nos deixaram, não são talvez perfeitos, mas não sei que fôrça e secreta graça nelas ficam pre-

sas e vivas para sempre. Deve haver no olhar de todos os sêres certa fraternidade e esperanças misteriosas, e por tôda parte vemos ao lado dos traços da vida ordinária, os traços ondulantes de outra vida que não se explica.

O que sabemos do antigo Egito, permite-nos supor que êsse país atravessou um dêsses períodos espirituais. Em época bem recuada da história da Índia, a alma deve ter-se aproximado da superfície da vida até ponto jamais atingido; e os restos, ou as lembranças de sua presença quasi imediata, até hoje ainda produzem lá estranhos fenômenos. Outros momentos do mesmo gênero há em que o elemento espirítual parece lutar no fundo da humanidade como um afogado a debater-se sob as águas de um grande rio. Acode-nos a lembrança da Pérsia, por exemplo, de Alexandria e dos dois séculos místicos da Idade Média.

Em compensação há séculos perfeitos, em que o inteligência e a beleza reinam mas a alma não se mostra de maneira nenhuma. Assim, bem longe esteve ela da Grecia e de Roma, como também do XVII e do XVIII séculos francêses. (Pelo menos da superfície dêste último século, pois que suas profundidades, com Claude de Saint-Martin, Cagliostro (que é mais grave do que se imagina), Pascalis e tantos outros nos escondem muitos mistérios.) Não sabemos por que, mas alguma coisa esteve ausente; comunicações secretas foram cortadas e a beleza cerrou os olhos. E' difícil exprimir isso por meio de palavras, e dizer por que motivo a atmosfera de divindade e fatalidade dos dramas gregos não parecem a verdadeira atmosfera da alma. Descobrimos no horizonte dessas admiráveis tragédias um mistério permanente e venerável; mas não é o mistério enternecido, fraternal e tão profundamente ativo que encontramos em inúmeras obras menos grandes e belas. E, mais perto de nós, se Raci-

ne é o grande poeta do coração da mulher, quem ousará dizer que êle deu um só passo na direção de sua alma? Que me respondereis se eu vos interrogasse sôbre a alma de Andromaca ou de Britânico? Os personagens de Racine só são compreendidos pelo que exprimem; e nem uma palavra atravessa os diques do mar. Estão espantosamente sós na superfície de um planeta que já não gira no céu. Se se calassem, deixariam de existir. Não os orientam princípios invisíveis, e crer-se-ia que uma substância isolante foi interposta entre o espírito e o eu de cada um; entre a vida que diz respeito a tudo quanto existe e a vida relativa apenas a um momento fugitivo de paixão, dôr ou desejo. Há realmente séculos em que a alma adormece e ninguem se inquieta a respeito.

Hoje parece claro que a alma faz grandes esforços. Manifesta-se em tudo de maneira anormal, imperiosa e premente, como se uma ordem tenha sido dada e não haja tempo a perder. Sente-se a sua preparação para uma luta decisiva, e ninguem pode prever tudo o que dependerá da vitória ou da fuga. Talvez nunca tenha a alma posto em ação fôrças mais diversas e irresistíveis. Dir-se-ia que se acha acuada contra um muro invisível, e não sabemos se é a agonia ou uma nova vida o que a agita. Não falarei dos poderes ocultos despertos em nosso redor: magnetismo, telepatia, levitação, propriedades insuspeitadas da matéria radiante e mil outros fenomenos que abalam as ciências oficiais. São coisas conhecidas de todos e facilmente constatáveis. Mas não serão talvez nada ao lado do que se opera na realidade, pois a alma é como um adormecido que do fundo de seus sonhos faz imensos esforços para mover um braço ou erguer uma pálpebra.

Em outras regiões, onde a multidão é menos atenta, a alma age mais eficazmente ainda, embora sua ação seja menos sensível a olhos não acostumados a vêr. Dir-se-á que na música sua voz esteja a ponto de, num supremo grito, atravessar os últimos sons do êrro que ainda a envolvem; e em certas pinturas sentimos fortemente o pêso sagrado de uma presença invisível. E não vemos nas literaturas algumas culminâncias a brilharem aqui e ali duma luz de natureza inteiramente diversa das mais estranhas luzes das literaturas anteriores? Aproximamo-nos de não sei que transformações do silêncio, e o **sublime positivo** que até aqui reinou parece estar no fim. Não me detenho neste assunto porque é cêdo para falar claramente destas coisas; mas creio que raramente uma ocasião mais imperiosa de livramento espiritual foi oferecida à humanidade. Por momentos, às vêzes, isso parece até um **ultimatum:** e porisso cumpre nada descurarmos afim de não perdermos essa oportunidade ameaçadora, que é da mesma natureza dos sonhos que se perdem para sempre se os não fixamos imediatamente. Temos de ser prudentes; não é sem razão que nossa alma se agita.

Mas essa agitação, só entrevista claramente nos elevados planaltos especulativos da existência, manifesta-se também e sem que o percebamos nos caminhos mais ordinário sda vida; porque nenhuma flor se abre nas alturas que não termine por cair no vale. Teria ela já caído? Quem o sabe? Constatamos hoje na vida quotidiana, entre as criaturas mais humildes, relações misteriosas e diretas, fenômenos espirituais e aproximação de almas de que absolutamente não se falava outróra. Existiriam elas antes de nós? Temos de crer que sim, pois em tôdas as épocas houve homens que foram ao fundo das relações mais secretas da vida e nos transmitiram tudo quanto aprenderam sôbre os corações, os espíritos e as almas de seu tempo. E'

provável que essas mesmas relações existissem então; mas não tinham a fôrça fresca e geral que possuem hoje; não haviam ainda descido às profundezas da humanidade, pois que não atraíram a atenção dos sábios. E não falo aqui do "espiritismo científico", de seus fenômenos de telepatia, "materialização", nem de outros que enumerei. Trata-se de acontecimentos e intervenções da alma ocorridos amiude na existência dos sêres mais deslembrados de seus direitos eternos. Trata-se também de uma psicologia diferente da psicologia comum — a qual usurpou o belo nome de Psyché, já que na realidade não se interessa senão pelos fenômenos espirituais mais estreitamente ligados à matéria. Trata-se, em suma, do que nos deveria revelar uma psicologia transcendente, interessada nas relações diretas de alma com alma entre os homens, e na **sensibilidade** e também na **presença extraordinária** de nossa alma. Êste estudo, que virá elevar de um gráu o homem, está apenas começado, e não tardará a tornar inadmissível a psicologia elementar reinante.

Essa psicologia imediata desceu das montanhas e já invadiu os vales; sua presença denuncia-se até nos mais medíocres escritos. Nada prova mais claramente que na humanidade em geral a pressão da alma aumentou e sua misteriosa ação se vulgarizou. Tocamos aqui em coisas quase indizíveis, das quais só podemos dar exemplos incompletos e grosseiros. Vejamos dois ou três, bastante elementares e sensíveis. Outróra, quando se tratava de um pressentimento, da impressão estranha de algo entrevisto ou de um olhar, de uma decisão tomada pelo lado desconhecido da razão humana, da interferência duma fôrça inexplicável e entretanto sentida, das leis secretas da antipatia ou da simpatia, das afinidades eletivas ou instintivas, da influência preponderante de coisas que não foram ditas, ninguem se detinha nesses problemas, que, ademais, rara-

mente se ofereciam à inquietude do pensador. Eram defrontados por acaso. Ninguem suspeitava do pêso religioso com que êsses fatos pesavam sôbre a vida — e todos se apressavam a voltar à rotina das paixões e acontecimentos exteriores.

Êsses fenômenos espirituais, de que só os maiores e mais profundos de nossos irmãos se ocupavam, inquietam hoje os menores; mais uma vez isso prova que a alma humana é planta dotada de perfeita unidade, da qual todos os galhos, quando a hora chega, florescem ao mesmo tempo. O camponio a quem o dom de expressar o que tem na alma fosse bruscamente concedido, exprimiria nesse momento coisas que jamais estiveram na alma de Racine. E é assim que homens de gênio bem inferior ao de Shakespeare ou Racine entrevêem uma vida secretamente luminosa, e da qual a que os dois gênios conheceram não passava do reverso. Não basta que uma grande alma solitária se agite aqui e ali, no espaço ou no tempo. Pouca coisa ela fará se não for auxiliada. E' a flor das multidões. E necessário se torna que ela chegue no momento em que o oceano das almas todo êle se inquiete; e se veiu no instante do sono, não poderá falar senão de sonhos. Para dar um exemplo ilustre, Hamlet, em El-senor, avança a cada instante até à borda do despertar; e, entretanto, apeasr do suor glacial que lhe molha a fronte, há palavras que êle não chega a nos dizer e que todavia podia pronunciar hoje, porque até a alma do vagabundo ou do ladrão que passa o ajudaria a falar. Olhando Claudio ou sua mãe, Hamlet aprenderia hoje o que não sabia então, pois parece que hoje as almas não se enleiam com o mesmo número de véus. Sabeis — e é uma verdade estranha e inquietante — sabeis que se não sois bom, é mais que provável que vossa presença o proclame hoje cem vêzes mais claramente do que o teria feito há dois ou três séculos? Sabeis

que si entristecestes uma só alma esta manhã, a alma do camponês com que fostes falar sôbre a chuva, sentiu isso antes mesmo que sua mão tivesse entreaberto a porta? Assumí a aparência dum santo, dum mártir, dum herói: o olho da criança que vos encontra não vos saudará com o mesmo olhar inacessível si alimentardes um mau pensamento ou refletirdes uma injustiça ou as lágrimas de um irmão. Há cem anos, a alma dessa criança teria talvez passado ao lado da vossa sem atentarem coisa nenhuma.

Em verdade torna-se difícil nutrir num coração, ao abrigo de olhares, o ódio, a inveja, ou a traição, tanto as almas mais indiferentes estão sempre em guarda em tôrno de nós. Nossos ancestrais não nos falaram dessas coisas, e verificamos que a vida atual é absolutamente diferente da que êles nos pintaram. Ter-nos-iam enganado ou não sabiam? Os sinais e as palavras já de nada servem, e quasi tudo se decide nos círculos místicos de uma simples presença.

A antiga vontade, ela também, a velha vontade tão nossa conhecida e tão lógica, transforma-se a seu turno e sofre o contato imediato de grandes leis inexplicáveis e profundas. Quase não há refúgios, e os homens se aproximam. Julgam-se acima das palavras e dos atos e até acima dos pensamentos, porque o que êles vêem sem compreender está situado além dos domínios do pensamento. E é uma das grandes marcas pelas quais reconhecemos os períodos espirituais de que já falei. De todos os lados sentimos que as relações da vida comum começam a mudar, e o mais jovens dentre nós já falam e agem de maneira diferente dos homens da geração anterior. Uma multidão de convenções, de usos, de véus e intermediários inúteis desaparecem nos abismos, e quase todos nós, inconscientemente, julgamo-nos de conformidade com o invisível. Se entro pela primeira vez em teu quarto,

não pronunciarás, segundo as leis mais profundas da psícologia prática, a palavra secreta que todo homem pronuncia em presença de outro. Não chegarás a me dizer onde foste para saber quem sou, mas voltarás a mim carregado de certezas inefáveis. Teu pai talvez me tivesse julgado de outro modo — e ter-se-ia enganado. E' preciso crêr que o homem está prestes a atingir o homem, e que a atmosfera vai mudar. Teremos, como disse Claudio de Saint-Martin, o grande "filósofo desconhecido", dado um "passo a mais na estrada luminosa e criadora da simplicidade dos sêres?" Esperemos em silêncio; talvez estejamos a pique de perceber, afinal, "o murmúrio dos deuses".

III

OS ESCLARECIDOS

São conhecidos da maioria dos homens e de quase tôdas as mães. São talvez indispensáveis, como as dôres, e os que dêles não se aproximarem revelam-se menos doces, menos tristes e menos bons.

Estranhos sêres. Parecem mais próximos da vida que as outras crianças, e parecem nada desconfiar; e entretanto seus olhos mostram uma certeza profunda, como se soubessem tudo, e que por mais de uma noite hajam revelado a si mesmos os seus segrêdos. No momento em que em redor seus irmãos ainda tateiam entre o nascimento e a vida, êles já se reconheceram, já estão de pé, com as mãos e as almas prontas. À pressa, sábia e minuciosamente, preparam-se para viver — e essa pressa é o sinal que as mães sem o querer discretas confidentes de tudo que não se diz, ousam apenas olhar.

Muitas vêzes não temos tempo de os sentir; êles se vão sem nada dizer e nos ficam para sempre desconhecidos. Mas outros demoram; olham-nos atentamente sorrindo, como a ponto de confessar que tudo compreenderam; e depois, lá pelos vinte anos, se afastam rápidos, abafando os passos, como si se tivessem enganado de morada e não quizessesm passar a vida no meio de homens que não conhecem.

Quase nada dizem e envolvem-se em nuvem no momento em que se sentem feridos e em que o homem está a ponto de os atingir. Dias antes pareciam estar entre nós, e agora, de repente, mostram-se tão longe que não ousamos reconhecê-los nem interrogá-los. Mudam-se quase para o outro lado da vida, e sentimos que é chegada afinal a hora de afirmar uma coisa mais grave, mais humana, mais real e profunda que a amizade, a piedade ou o amor; uma coisa que mortalmente bate as asas e que ignoramos e que nunca nos dissemos, e não é possível dizermos, já que tantas vidas se passam caladas!... E o tempo urge; e quem de nós não esperou assim até o momento em que não mais lhe poderíamos responder?

Por que vêm ao mundo êsses sêres e por que se vão? Nascerão apenas para nos afirmar que a vida não tem objetivo? Para que formulamos estas perguntas se não pode haver resposta? Muitas vêzes fui testemunha dessas coisas, e um dia as vi tão de perto que fiquei sem saber si se tratava de outro sêr ou de mim próprio...

Um irmão morreu assim. Dir-se-ia que só êle fôra prevenido sem saber, enquanto nós sabíamos qualquer coisa sem que houvessemos recebido êsse aviso orgânico por êle captado desde os primeiros dias. Como distinguir os sêres sôbre os quais vai pesar um acontecimento tão grave? Nada é visível e entretanto vemos tudo. Êles têm medo de nós, porque mesmo contra a nossa vontade nós os advertimos sem cessar; e mal os abordamos, êles sentem que nós lhes reagimos contra o futuro. Escondemos qualquer coisa à maioria dos homens, e ignoramos o que seja. Entre dois sêres que se encontram pela primeira vez, transmitem-se estranhos segrêdos de vida e morte; e ainda outros segrêdos sem nome, que se apoderam de nossa atitude, de nossos olhares e de nosso rosto; e quando

apertamos a mão de um amigo, nossa alma trái indiscreções que não se detêm no limiar desta vida. Pode acontecer que não haja nenhuma prevenção entre dois homens, mas haverá coisas mais imperiosas e profundas que o pensamento. Não somos senhores dêsses dons desconhecidos e traímos constantemente o profeta que não sabe falar. Nunca somos com os outros como somos conosco próprios, nem mesmo como somos com êles na obscuridade; nossos olhares se transformam conforme o passado e o futuro que percebem — e por isso sem querer vivemos sempre em guarda. Encontrando aquêles que não vão viver, não é a êles que vemos, mas ao que lhes irá suceder. Procuram êles enganar-nos para se enganarem a si mesmos. Tudo fazem para nos despistar e, entretanto, através do sorriso dessas criaturas e do ardor que mostram pela vida, o acontecimento já transparece como se lhes fosse o sustentáculo e a razão mesma da existência. Uma vez mais a morte os traíu, e êles vêem com tristeza que nós tudo percebemos, e que há vozes que não se podem calar.

Quem calculará a fôrça dos acontecimentos e dirá se êles se confundem conosco ou nós nos confundimos com êles? Nascem êles de nós ou nós nascemos dêles? Somos nós que os traímos, ou são êles que nos traem? Somos nós que os transformamos ou são êles que nos transformam? Não se enganarão êles nunca? Por que vêm para nós como a abelha vai para a colmeia e a pomba acode ao pombal? e onde se refugiam os que não nos encontram no ponto marcado? De onde partem ao nosso encontro? e por que se parecem conosco como irmãos Agem no passado ou no futuro? e serão mais poderosos os que já não existem mais ou os que ainda não existem? E' o ontem ou o amanhã o que nos transfigura? Quantos homens não passam a maior parte da vida à sombra de um acontecimento ainda não

realizado? Até nos que vão ter um fim desastroso, e sôbre os quais a morte vinda de fóra vai abater-se inopinadamente, vi essas graves atitudes, essa marcha que parece ter um alvo próximo, êsse pressentimento dos grandes frios e êsse olho que não se deixa distrair. E todavia êles se apressavam tanto quanto os seus irmãos que a traziam consigo. Tinham o mesmo rosto. Para êles a vida parecia mais séria que para os que iam viver. Agiam com a mesma atenção segura e silenciosa. Não tinham tempo a perder, deviam estar prontos à mesma hora: tanto êsse acontecimento, que nenhum profeta poderia prêver, era-lhes a própria vida de suas vidas.

Nossa morte guia nossa vida e nossa vida não tem outra méta senão a nossa morte. Nossa morte é a fôrma em que se amolda a nossa vida, e dela vem a forma de nosso rosto. Só deviamos fazer o retrato dos mortos, pois só os mortos são êles mesmos e por um instante se mostram tais quais são. E' que a vida não se ilumina à luz pura, fria e simples que desce sôbre o travesseiro das últimas horas? Será essa mesma luz que banha o rosto das crianças quando nos sorriem fixamente, e nos impõem um silêncio semelhante ao da câmara onde alguem se cala para sempre? Quando me lembro dos que conheci e que a mesma morte levou pela mão, vejo um bando de crianças adolescentes como que saidas da mesma casa. Já são irmãos e irmãs; dir-se-ia que se reconhecem entre si por meio de marcas que não vemos e que nos momentos em que os não observamos êles trocavam o sinal do silêncio. São as crianças atentas da morte precoce. No colégio, nós as distinguiamos obscuramente. Pareciam procurar-se e evitar-se ao mesmo tempo, como os doentes da mesma doença. Eram vistos à parte, sob as árvores do jardim. Tinham a mesma gravidade sob um sorriso mais constante e mais imaterial que o nosso,

e não sei que ar de receio de trair um segrêdo. Quase sempre emudeciam quando os destinados a viver se aproximavam de seu grupo. Falavam já do acontecimento ou não ignoravam que o acontecimento falava em cada um dêles, e êles o envolviam afim de escondê-lo a olhos indiferentes? Pareciam por momentos olhar-nos do alto de uma torre; e, apesar de serem mais fracos que nós, não ou avamos molestá-los. E' certo que nada está oculto; e vós que me encontrais sabeis o que fiz e o que farei, sabeis o que penso e o que pensei; sabeis exatamente o dia em que devo morrer, mas ainda não dscobristes o meio de o revelar, mesmo em voz baixa e ao vosso próprio coração. Temos o hábito de silenciar tudo o que a nossa mão não alcança, e talvez soubessemos muito mais coisas se tivessemos consciência de tudo quanto sabemos. Vivemos ao lado da nossa verdadeira vida e sentimos que mesmo os nossos mais íntimos e profundos pensamentos não nos dizem respeito, pois somos diferentes de nossos pensamentos e de nossos sonhos. E não é senão em certos momentos e quase por distração que vivemos como somos. Em que dia conseguiremos ser o que realmente somos? Enquanto isso, permaneciamos diante dêles como diante de estranhos. Êles intimidavam nossa vida. Por vêzes passeavam conosco pelos corredores e pátios, e tinhamos de nos esforçar para segui-los. Às vêzes metiam-se em nossos jôgos — e o jôgo já não parecia o mesmo. Alguns não encontravam seus irmãos. Erravam sòzinhos em meio de nossos gritos e não tinham amigos entre os que não iam morrer. E entretanto nós os amavamos, e nenhum rosto era mais amável que o dêles. Que haveria entre êles e nós, e que haverá entre todos nós? No fundo de que mar de mistérios vivemos? Ali reinava também êsse amor que já não se exprime porque não participa da vida dêste mundo. Não suportariam talvez nenhuma prova, pareciam traídos a cada

momento, e a menor amizade comum tinha o ar de vencê-los — e entretanto a vida dêsses sêres é mais profunda que a nossa própria, e talvez não nos pareçam indiferentes senão porque se sabem destinados para tempos mais longos e seguros.

Êles não falam aqui porque terão de falar tarde; e aquêles que abraçamos nunca são os que amamos mais profundamente. Há assim uma parte da vida — e a melhor, maior e mais pura — que não se imiscue à vida comum, e os olhos dos próprios amantes não atravessam quase nunca êsse dique de silêncio e de amor.

Ou será que os deixavamos sós porque, ainda que mais jovens, eram êles nossos maiores? Saberiamos que não tinham a nossa idade e os temiamos como juizes? Seus olhares já pareciam menos móveis que os nossos, e quando por acaso pousavam sôbre as nossas agitações estas se acalmavam sem razão aparente, e um instante de incompreensível silêncio se fazia. E se nos voltavamos, viamo-los a nos observarem, a rirem-se gravemente. Lembro-me do rosto de dois dêles, aos quais morte violenta esperava. Mas quase todos eram tímidos e esforçavam-se por passar desapercebidos. Tinham não sei que mortal pudor e pareciam pedir perdão de uma falta próxima e desconhecida. Aproximavam-se; trocavamos um olhar, separavamo-nos sem nada dizer — e compreendiamos tudo sem nada saber.

IV

A MORAL MÍSTICA

Bem certo que nossos pensamentos dão uma forma arbitrária aos movimentos invisíveis dos reinos interiores. Há assim mil e mil certezas dos reinos velados que nos guiam através da existência e de que não chegaremos a falar. Desde que exprimimos alguma coisa, nós a diminuimos estranhamente. Supomos ter mergulhado até o fundo dos abismos, e quando voltamos à superfície a gota dágua que cintila na ponta de nossos dedos, já não se parece com o mar de onde saíu. Cremos ter descoberto uma gruta de tesouros maravilhosos; e quando tornamos à luz, não trazemos senão pedrarias falsas e pedaços de vidro; e, entretanto, o tesouro brilha invariàvelmente nas trevas. Há qualquer coisa de impermeável entre nós e nossa alma — e em certos momentos, diz Emerson, "chegamos a desejar com ardor o sofrimento, na esperança de nêle encontrarmos afinal a realidade e sentirmos as pontas agudas e os ângulos da verdade".

Eu já disse alhures que as almas parecem aproximar-se; e isto não tem outro valor senão o que pode ter uma impressão permanente mas obscura, difícil de estribar-se sôbre fatos, porque os fatos não passam de vagabundos, de espiões ou de destroços de grandes fôrças invisíveis. E, entretanto, dir-se-ia que, mais pro-

fundamente talvez que nossos pais, nós sentimos em certos instantes que não é apenas em nossa presença que estamos. Tanto os que não crêem em nenhum deus como os demais, ninguem age consigo mesmo como se estivesse seguro de estar só. Há uma vigilância geral exercida fora das trevas indulgentes da consciência de cada homem. Será verdade que os vasos espirituais sejam menos rigorosamente selados que outróra? e que as oscilações do mar interior se tornam mais poderosas? Não sei; o que podemos constatar é que já não damos a mesma importância a um certo número de "pecados" tradicionais — marca segura de uma conquista espiritual.

Parece que a nossa moral se transforma e avança lentamente, rumo a regiões mais altas e ainda não visualizadas. E talvez possamos hoje fazer perguntas novas. Que aconteceria, por exemplo, se nossa alma de repente se tornasse visível e no meio de suas irmãs reunidas caminhasse sem nenhum véu, mas carregada de seus mais secretos pensamentos e arrastando após si os atos mais misteriosos de sua vida? De que coraria ela? Que desejaria esconder? Iria, como uma mulher púdica, desdobrar o longo manto de seus cabelos sôbre os inúmeros pecados da carne. A alma os ignora, pois êsses pecados jamais a atngem. Foram cometidos a mil léguas de seu trôno, e a própria alma do sodomita passaria no meio da multidão sem duvidar de nada, e levando nos olhos o sorriso transparente da criança. Ela não interveio na carne, prosseguiu sua vida para o lado das luzes, e é apenas desta vida que se recordará.

Que pecados e crimes terá ela podido cometer? Traíu, mentiu, enganou? Fêz sofrer e chorar? Onde estava ela, enquanto êle entregava o irmão ao inimigo? Talvez soluçasse longe dêle, e a partir dêsse momento se tornasse mais profunda e bela. Não terá

vergonha do que não fêz; e poderá continuar pura em meio a uma grande carnificina. Transforma muitas vêzes em claridades interiores todo o mal a que tem de assistir. Tudo depende de um princípio invisível — e daí brota, sem dúvida, a inexplicável indulgência dos deuses.

E nossa própria indulgência também. Não podemos nos impedir de perdoar; e quando a morte, "a grande reconciliadora", passa, quem de nós não cai de joelhos e não faz em silêncio sôbre a alma abandonada o gesto de perdão? Se venho curvar-me sôbre o corpo imóvel de meu pior inimigo, supondes que, vendo aquêles lábios pálidos que me caluniaram, aquêles olhos extintos que fizeram chorar os meus, aquelas mãos frias que me torturaram, eu ainda pense em vingança? Tudo foi resgatado pela passagem da morte. A alma nada mais me deve e instintivamente eu a coloco acima dos êrros mais crueis e das faltas mais graves. (Como êsse instinto é admirável e significativo!) E se lamento alguma coisa, não será o não poder fazer sofrer por meu turno, mas não ter amado suficientemente ou perdoado mais cêdo.

Dir-se-ia que começamos a compreender essas coisas no fundo de nós mesmos. Não é com base em seus atos ou seus mais secretos pensamentos que julgamos nossos irmãos, pois os pensamentos secretos não são sempre indecifráveis — e nós vamos além do indecifrável. Um homem terá cometido os crimes mais vis sem que o maior dêsses crimes altere por um só instante o sôpro de frescura e pureza imaterial que envolve sua presença; ao passo que a aproximação de um mártir ou dum sábio poderá cobrir nossa alma de espessas e insuportáveis trevas. Um herói ou um santo escolherá seu amigo no meio dos rostos em que sem dificuldade percebemos o vinco de todos os baixos pensamentos, e não se sentirá em "uma atmosfera frater-

nal ou humana" ao lado dum ser cuja fronte se ilumina dos sonhos mais altos e magnanimos.

Que significa isso? Que novas essas coisas encerram? Há então leis mais profundas que as que presidem os atos e pensamentos? Que nos ensinam elas e por que agimos sempre conforme regras não mencionadas e as únicas certas? Pois apesar das aparências podemos afirmar que aqui o herói e o santo não se enganaram. Nada mais fizeram senão obedecer, e se o santo é traído e vendido pelo homem que êle escolheu, alguma coisa de inabalável ficará, e isso lhe dirá que não houve êrro e nada há a lamentar. A alma não esquecerá nunca que a outra alma era iluminada...

Enquanto procuramos abalar a pedra quase desconhecida que cobre êsses mistérios, respiramos forte odor do abismo; e tanto as palavras como os pensamentos caem em redor de nós como moscas envenenadas. A própria vida interior parece pouca coisa junto a essas profundidades invariáveis. Podereis em presença de um anjo orgulhar-vos de ser aquêle que jamais êrrou? E não existirá uma inocência inferior? Quando Jesus lê os mesquinhos pensamentos dos fariseus em redor do paralítico de Cafarnaum, estais certos de que êle também lhes julga as almas com um golpe de vista análogo, e que ao mesmo tempo os condena e não percebe para além dêsses pensamentos uma claridade talvez inalterável? E seria êle um Deus se sua condenação fosse irrevogável? Mas por que fala Jesus como se se detivesse nos exteriores? O pensamento mais baixo ou a idéia mais nobre deixará um traço sôbre o pivô de diamante. Que Deus, se está verdadeiramente nas alturas, poderá deixar de sorrir de nossas faltas mais graves, como nós sorrimos das brincadeiras dos cãezinhos sôbre o tapete? e que seria um Deus que não sorrisse? Acaso vos darieis ao tra-

balho de subtrair aos olhos dos anjos reunidos os pequenos móveis de vossas grandes ações? E no entanto não há em nós mais de uma coisa que escapa aos olhos dos deuses sentados sôbre a montanha? Claro que há, e nossa alma não ignora que terá contas a prestar. Ela vive, sem nada dizer, sob a mão de um grande juiz do qual não chegaremos a aprender as sentenças. Mas quais serão essas contas? Onde encontrar a moral que o diga? Haverá uma moral misteriosa em regiões mais longínquas que as de nossos pensamentos? e um astro central que não vemos e do qual nossos mais secretos desejos não passem de planetas impotentes? Existirá no meio de nosso sêr uma árvore transparente de que tôdas as nossas ações e virtudes sejam apenas as flores e as fôlhas efêmeras? No fundo ignoramos os males que nossa alma possa cometer e não sabemos ainda do que coraríamos diante de uma inteligência superior ou diante de outra alma; e, entretanto, quem de nós se julga puro a ponto de não temer um juiz? e que alma não tem mêdo de outra alma?

*
* *

Aqui não estamos mais nos vales conhecidos da vida animal ou psíquica. Chegamos às portas do terceiro círculo: o da divina vida dos místicos. Só tateando conseguiremos transpôr o limiar. E depois de transposto o limiar, onde estão as certezas? Onde se escondem as admiráveis leis que sem cessar inconscientemente transgredimos, mesmo que nossa alma seja das esclarecidas? E de onde provem a sombra dessas misteriosas transgressões, que por vêzes se estendia sôbre nossa vida e a tornava subitamente tão dura de viver? Quais os grandes pecados espirituais que podemos cometer? Teremos vergonha de ter lutado con-

tra nossa alma ou nossa alma luta invisìvelmente contra Deus? E será esta luta a tal ponto silenciosa que nem um suspiro force as paredes? Não haverá um momento em que podemos ouvir a rainha de lábios fechados? Ela cala-se em esperança em todos os acontecimentos da superfície, mas não haverá outros apenas entrevistos e que no entanto tocam em fôrças eternas e profundas? Eis alguem que morre, que olha ou chora; eis um vosso inimigo que passa, ou outro que se aproxima pela primeira vez; não é nesse momento que a alma cochicha? E se vós escutais e no entanto já não amais o amigo para o qual sorrides neste momento? Mas tudo isto é nada e nem se aproxima das claridades exteriores do abismo. Não podemos falar dessas coisas porque somos muito sós. Hoje, diz Novalis, a alma não se move aqui e ali; quando, pois, agitar-se-á inteiramente e quando começará a humanidade a adquirir consciência em massa? Só então alguns aprenderão alguma coisa. E' preciso esperar pacientemente que essa consciência superior se forme pouco a pouco. E então haverá homens que consigam exprimir o que todos sentimos, nós que estamos dêste lado da alma, que é como a face da lua que ainda não pudemos perceber desde o comêço do mundo.

V

SÔBRE AS MULHERES

Neste domínio também as leis são desconhecidas. Acima de nossas cabeças brilha no meio do céu a estrêla do amor que nos está destinado; e todos os nossos amores nascerão, até o fim, nos raios e na atmosfera dessa estrêla. Inutilmente escolheremos à direita ou à esquerda, sôbre as alturas ou nos "bas-fonds"; para saírmos dêste círculo encantado em tôrno de todos os atos de nossa vida, inutilmente violaremos nosso instinto e tentaremos escolher contra a escolha de nossa estrêla: acabaremos afinal elegendo a mulher descida do astro invariável. E se como Don Juan beijamos mil e três mulheres, quando vier a noite em que os braços se desatam e os lábios se separam, reconheceremos que é ainda a mesma mulher, a boa ou a má, a terna ou a cruel, a amante ou a infiel, quem se ergue diante de nós...

Na realidade nunca saímos do pequeno círculo de luz que nosso destino traçou em redor de nossos passos. e dir-se-á que os homens mais distanciados entre si conhecem a nuânce e a extensão dêsse anel intransponível. E' a luz dêsses raios espirituais o que êles percebem logo de início e que faz que nos estendam a mão sorrindo ou a retirem com receio. Nós todos nos conhecemos numa atmosfera superior, e a idéia que

faço de um desconhecido participa imediatamente de uma verdade misteriosa e mais profunda que a matéria. Quem de nós já não experimentou essas coisas que se passam nas regiões impenetráveis da humanidade quase astral? Se recebeis uma carta vinda do fundo de uma ilha perdida no grande coração dos oceanos, e escrita por mão estranha, estareis certo de que seja um desconhecido que vos escreve? e no momento da leitura não experimentais sôbre essa alma que vos encontra assim — só os deuses sabem em quais esferas — certezas mais infalíveis e mais graves que tôdas as certezas comuns? E, por outro lado, crêdes que essa alma que pensava na vossa ou acaso do espaço e do tempo não tinha tambem certezas análogas?

Em tôda parte ocorrem estranhos reconhecimentos e não podemos esconder nossa existência. Nada parece projetar sôbre os liames sutís ligadores de tôdas as almas, uma luz mais especial que êsses pequenos mistérios da troca de cartas entre dois desconhecidos. E' talvez uma das estreitas fendas — mesquinhas, sem dúvida, mas como há muito pouca luz temos de nos contentar com as mais fracas — é talvez uma das estreitas fendas na porta de trevas por onde podemos entrever por um instante o que se deve passar na gruta dos tesouros jamais descobertos. Examinai a correspondência passiva dum homem e nela encontrareis não sei que singular unidade. Não conheço nenhum dos dois homens que me interrogam esta manhã, e entretanto sinto que não poderei responder ao primeiros da mesma maneira que vos responder ao segundo. Vi qualquer coisa de invisível. E, a meu turno, se algum desconhecido me escreve, alguem que eu jamais haja notado, estou certo de que a sua carta não é semelhante à que êle mandou ao amigo que me olha neste momento. Haverá sempre uma diferença espiritual inapreensível. É o sinal da alma que invisi-

velmente saúda outra alma. Cumpre-nos admitir que nos conhecemos em regiões desconhecidas e que possuimos uma pátria comum para onde vamos, onde nos encontramos e de onde sem esfôrço voltamos.

E' também nessa pátria comum que escolhemos as criaturas amadas e porisso não nos enganamos e essas criaturas também não se enganam. O reino do amor é antes de tudo o grande reino das certezas, porque é aquêle onde as almas dispõem de mais lazeres. Ali elas não têm outra coisa a fazer senão se reconhecerem, se admirarem profundamente e se interrogarem com lágrimas nos olhos, como jovens irmãs que se encontram, enquanto os braços se entrelaçam e os lábios se entrecruzam tão longe delas... Têm enfim tempo de sorrir e viver um instante por si mesmas na trégua da quotidiana e áspera vida; e é talvez das alturas dêsse sorriso e dêsses olhares indizíveis que se derrama, sôbre os minutos mais insípidos do amor, o sal misterioso que conserva para sempre a lembrança do encontro de duas bocas... Não falo aqui senão do amor predestinado e verdadeiro. Quando encontramos uma daquelas que a sorte nos reservou e fêz sair do fundo das grandes cidades espirituais onde vivemos sem o saber, para enviá-la à encruzilhada do caminho onde devemos passar a certa hora, nós somos advertidos desde o primeiro olhar. Alguns tentam então violar a sorte. Pode ser que tapemos violentamente os olhos para não ver o que é preciso ver, e que, lutando com tôdas as nossas pequenas fôrças contra as eternas, cheguemos a atravessar a caminho rumo a outra enviada, que, entretanto, lá não está para nós. Por mais que façamos não chegaremos a "agitar a água morta nas grandes cubas do futuro". Nada advirá disso; a fôrça pura das alturas não descerá, e êsses beijos e essas horas inúteis recusar-se-ão a reunir-se às horas e aos beijos reais de nossa vida...

O destino fecha por vêzes os olhos, mas sabe bem que a êle voltaremos à noite, e que só a êle cabe a última palavra. Pode o destino fechar os olhos, mas o tempo empregado nisso é um tempo que se perde...

Parece que a mulher é mais sujeita ao destino que o homem. Suporta-o com uma simplicidade bem maior. Contra êle não luta nunca sinceramente. Está mais próxima de Deus e entrega-se com menos reserva à pura ação do mistério. E' por essa razão, sem dúvida, que todos os acontecimentos em que a mulher se imiscue em nossa vida parecem conduzir-nos para alguma coisa semelhante às fontes mesmas do Destino. E' sobretudo junto dela que temos por instantes e de passagem "um nítido pressentimento" duma vida nem sempre paralela à vida aparente. A mulher nos aproxima das portas de nossa alma. Quem sabe se não é num dêsses profundos instantes em que dormiram sôbre seu seio, que os heróis sentiram a fôrça e a fidelidade da estrêla pessoal? E acaso terá o homem que não repousou sôbre o coração duma mulher, o sentimento exato do porvir?

Entramos mais uma vez nos círculos perturbados da consciência superior. Ah! como é certo que aqui também a "soi-disant psicologia é uma dessas larvas que usurparam no santuário o lugar reservado às imagens verdadeiras dos deuses!" Pois não se trata sempre da superficie; nem mesmo dos arrière pensées mais graves. Acreditais então que no amor só haja pensamentos, atos e palavras, e que as almas não saem destas prisões?· Acaso terei necessidade de saber se aquela que hoje beijo é ciumenta e fiel, risonha ou triste, sincera ou pérfida? Imaginais que essas pequenas e miseráveis palavras vão subir até às alturas onde nossas almas se sentam e onde nosso destino se cumpre em silêncio? Que importa a mim que ela me fale de chuva ou de jóias, de plumas ou agulhas, e que

pareça não me compreender? Supondes que eu tenha sêde duma palavra sublime, quando sinto que uma alma me olha dentro da alma? e que eu não saiba que os mais admiráveis pensamentos não têm o direito de erguer a cabeça em face dos mistérios? Estou sempre à borda do oceano, e se eu fosse Platão, Pascal ou Miguel Angelo, a minha amante me falasse de seus brincos, tudo o que eu lhe dissesse e tudo o que ela me dissesse flutuaria com o mesmo aspecto sôbre as profundidades do mar interior que contemplamos um no outro. Meu mais alto pensamento não pesará mais nas balanças da vida ou do amor do que as três palavrinhas que a criança que me amava me terá dito sôbre seus aneis de prata, sôbre seu colar de pérolas ou de pedaços de vidro...

Somos nós que não compreendemos, porque estamos sempre nos **bas-fonds** de nossa inteligência. Basta subirmos até as primeiras neves da montanha, e tôdas as desigualdades se aplainam sob a mão purificadora do horizonte que se abre. Que diferença há então entre uma palavra de Marco-Aurélio e a frase da criança que constata que faz frio? Sejamos humildes e saibamos distinguir o acidente da essência. Não é preciso que "detritos flutuantes" nos façam esquecer os prodigios do abismo. Os mais belos pensamentos e as mais mesquinhas idéias não alteram o aspecto eterno de nossa alma, como os Himalaias ou os abismos não modificam, no meio das estrêlas do céu, o aspecto do nosso planeta. Um olhar, um beijo, e a certeza dum apresença invisível e poderosa: eis tudo — e eu sei que estou ao lado de uma igual...

Mas a igual é verdadeiramente admirável e estranha; e desde que ame, a última das mulheres perdidas possue qualquer coisa que nós não possuimos, porque em seu pensamento o amor é sempre eterno. Será por esta razão que tôdas elas têm com os poderes

primitivos contatos que nos são interditos? Os melhores dentre nós encontram-se quase sempre a grandes distâncias de seus tesouros do segundo círculo; e quando um momento solene da vida exige uma das jóias dêsse tesouro, êles não mais se lembram dos caminhos que ao tesouro conduzem, e futilmente oferecem jóias falsas de sua inteligência. Mas a mulher não esquece o caminho; e se eu a surpreendo na opulência ou na miséria, na ciência ou na ignorância, na vergonha ou na glória; se lhe digo uma palavra saída realmente das profundidades virgens de minha alma, ela saberá encontrar os caminhos misteriosos que nunca perdeu de vista, e sem hesitação me trará simplesmente, do fundo das inesgotáveis reservas do amor, uma palavra, um gesto ou um olhar tão puro quanto o meu. Dir-se-á que sua alma está sempre ao alcance da mão, sempre pronta dia e noite a responder às mais altas exigências de outra alma; e o resgate da mais pobre não se distingue do resgate das rainhas...

Aproximemo-nos com respeito das menores e das mais altivas, das distraídas e das sonhadoras, das que ainda riem e das que choram; pois elas sabem coisas que ignoramos e possuem uma lâmpada que perdemos. Habitam ao pé do Inevitável e conhecem melhor que nós o caminho a êle conducente, razão pela qual elas mostram certezas espantosas e gravidades admiráveis, nos mínimos atos, sustentadas pelas mãos seguras e fortes dos grandes deuses. Afirmei atrás que as mulheres nos aproximavam das portas do nosso sêr; e na verdade tôdas as relações com elas parecem realizar-se pela fresta dessa porta primitiva e nos incompreensíveis cochichos que acompanham o nascimento das coisas, ainda que murmurados em voz baixa, no mêdo de não ouvir uma proibição ou uma ordem imprevista...

A mulher não transpõe o liminar dessa porta, e nos espera do lado de dentro, onde se encontram as fontes. E desde que venhamos a bater de fora, e que ela abra, a sua mão jamais abandona a chave ou o batente. Ela olha por um instante o enviado que se aproxima, e nesse breve momento aprende tudo o que é preciso aprender. Quem nos dirá o que contém o primeiro olhar do amor, "essa vara mágica feita de um raio de luz quebrada", raio emerso do fôgo eterno de nosso sêr, que transfigurou duas almas e as rejuvenesceu de vinte séculos? A porta ainda se abre ou se fecha; não façais mais nenhum esfôrço, pois tudo está decidido. Ela sabe. Ela não mais levará em conta vossas ações, vossas palavras, vossos pensamentos; e se ainda os observa, o faz a sorrir, e rejeitará sem se enganar tudo quanto não confirme as certezas do primeiro olhar. E se crêdes induzí-la em êrro, ficai sabendo que ela tem razão contra vós mesmo e que ùnicamente vós errais, pois sois mais realmente o que sois aos olhos dela do que crêdes ser em vossa alma, pois mesmo ela se equivoca sem cessar sôbre o sentido dum sorriso, dum gesto ou duma lágrima...

Tesouros ocultos que não têm nome! Eu desejaria que todos os que experimentaram quanto elas são más, o proclamassem a seu turno e nos dessem as razões; e se essas razões forem profundas, nós espantar-nos-emos e iremos bem longe ao mistério. Elas são verdadeiramente as irmãs veladas de tôdas as grandes coisas que não vemos. São verdadeiramente as mais próximas parentas do infinito que nos envolve e as únicas que ainda sabem sorrir com a graça familiar da criança que não teme seu pai. Conservam aqui em baixo, como uma jóia celeste e inútil, o puro sal de nossa alma; e se elas se fossem, o espírito reinaria sòzinho sôbre um deserto. Elas nutrem ainda as divinas emoções dos primeiros dias, e suas raízes

afundam bem mais diretamente que as nossas em tudo que jamais tem limites. Lamento verdadeiramente os que delas se queixam, pois êstes não sabem em que alturas se acham os beijos verdadeiros. E, entretanto, como elas parecem pouca coisa quando os homens de passagem as olham! Êles as vêem agitar-se no seio de suas pequenas residências; esta aqui se inclina um pouco; lá adiante outra soluça; uma terceira canta, e a última borda; e ninguem compreende o que elas fazem!... Êles vêm visitá-las, como se visitam coisas que sorriem; não se aproximam delas senão com o espírito alerta, e a alma não pode entrar senão pelo maior dos acasos. Êles interpelam com desconfiança; elas não lhes dizem nada porque já sabem; e eis que êles se vão sacudindo os ombros, persuadidos de que elas não compreendem... "Mas que necessidade têm elas de compreender isto, nos responde o poeta; que necessidade têm elas de compreender essas almas bem-aventuradas que escolheram a parte melhor e que, tal uma pura flama de amor neste mundo terrestre, resplendem sôbre os cimos dos templos os dos navios errantes, como um sinal do fôgo celeste iluminador de tôdas as coisas? Muitas vêzes essas crianças que amam surpreendem, em horas sagradas, admiráveis segrêdos da natureza e os revelam com uma ingenuidade inconsciente. O sábio segue-lhes as pègadas para recolher tôdas as jóias que em sua inocência e alegria elas semeiam pelas estradas. O poeta que sente o que elas sentem, exalta-lhes o amor e em seus cantos procura transplantar êsse amor, germe da idade de ouro, para outros tempos e outros paises". Pois o que os poetas dizem do místico aplica-se sobretudo às mulheres que vêm até hoje conservando o misticismo em nosso planeta.

VI

RUYSBROECK, O ADMIRÁVEL

Grande número de obras são mais regularmente belas que o livro de Ruysbroeck, o Admirável. Grande número de místicos são mais eficazes e mais oportunos — Swedendorg e Novalis entre outros. E' provável que os escritos de Ruysbroeck não correspondam senão escassamente às necessidades de hoje. Além disso, poucos autores conheço mais desastrados que êle, tanto divaga em estranhas puerilidades; e os vinte primeiros capítulos do **Ornamento das Núpcias Espirituais**, mesmo que sejam uma preparação necessária, não encerram mais que mornos e pios lugares comuns. Ruysbroeck não tem exteriormente nenhuma ordem, nenhuma lógica escolástica. Repete-se constantemente e parece por vêzes contradizer-se. Reune a ignorância da criança à ciência de um ressuscitado. Sua sintaxe titanica me pôs muitas vêzes em suores. Introduz uma imagem e esquece-a. Emprega mesmo um certo número de imagens irrealizáveis; e êste fenômeno, anormal em uma obra de boa fé, só pode ser explicado pela sua esquerdice ou extraordinária pressa. Ignora a maior parte dos artifícios da palavra e só pode falar do inefável. Ignora quase todos os hábitos, habilidades e recursos do pensamento filosófico, e adstringe-se a pensar só no incogitável. Quando nos fala de seu jardin-

zinho monacal, tem dificuldade em nos dizer suficientemente o que ali se passa; escreve então como uma criança. Empreende ensinar-nos o que se passa em Deus, e escreve páginas que Platão não poderia subscrever. Mostra de todos os lados uma desproporção monstruosa entre a ciência e a ignorância, entre a fôrça e o desejo. Dêle não devemos esperar uma obra literária; não percebereis senão o vôo convulsivo de uma aguia bebada, céga e ensanguentada, acima dos cumes nevados. Ajuntarei uma última palavra à guisa de advertência fraternal. Tem-me acontecido ler obras que passam por muito abstrusas: — os **Discípulos em Sais** e os **Fragmentos**, de Novalis, por exemplo; a **Biografia Literária** e o **Amigo**, de Samuel Taylor Coleridge; o **Timão**, de Platão; as **Ennéadas**, de Plotino; os **Nomes Divinos**, de São Diniz o Areopagita; a **Aurora**, do grande místico alemão Jacob Boehme, com quem o nosso autor mostra mais de uma analogia. Não ouso dizer que as obras de Ruysbroeck sejam mais abstrusas que estas, mas perdoamo-las menos por tratar-se de um desconhecido em que não temos confiança desde o comêço. Parece-nos indispensável prevenir honestamente aos ociosos no limiar dêste templo sem arquitetura; pois esta tradução só foi empreendida para a satisfação de alguns platônicos. Creio que todos os que não viveram na intimidade de Platão e dos neo-platonicos de Alexandria, não irão além nesta leitura. Crerão penetrar no vácuo; terão a sensação duma queda uniforme num abismo sem fundo, entre rochas negras e lisas. Não há neste livro nem o ar nem a luz comuns; é uma situação espiritual insuportável para os preparados. Nêle ninguem deve penetrar por curiosidade literária; não há ali berloques, e os botânicos de imagens lá não encontrarão mais flores do que sôbre os bancos de gêlo dos polos. Direi que é um deserto ilimitado onde êles morrerão de sêde. Os leitores encon-

trarão ali muito poucas frases que possam tomar nas mãos para admirar à maneira dos literatos; aquilo são jactos de flamas ou blocos de gêlo. Não há procurar rosas na Islândia. Pode ser que alguma corola surja entre dois **icebergs**; e há, com efeito, explosões singulares, expressões desconhecidas, similitudes inauditas, mas que não pagam o tempo perdido em sua procura tão longe. Antes de entrar aqui, é precisa a concentração num estado filosófico tão diferente do estado comum, quanto o estado de vigilia difere do sono; e Porfirio nos seus **Princípios da Teoria dos Inteligíveis**, parece ter escrito a advertência mais própria para ser posta à frente da obra de Ruysbroeck: "Pela inteligência se diz muitas coisas do princípio que é superior à inteligência. Mas temos disso bem melhor intuição pela ausência de pensamento do que pelo pensamento. Essa idéia é como a do sono, da qual falamos até um certo ponto em estado de vigilia, mas da qual só adquirimos o conhecimento e a percepção por meio do sono. Com efeito, o semelhante é conhecido pelo semelhante, e a condição de todo conhecimento é que o sujeito se torne semelhante ao objeto". Torno a dizer que é bem difícil compreender isto sem preparação; e creio que apesar de nossos estudos preparatórios, grande parte dêsse misticismo nos parecerá puramente teórico, e que a maior parte dessas experiências de psicologia sobrenatural não nos serão acessíveis senão na qualidade de espectadores. A imaginação filosófica é uma faculdade de educação muito lenta. Vemo-nos de repente nos confins do pensamento humano e bem além do círculo polar do espírito. Faz ali um frio extraordinário; o escuro é profundo e entretanto ali não encontrareis outra coisa além de flamas e luz. Mas aos que chegam, sem ter exercitado suas almas para essas novas percepções, tal luz e tais flamas são obscuras e frias como se fossem pintadas. Trata-se aqui da

mais exata das ciências, trata-se de percorrer os cumes mais ásperos e mais inabitáveis do divino "Conhece-te a ti mesmo", e o sol da meia-noite reinará sôbre o mar agitado onde a psicologia do homem se mistura à psicologia de Deus. Cumpre ter em vista que se trata de uma ciência muito profunda — e não de um devaneio. Os devaneios não são unânimes, não têm raízes, ao passo que a incandescente flor da metafísica divina, aqui desabrochada, tem raízes misteriosas na Pérsia e na Índia, no Egito e na Grecia. E entretanto parece inconsciente como uma flor, e ignora suas raízes. Infelizmente é quase impossível pôr-nos na posição da alma que sem esfôrço concebeu esta ciência; não o podemos perceber **ab intra** e nem a reproduzir em nós mesmos. Falta-nos o que Emerson chamaria **espontaneidade central.** Já não podemos transformar essas idéias em nossa própria substância; só nos é possível, no máximo, aprovar, de fora, as prodigiosas experiências nesse campo, ao alcance apenas de um mínimo número de almas em tôda a duração dum sistema planetário. "Não se justifica, diz Plotino, inquirir de onde vem esta ciência intuitiva, como se fosse algo dependente do lugar e do movimento; não é coisa que se aproxime daqui, nem se afaste de lá, afim de ir ter a qualquer parte; é coisa que aparece ou não aparece. De modo que não devemos perseguí-la na intenção de lhe descobrir as fontes secretas, e sim esperar em silêncio até que subitamente brilhe sôbre nós, preparando-nos para o espetáculo sagrado, como os olhos esperam pacientemente o nascer do sol". E em outro ponto êle ajunta: "Não é pela imaginação, nem pelo raciocínio obrigado a deduzir por si mesmo os seus princípios, que nós nos figuramos os inteligíveis (isto é, o que está lá em cima): é pela faculdade de os contemplar, faculdade que nos permite falar do assunto aqui em baixo. Vemo-los, pois, desper-

tando em nós aqui em baixo a mesma fôrça que deve despertar-se em nós, quando no mundo inteligível. Assemelhamo-nos a um homem que, galgando o cume dum rochedo, distinguesse com seu próprio olhar os objetos invisíveis para os que não subiram com êle". Mas mesmo que todos os sêres, desde a pedra e a planta até o homem, sejam contemplações, são contemplações inconscientes, e é-nos bem difícil encontrar em nós alguma lembrança da atividade anterior da faculdade morta. Somos semelhantes aqui ao olho na imagem neo-platônica: "Afasta-se da luz para ver as trevas, e por isso mesmo não a vê; pois não pode ver as trevas com a luz, e sem luz não poderá ver; dessa maneira, não a vendo vê as trevas no quanto se torna naturalmente capaz de as ver".

Adivinho o juizo que a maioria dos homens farão dêste livro. Verão nêle a obra dum monge alucinado, dum solitário desvairado e dum eremita perturbado pelo jejum e consumido pela febre. Verão um sonho estravagante e negro, atravessado de grandes relâmpagos e nada mais. Esta é a idéia comum que fazemos dos místicos; e com frequência esquecemos que a certeza só está nêles. Demais, se é verdade, como já foi dito, que todo homem é um Shakespeare em seus sonhos, temos de indagar se todo homem, em sua vida, não é um místico inarticulado, mil vêzes mais transcendental que todos os circunscritos pela palavra. Qual a ação do homem cujo último móvel não seja místico? E o olho da criatura que ama ou da mãe, por exemplo, não é mil vêzes abstruso, impenetrável e mais místico que êste livro, pobre e explicável, apesar de tudo, como todos os livros, os quais não passam de mistérios mortos onde o horizonte não se renova? Se não compreendemos isto, é talvez porque não compreendemos mais nada. Mas voltando ao nosso autor: sem dificuldade muitos reconhecerão que longe de ser acossado pela

fome, a solidão e a febre, êsse monge possuia, ao contrário, um dos mais sábios, exatos e sutís órgãos filosóficos que jamais existiram. Vivia numa cabana de Groenendael, em plena floresta de Soignes. Isso no começo de um dos séculos mais selvagens da Idade Média: o décimo quarto. Ignorava o grêgo e talvez o latim. Solitário e pobre. E, entretanto, no fundo dessa escura floresta do Brabant, sua alma ignorante e simples recebia sem saber os ofuscantes reflexos de todos os cumes solitários e misteriosos do pensamento humano. Conhecia, sem se dar conta, o platonismo da Grécia, a teosofia panteista da Pérsia, o bramanismo da Índia e o budismo do Tibê; e sua maravilhosa ignorância encontra a sabedoria dos séculos já sepultos e prevê a ciência de séculos vindouros. Eu poderia citar nos escritos do humilde padre flamengo páginas inteiras de Platão, de Plotino, de Porfírio, dos livros Zend, dos Gnósticos e da Cabala, nos quais a substância quase divina se encontra intata. Há aqui estranhas coincidências e unanimidades inquietantes. E ainda há mais: em certos momentos êle parece ter adivinhado a maioria de seus predecessores desconhecidos; e do mesmo modo como Plotino começa sua austera viagem na encruzilhada onde Platão assustado parou e se ajoelhou, poderse-ia dizer que Ruysbroeck despertou, depois de um repouso de muitos séculos, não êsse gênero de pensamento, porque êsse gênero não dorme nunca, mas êsse gênero de palavra adormecido sôbre as montanhas onde Plotino deslumbrado o abandonara, levando as mãos aos olhos, como diante de um grande incêndio.

Mas o organismo de seu pensamento difere estranhamente. Platão e Plotino são antes de tudo os princípes da dialética. Chegam ao misticismo pela ciência do raciocínio. Fazem uso da alma discursadora e parecem desconfiar da alma intuítiva ou contemplativa. O

raciocinio mira-se no espêlho do raciocinio e esforça-se por permanecer indiferente à intrusão de todos os outros reflexos. Continua seu curso como um rio de água doce no meio do mar, como o pressentimento da absorção próxima. Aqui reencontramos os hábitos de pensamento asiático; a alma intuitiva reina sòzinha, acima das idéias despidas de palavras. Os ferros do sonho caíram. Será menos seguro? Ninguem o saberia dizer. O espêlho da inteligência humana absolutamente não aparece nesse livro; mas existe outro espêlho, mais sombrio e profundo, que nós escondemos no mais íntimo de nossa alma; nenhum detalhe ali se vê distintamente, e as palavras não podem manter-se na superfície; a inteligência a quebraria se ela ali refletisse um instante a sua luz profana; mas outra coisa ali se mostra por momentos; — será a alma? será Deus? ou um e outro ao mesmo tempo? Não o saberemos nunca; e entretanto essas aparições quase invisíveis são as únicas e reais soberanas da vida humana, ainda do mais incrédulo e mais cégo dentre nós. Aqui não percebereis outra coisa senão os reflexos obscuros dêsse espêlho; e como seu tesouro é inesgotável, êsses reflexos não se parecem com nenhum dos que experimentamos em nós mesmos, e apesar de tudo a certeza de Ruysbroeck parece extraordinária. E' o motivo pelo qual não conheço nada de mais espantoso que êste livro de boa fé. Não há no mundo uma noção psicológica, uma experiência metafísica, uma intuição mística, por mais abstrusa, profunda e inesperada que possa ser, que não possamos reproduzir e fazer viver um instante em nós mesmos, afim de verificarmos a sua identidade humana; mas em Ruysbroeck somos semelhantes ao pai cégo que não pode mais lembrar-se do semblante dos filhos. Nenhum dêsses pensamentos tem o aspecto filial ou fraternal de um pensamento da terra; é como se tivessemos perdido a experiência de Deus e

entretanto tudo nos afirma que não entramos na mansão dos sonhos. Será o caso de clamar, com Novalis, que já passou o tempo em que compreendiamos o espírito de Deus e que o senso do mundo está para sempre perdido? Que outróra tudo era aparição do Espírito e hoje só percebemos reflexos mortos e incompreensíveis, e que vivemos ùnicamente dos frutos de tempos melhores.

Cumpre-nos humildemente confessar que a chave dêsse livro não se encontra nas estradas comuns do espírito humano. Essa chave não se destina a portas terrestres; é preciso merecê-la, distanciando-nos tanto quanto possível da terra. Um só guia ainda é encontrado nessas encruzilhadas solitárias, e êle nos dá as últimas indicações referentes a essas misteriosas ilhas de fôgo e essas Islândias da abstração e do amor; foi Plotino quem se esforçou por analisar por meio da inteligência a faculdade divina que reina aqui. Experimentou os mesmos êxtases que não são, no fundo, senão o comêço da descoberta completa de nosso sêr; e no meio de suas perturbações e trevas não fechou um instante os olhos interrogadores do psícolo que procura dar-se conta dos mais insólitos fenômenos de sua alma. E' assim o último molhe de onde possamos compreender um pouco as vagas e o horizonte dêsse mar obscuro. Esforça-se por prolongar os caminhos da inteligência comum até o coração dessas devastações — e por isso temos de voltar sempre a êsse místico analitico, o único. Aos que tentarem essas prodigiosas excursões, quero dar aqui uma das páginas em que êle tentou explicar o organismo dessa faculdade divina da introspecção.

"Na intuição intelectual", diz êle, "a inteligência vê os objetos inteligíveis por meio da luz que sôbre êles derrama a Primeira; e vendo êsses objetos ela realmente percebe a luz inteligível. Mas como dá a sua

atenção aos objetos iluminados, não vê bem nitidamente o princípio que os ilumina; se, ao contrário, a inteligência esquece o sobjetos que vê para contemplar apenas a claridade que os torna visíveis, perceberá a própria luz e o princípio da luz. Mas não é fora de si mesma que a inteligência contempla a luz inteligível. Assemelha-se então ao olho que, sem consisiderar uma luz exterior e estranha, antes mesmo de a perceber, é subitamente ofuscado por uma claridade que lhe é própria, ou por um raio que se projeta dêle próprio e lhe aparece no meio das trevas; o mesmo se dá quando o olho, para nada ver dos outros objetos, fecha a pálpebra e tira a si mesmo a luz; ou quando, comprimido pela mão, percebe a luz que tem em si. Nesse caso, sem nada ver do exterior o ôlho vê; vê mais que em qualquer outro momento, porque vê a luz. Os outros objetos que antes via, embora luminosos, não eram a própria luz. Assim também, quando a inteligência de qualquer modo fecha os olhos aos outros objetos, e se concentra em si própria, nada vendo, vê, não uma luz exterior que brilha nas formas exteriores, mas suas própria luz que, de repente, irradia de dentro numa claridade pura.

"E preciso", diz-nos êle ainda, "que a alma que estuda Deus, forme dêle uma idéia ao procurar conhecê-lo; é preciso em seguida que, sabendo a que grande coisa ela quer unir-se, e persuadida de que nessa união encontrará a beatitude, ela mergulhe nos abismos da divindade, até que, em lugar de contemplar-se, ou contemplar o mundo inteligível, se torne um objeto de contemplação e brilhe com a claridade das concepções que têm lá em cima sua fonte".

Isto é quase tudo que a sabedoria humana nos pode dizer aqui; quase tudo o que o princípe dos metafísicos transcendetais pôde exprimir; quanto às outras explicações torna-se preciso que as encontremos em nós

mesmos nas profundezas onde tôda explicação deixa de expressar-se. Não só no céu e na terra, mas sobretudo em nós mesmos, é que há mais coisas do que o podem sonhar tôdas as filosofias; e desde que já não somos obrigados a formular o que há de misterioso em nós, tornamo-nos mais profundos do que tudo quanto foi escrito, e maiores do que tudo quanto existe.

Se eu traduzi isto, foi ùnicamente por acreditar que os escritos dos místicos são os mais puros diamantes do prodigioso tesouro da humanidade; mas a tradução é talvez inútil, pois a experiência parece provar que bem pouco importa que o mistério da encarnação de um pensamento se cumpra na luz ou nas trevas; basta que se realize. Mas, seja como fôr, as verdades místicas têm sôbre as verdades comuns um estranho privilégio; essas verdades não podem envelhecer nem morrer. Não há uma verdade que não tenha certa manhã descido sôbre êste mundo, admirável de fôrça e juventude e coberta do fresco e maravilhoso orvalho próprio das coisas ainda não ditas; percorrei hoje as enfermarias da alma humana onde todos vêm morrer todo sos dias: não encontrareis nunca um só pensamento místico. Possuem êles a imunidade dos anjos de Swedenborg que avançam continuamente para a primavera de sua juventude, de sorte que os anjos mais velhos parecem os mais jovens; e mesmo que venham da Índia, da Grécia ou do Norte, não têm pátria nem aniversário, e por tôda parte onde os encontremos parecem imóveis e atuais como o próprio Deus. Uma obra só envelhece na proporção de seu anti-misticismo; é a razão pela qual êsse livro não traz nenhuma data. Sei que êle é anormalmente negro, mas um autor sincero e de boa fé nunca é obscuro no sentido eterno desta palavra, porque sempre se compreendeu a si mesmo e infinitamente além do que diz. Só as idéias artificiais se criam em trevas e não prosperam senão

nas épocas literárias e na má fé dos séculos muito conscientes, quando o pensamento do escritor permanece aquem do que êle exprime. Temos lá a sombra fecunda duma floresta e temos aqui a obscuridade duma cova onde só desabrocham sombrias parasitas. Também é preciso ter em conta êste mundo desconhecido que suas frases deviam esclarecer através da fraca transparência das palavras e pensamentos. As palavras foram inventadas para os usos comuns da vida, e mostram-se infelizes, inquietas e espantadas como vagabundos em redor dum trono, quando, de tempos em tempos, alguma alma real as leva alhures. E, por outro lado, não é acaso o pensamento a imagem exata do não sei quê que o fêz nascer? e não é sempre a sombra duma luta semelhante à de Jacó com o anjo, e confusa na proporção do tamanho da alma e do anjo? Ai de nós, diz Carlyle, se não tivessemos no imo senão o que podemos exprimir e fazer vêr! Sei que há nas páginas de Ruysbroeck a sombra de objetos que não nos lembramos de ter visto, dos quais o monge não se detem a elucidar o uso, e que só reconheceremos quando virmos os próprios objetos ou outro lado da vida; enquanto isso, a revelação de Ruysbroeck nos faz olhar ao longe — e é muito. Sei ainda que muitas de suas frases flutuam como transparentes blocos de gêlo sôbre o mar incolor do silêncio, mas existem; foram separadas das águas — e basta. Sei enfim que as estranhas plantas que êle cultivou sôbre os cumes do espírito estão cercadas de núvens especiais, mas essas núvens só ofendem os que olham de baixo; e se tivermos a coragem de subir, perceberemos que elas são a própria atmosfera dessas plantas, e a única em que elas podem desabrochar ao abrigo da inexistência. Pois é uma vegetação tão sútil que apenas se distingue do silêncio de que tirou a seiva e no qual parece inclinar-se para a dissolução. Tôda essa obra, ademais,

é como o vidro de aumento aplicado sôbre as trevas e o silêncio; por vêzes não distinguimos imediatamente a extremidade das idéias ali mergulhadas. E' o invisível que transparece por momentos, e evidentemente se torna preciso alguma atenção para espreitar sua volta. Êsse livro não está muito distanciado de nós; está provàvelmente no mesmo centro de nossa humanidade; nós é que estamos muito longe dêsse livro; se êle nos parece desalentador como o deserto, se a desolação do amor divino ali parece terrível e a sêde das ulturas parece insuportável, não quer isso dizer que a alma seja muito velha, mas que nós estamos muito velhos, sim, e tristes e sem coragem, como anciãos em redor de uma criança. E é outro místico, Plotino, o grande místico da antiquidade, que tem razão, quando diz aos que se lamentam de nada vêr sôbre as alturas da introspecção: "E' preciso, primeiro, tornar o órgão da visão análogo e semelhante ao objeto a contemplar-se. Jamais os olhos perceberiam o sol, se antes não tivessem tomado a forma do sol; como a alma não saberá vêr a beleza, se antes não tornar-se bela, e todo homem deve tornar-se belo e divino, para obter a visão do belo e da divindade".

VII

EMERSON

"Uma única coisa importa", diz Novalis, "é a procura do nosso eu transcendental". Êsse eu nós o percebemos por momentos nas palavras de Deus, dos poetas e dos sábios, no fundo de algumas alegrias e de algumas dôres, no sono, no amor e nas enfermidades, e em conjunturas inesperadas sem que de longe êle nos faz sinal e nos aponta nossas relações com o universo. Alguns sábios entregaram-se a essa procura e escreveram êsses livros onde só reina o extraordinário.

"Que há de velar nos livros", diz Novalis, "senão o transcendental e o extraordinário?" Eram como pintores se esforçando por apanhar uma semelhança nas trevas. Uns traçaram imagens abstratas, muito grandes, mas quase indistintas. Outros conseguiram fixar uma atitude ou um gesto habitual da vida superior. Muitos imaginaram sêres estranhos. Não existe um grande número dessas imagens, que nunca se assemelham entre si. Algumas são de grande belezas e os que as desconhecem lembram homens que nunca viram o meio-dia. Algumas há de linhas mais puras que as linhas do céu; e essas figuras não parecem tão longínquas que ignoramos se elas vivem ou representam projeções de nós mesmos. São a obra dos místicos puros, em que o homem ainda não se reconhece.

Outros — os que denominamos poetas — falaram-nos indiretamente dessas coisas. Uma terceira classe de pensadores, elevando de um gráu o velho mito dos centáuros, nos deu dessa identidade oculta uma imagem acessível com a mistura das linhas do nosso eu aparente às de nosso eu superior. O rosto de nossa alma divina ali sorri momentâneamente por cima do ômbro de sua irmã, a alma humana inclinada às humildes necessidades do pensamento; e êsse sorriso, que de relance nos faz entrevêr tudo o que há além do pensamento, é o que tem importância nas obras dos homens...

Não são numerosos os que nos mostraram que o homem é maior e mais profundo que o homem, e que assim chegaram a fixar alguma das alusões eternas que encontramos a cada instante na vida, num gesto, num sinal, num olhar, numa palavra, num silêncio e nos acontecimentos que nos rodeiam. A ciência da grandeza humana é a mais estranha das ciências. Nenhum homem a ignora; mas quase todos não sabem que a possuem. A criança que me encontra não será capaz de dizer à sua mãe o que viu; e, entretanto, desde que seus olhos me viram, ela sabe tudo o que sou, tudo o que fui, tudo o que serei, tão bem quanto meu irmão é tres vêzes melhor que eu próprio. A criança me conhece imediatamente no passado e no futuro, neste mundo e nos outros, e seus olhos me revelam o papel que represento no universo e na eternidade. As almas infalíveis se entrejulgam; e desde que o olhar da criança admitiu meu olhar, meu rosto, minha atitude, e todo o infinito que os envolve e de que são os interpretes, ela sabe com quem lida; e mesmo que não distinga a corôa dum imperador da sacola dum mendigo, ela conheceu-me, por um momento, tão exatamente como Deus.

E' verdade que agimos como deuses, e tôda a nossa vida se passa no meio de certezas e infalibilidades infinitas. Mas somos cégos a brincar com pedrarias ao longo das estradas: e o homem que bate à minha porta dá-me, no momento em que me saúda, tão maravilhosos tesouros espirituais quanto o príncipe que eu salvei da morte. Abro-lha; e num instante êle vê a seus pés, como do alto duma torre, tudo quanto ocorreu entre duas almas. A camponêsa a quem perguntei sôbre o caminho, julgo-a tão profundamente como se lhe tivesse pedido a vida de minha mãe, e sua alma me falou ìtimamente quanto a de minha noiva. Ràpidamente ela subiu aos maiores mistérios antes de me responder; depois me disse tranqüilamente, sabendo de súbito quem eu era, que tomasse à esquerda o caminho da aldeia. Se passo uma hora no meio duma multidão, terei sem nada dizer e sem nisso pensar um só momento, julgado mil vêzes os vivos e os mortos — e qual dêsses julgamentos será reformado no derradeiro dia? Há neste quarto cinco ou seis criaturas que falam da chuva e do bom tempo; mas acima desta fútil conversação seis almas mantêm um colóquio do qual nenhuma sabedoria humana poderia aproximar-se sem perigos, e conquanto elas falem através dos olhos, das mãos, do rosto e de tôda presença de cada um, essas criaturas ignorarão sempre o que as almas disseram. E' preciso, entretanto, que as criaturas esperem o fim do inapreensível diálogo, e por essa razão elas mostram não sei que alegria misteriosa em seu tédio, sem conhecer o que nêles escuta tôdas as leis da vida, da morte e do amor, os quais passam como rios inesgotáveis em redor da casa.

E' assim por tôda parte e sempre. Não vivemos senão conforme nosso ser transcendental, de que as ações e os pensamentos voaram a cada instante o envoltório que nos cerca. Vou hoje vêr um amigo des-

conhecido, mas conheço sua obra e sei que sua alma é extraordinária e que êle passou a vida a manifestá-la tão exatamente quanto possível, como é o dever das inteligência ssuperiores. Sinto-me cheio de inquietação, diante da solenidade da hora. Êle entra; e grande número de anos transformam-se em pó ao movimento da porta que se abre com a sua presença. Êle não é o que supõe ser. Tem natureza diferente de seus pensamentos. Uma vez mais constatamos que os emissários do espírito são sempre infiéis. Êle disse sôbre sua alma coisas muito profundas; mas nesse instante mínimo que separa o olhar que se detem do olhar que se distancia, apreendi tudo o que êle não pôde nunca dizer e tudo o que não poderá jamais fazer viver em seu espírito. Êle me pertence para sempre. Outrora estivemos unidos pelo pensamento. Hoje uma coisa mil e mil vêzes mais misteriosa que o pensamento nos entrega um ao outro. Há anos e anos que esperavamos êste momento; e eis que sentimos ser tudo inútil, e de mêdo do silêncio nós, que estavamos preparados para mostrar um ao outro maravilhas secretas e prodigiosas, entramos a falar da hora que sôa ou do sol que se deita, a fim de dar a nossas almas o tempo preciso para se admirarem e de se unirem em outro silêncio que o murmúrio dos lábios e do pensamento não poderá perturbar...

No fundo, não vivemos senão de alma para alma — e somos deuses que se ignoram. Se me é possível esta tarde suportar o isolamento e desço entre os homens, êles me dirão que a tempestade acaba de derrubar suas peras ou os últimos gêlos obstruiram o porto. Foi para isso que vim? E, entretanto, em breve me retirarei com a alma satisfeita e tão cheia de fôrça e tesouros novos, como se tivesse passado aquêles momentos com Platão, Sócrates e Marco-Aurélio. O que os homens diziam nada tinha que vêr com o que a pre-

sença dêles proclamava, e é impossível ao homem não ser grande e admirável. O que o pensamento pensa não tem nenhuma importância ao lado da verdade que somos e que se afirma em silêncio; e se após cinqüenta anos de solidão Epicteto, Goethe e São Paulo aportassem à minha ilha, não poderiam dizer senão o que me diria, naquele mesmo instante e talvez mais imediatamente, um pequeno grumete de seu navio...

O que há de mais estranho no homem é a sua gravidade e a sua sabedoria oculta. O mais frívolo nunca realmente ri entre nós, e apesar de seus esforços não consegue perder um minuto, pois a alma humana está sempre atenta e nada faz de inútil. **Ernst ist das Leben**, a vida é grave e no fundo de nosso ser nossa alma ainda não sorriu. Do outro lado das nossas agitações involuntárias nós levamos uma existência maravilhosa, imóvel, muito pura e segura, e a ela sem cessar aludem as mãos que se estendem, os olhos que se abrem, os olhares que se encontram.

Todos os nossos órgãos são cumplices místicos dum ser superior — e não é jamais um homem, sim uma alma, que conhecemos. Não vi aquele pobre que implorava esmola nos degraus de minha porta; mas percebi outra coisa: em nossos olhos dois destinos idênticos se saudavam e se amavam; e no momento em que êle estendia a mão, a pequenina porta da casa se entreabriu um instante sôbre o mar.

"Em minhas relações com meu filho", diz Emerson, "nada me servem o grego, o latim ou tudo o que sei, ou todo o ouro que possuo; ùnicamente importa o que tenho na alma. Se tenho uma vontade, a ela meu filho opõe a sua; temos vontade contra vontade — e se eu insisto em querer, fica-me a vergonha de abusar de minha fôrça; mas se renúncio à minha vontade, e se procedo em nome da alma, colocando-me como árbi-

tro entre nós dois, através de seus jovens olhos espia a mesma alma — e êle se mostra reverente e amoroso."

Mas se é verdade que o último dentre nós não pode fazer o mínimo gesto sem ter em conta a alma e os reinos espirituais onde ela reina, também é verdade que os mais sábios quase nunca sonham com êsse infinito que move a pálpebra que se abre, a cabeça que se inclina, a mão que se fecha. Tão longe vivemos de nós mesmos, que ignoramos quase tudo o que se passa no horizonte de nosso ser. Erramos ao acaso pelos vales, sem pensar que todos os nossos gestos são produzidos e só adquirem a sua verdadeira significação no cume da montanha; e faz-se mistér que em certos momentos alguém nos venha dizer: Erguei os olhos, vêde o que sois, vêde o que fazeis; não é aqui que vivemos — é lá em cima. Êsse olhar trocado na sombra; essas palavras que ao pé da montanha não tinham sentido, vêde no que se tornaram e o que significam para além das neves dos cimos; e vêde como nossas mãos, que julgavamos tão fracas e pequenas, atingem Deus a cada instante sem o saber.

Alguns homens têm vindo assim nos bater no ombro a fim de nos apontar com o dedo o que se passa sôbre as geleiras do mistério. Não são numerosas. Três ou quatro neste século. Cinco ou seis nos outros; e tudo quanto puderam dizer é nada aos olhos do que se passa e do que nossa alma não ignora. Mas que importa? Somos semelhantes a um homem que perdesse os olhos nos primeiros anos da infância depois de ver o espetáculo inumerável dos seres — o sol, o mar, a floresta. Essas maravilhas agora encontram-se para sempre incorporadas em sua substância; e se delas lhe falais, que podereis dizer e que serão vossas pobres palavras ao lado da clareira, da tempestade e da aurora ainda vivas no fundo de seu espírito e de sua carne? Êle entretanto vos escutará com uma ale-

gria ardente e espantada; e embora saiba tudo e vossas palavras estejam para o que êle sabe como um copo d'água está para um grande rio, as pequenas frases impotentes murmuradas pela boca dos homens iluminarão um instante o oceano, a luz e as sombrias folhagens dormentes no meio das trevas sob suas pálpebras mortas...

As facetas dêsse "eu transcendental" de que fala Novalis são provàvelmente inúmeras, e nenhum dos moralistas místicos chegou a estudá-las. Swedenborg, Pascal, Novalis, Hello e alguns outros examinam as nossas relações com o infinito abstrato, sutíl e muito remoto. Levam-nos sôbre montanhas das quais os cumes não nos parecem naturais e habitáveis, e onde a respiração se faz com esfôrço. Goethe acompanha nossa alma pelas práias do mar da Serenidade. Marco-Aurélio fê-la sentar-se nas colinas humanas da bondade perfeita e lassa, e sob a folhagem triste da resignação sem esperança Carlyle, o irmão espiritual de Emerson, faz passarem como relâmpagos, sôbre o fundo de sombras e tempestade dum desconhecido sem cessar monstruoso, os únicos momentos heróicos de nosso ser. Conduz-nos como um rebanho acossado pela borrasca para pastagens ignoradas e sulforosas. Impele-nos para o mais profundo das trevas por êle descobertas com alegria, e só a estrêla intermitente e violenta dos heróis ilumina — e com um riso mau lá nos abandona, entregues à represália dos mistérios.

Mas, ao mesmo tempo, eis que surge Emerson, o bom pastor matinal dos prados frescos e verdes dum otimismo novo, natural e plausível. Não nos conduz para o lado dos abismos. Não nos faz sair do humilde círculo familiar, porque as geleiras, o oceano, as neves eternas, o palácio, o estábulo, o fogão apagado do pobre, o leito do enfêrmo, tudo está situado sob o mesmo céu purificado pelas mesmas potências infinitas.

Para muitos, Emerson veiu no momento em que era preciso — no instante em que tinhamos grande necessidade de explicações novas. As horas heróicas são menos aparentes e as da abnegação ainda não chegaram; só nos resta a vida quotidiana e entretanto não nos é possível viver sem grandeza. Emerson deu um sentido quase aceitável a esta vida já sem seus horizontes tradicionais, e mostrou-nos que a alma é bastante estranha, bastante profunda e grande, para não necessitar de outra méta além de si própria. Não que Emerson saiba mais que os outros; mas afirma com mais coragem e tem confiança no mistério. E' preciso viver, vós todos que atravessais dias e anos sem ação, sem pensamentos, sem luz, porque apesar de tudo vossa vida é incompreensível e divina. E' preciso viver, porque nada tem o direito de subtrair-se aos acontecimentos espirituais das semanas incolores. E' preciso viver porque não há horas sem milagres íntimos e sem significações inefáveis. E' preciso viver porque não há um ato, uma palavra, um gesto que escape de reivindicações inexplicáveis em um mundo "onde há muita coisa a fazer, e poucas coisas a saber".

Não há vida grande nem vida pequena, e a ação de Régulo ou de Leônidas perde tôda a importância quando a comparo a um momento da existência secreta de minh'alma. Ela poderia fazer ou não fazer o que êles fizeram — são coisas que a não atingem; e a alma de Régulo, depois de sua volta a Cartago, estava provàvelmente tão distraída e indiferente como a do operário a caminho da oficina. A alma se mantem muito distante de tôdas as nossas ações e pensamentos. Vive só, no íntimo de nós mesmos, uma vida que não confessa; e nas alturas em que a alma reina, a variedade das existências já não se distingue. Caminhamos acabrunhados sob o pêso de nossa alma; entre nós e ela não há proporção. Talvez que nossa alma jamais pen-

se no que fazemos e isto se lê claramente em nosso rosto. Se pudessemos perguntar a uma inteligência dum outro mundo qual a expressão sintética da face dos homens, a resposta seria, sem dúvida, depois da interpelada os haver visto em suas alegrias, dôres e inquietudes: **Êles parecem estar pensando em outra coisa.** Sêde grandes, sêde sábios e eloquentes; a alma do pobre de mão estendida num canto da ponte não será invejosa, mas a vossa lhe invejará talvez o seu silêncio. O herói tem necessidade de aprovação do homem comum, mas o homem comum não pede a aprovação do herói e prossegue na sua vida sem inquietação, como aquêle que tem todos os seus tesouros em lugar seguro. "Quando Sócrates fala", diz Emerson, "Lysis e Menexene não sentem nenhuma vergonha de silenciarem. E' que êles também são grandes. E Sócrates a êles se refere e os ama enquanto fala, porque todo homem encerra e é a própria verdade articulada por um homem eloquente. Mas no homem eloquente, justamente porque pode articular a verdade, essa verdade já reside menos; é a razão dêles se voltarem para êsses admiráveis silenciosos, cheios de deferência e respeito".

O homem é ávido de explicações. Necessita que lhe mostrem sua vida, e rejubila-se quando encontra algures a interpretação exáta dum pequeno gesto por êle feito vinte e cinco anos atrás. Em Emerson não há pequenos gestos; há a maioria das atitudes de nossa alma quotidiana. Nêle não encontrareis o carácter eterno do pensamento de Marco-Aurélio. Mas Marco-Aurélio é o pensamento por excelência. E, ademais, qual de nós leva a vida de Marco-Aurélio? Em Emerson está o homem e nada mais. E não aparece arbitràriamente engrandecido — apenas mais perto de nós do que habitualmente. E' João a podar suas árvores, é Pedro a construir sua casa, sois vós mesmos a me

falardes da colheita ou sou eu mesmo a vos dar a mão; mas vemo-nos postos no ponto em que tocamos os deuses e ficamos espantados do que fazemos. Ignorávamos que tôdas as fôrças da alma estavam presentes, não sabíamos que tôdas as leis do universo nos assistiam ali em redor — e nós nos voltamos, nos olhamos sem nada dizer, como criaturas que viram um milagre.

Ensinai-nos a venerar as pequenas horas da vida. Se pude agir esta manhã conforme o espírito de Marco-Aurélio, não vinde sublinhar minhas ações, pois eu também sei que qualquer coisa aconteceu. Mas se creio ter perdido meu dia em mesquinhas atividades, e se apesar disso podeis me provar que vivi tão profundamente quanto um herói, e que minh'alma não perdeu seus direitos, tereis feito mais do que se me houvesseis persuadido a salvar hoje meu inimigo, pois que aumentastes em mim a soma, a grandeza e o desejo da vida — e amanhã talvez eu possa aproveitar-me da lição.

VIII

NOVALIS (*)

"Os homens caminham por sendas diversas; quem os segue e compara verá nascer estranhas figuras", diz o nosso autor. Escolhi três dêsses homens cujas sendas nos levam a três cumes diferentes. Vi refletirem-se no horizonte as obras de Ruysbroeck, os picos mais azulados da alma, enquanto nas de Emerson os cimos mais humildes do coração humano se arredondavam irregularmente. Em Novalis nos encontramos sôbre os píncaros agudos e muitas vêzes perigosos do cérebro; mas há retiros cheios de deliciosa sombra entre as irregularidades verdejantes dêsses píncaros, e ali a atmosfera é de um inalterável cristal.

Admira vêr-se quanto o rumos da alma humana divergem no caminho para o inacessível. Será de interêsse seguir por um momento os traços das três almas que acabo de nomear. Partiram cada uma de seu lado, bem para além dos círculos seguros da consciência comum, e cada uma delas encontrou verdades que se não assemelham e que nós, entretanto, devemos acolher como irmãs pródigas e reencontradas. Uma verdade oculta é o que nos faz viver. Somos seus es-

---

(*) Trêcho do Prefácio à tradução de **Discípulos em Sais**, de Novalis.

cravos inconscientes e mudos, e enquanto ela não se revelar, estaremos encadeados. Mas se um dêsses seres extraordinários — antenas da alma humana inumeràvelmente una — por um instante, e aos tacteios nas trevas, suspeita a verdade, os últimos dentre nós, não sei por que súbito e inexplicável contra-golpe, se sentem libertados de qualquer coisa; uma nova verdade mais alta, mais pura e misteriosa toma o lugar da que se viu descoberta e fugiu para sempre; e a alma de todos inaugura uma éra mais serena e célebre, de profundas festas, em que nós só tomamos tardia e longuínqua parte. Creio ser dêsse modo que a verdade sobe, de rumo a um alvo que ela é a única a conhecer. Tudo o que possamos dizer nada é em si. Ponde num dos pratos da balança tôdas as palavras dos grandes sábios, e no outro a sabedoria inconsciente da criança que passa, e vereis que as revelações de Platão, Marco-Aurélio, Schopenhauer e Pascal não aumentarão de uma linha os grandes tesouros da inconsciência, pois a criança que se cala é mil vêzes mais sábia do que Marco-Aurélio falando. E, no entanto, se Marco-Aurélio não tivesse escrito as Meditações, uma parte dos tesouros ignorados que a nossa criança encerra não seria a mesma. Não é possível falar claramente dessas coisas, mas os que, mesmo pelo espaço de tempo rápido como orelâmpago, sabem interrogar-se profundamente e viver conforme o seu ser integral, sentem que é assim. Pode ser que se descubra um dia as razões pelas quais, se Platão, Swedenborg ou Plotino não tivessem existido, a alma do camponês que os leu e dêles nunca ouviu falar não fosse o que fatalmente é hoje. Seja como fôr, nenhum pensamento jamais se perdeu para alma nenhuma — mas há as partes de nós mesmos que não vivem senão graças a pensamentos que nunca foram expressos. Nossa consciência tem mais um gráu, e os mais sábios dentre nós só se

preocupam com a nossa consciência quase inconsciente, pois sentiram-na a ponto de tornar-se divina. Acrescer esta consciência transcendental parece ter sido sempre o desejo desconhecido e supremo dos homens. Pouco importa que êles o ignorem, pois ignoram tudo, mas agem em suas almas tão sàbiamente quanto os mais sábios. E' verdade que a maioria dos homens não deve viver um momento senão no instante da morte. Enquanto isso, essa consciência só cresce com o crescimento do inexplicável em redor de nós. Procuramos conhecer para aprender a não conhecer. Não nos engrandecemos senão engrandecendo os mistérios que nos esmagam; somos os escravos que só podem manter em si o desejo de viver aumentando sem cessar o pêso impiedoso de suas cadeias...

A história dessas cadeias maravilhosas é a única história de nós mesmos; pois não passamos de um mistério, e o que sabemos não é interessante. Não se estende até aqui; resume-se em algumas páginas, e dir-se-ia que os melhores dentre nós têm tido mêdo de pensar nisso. Quão poucos ousaram avançar até às extremidades do pensamento humano! e onde estão os nomes dos que ali permaneceram algumas horas? Mais de um de nós prometeu fazê-lo e outros empreenderam a viagem por um momento, mas pouco depois perderam a fôrça necessária para viver aqui, tombaram do lado da vida exterior, nos campos conhecidos da razão humana — "e tudo flutuava de novo, como outrora, diante dos olhos".

Na verdade, é difícil interrogar sua alma e reconhecer sua débil voz de criança no meio dos clamores inúteis que a rodeiam. E, entretanto, quão pouco importam os outros esforços do espírito quando nêles pensamos, e como nossa vida comum se passa longe de nós! Dir-se-ia que lá só aparecem os nossos semelhantes das horas vazias, distraídos e estereis; e que

aqui é o único ponto fixo de nosso ser e o lugar mesmo da vida. Temos de nêle nos refugiar continuamente. Sabemos todo o resto antes que nos digam; mas aqui aprendemos bem mais do que tudo quanto se possa dizer; e é no momento em que a frase se interrompe e as palavras se ocultam, que nosso olhar inquieto inopinadamente encontra, através dos anos e dos séculos, outro olhar que com paciência o esperava no caminho de Deus. As pálpebras movem-se ao mesmo tempo, os olhos umedecem-se do suave e terrível orvalho dum mistério idêntico — e sabemos que não estamos mais sòzinhos na estrada sem fim...

Que livros nos falam dêsse lugar da vida? Os metafísicos chegam apenas até as fronteiras — e transpostas as fronteiras, que resta? Alguns místicos apenas; e parecem loucos, porque se tivessem o lazer ou a fôrça de ser verdadeiros homens, representariam provàvelmente a natureza mesma do pensamento do homem. O fato de prezarmos acima de tudo os mestres da razão comum — Kant, Spinoza, Schopenhauer e alguns outros, não nos autoriza a repudiarmos os mestres duma razão diferente, que também é uma razão fraternal e talvez seja a nossa razão futura. Êles já nos disseram coisas indispensáveis. Abri o mais profundo dos moralistas ou dos psicólogos comuns; êle vos falará do amor, do ódio, do orgulho e das outras paixões humanas; e isso pode nos agradar por um instante, como flores destacadas do galho. Mas nossa vida real e invariável se passa a mil leguas do amor e a cem mil leguas do orgulho. Possuímos um eu mais profundo e inesgotável que o eu das paixões ou da razão pura. Não se trata de esclarecer o que experimentamos quando nossa amada nos abandona. Ela se afasta hoje; nossos olhos choram — mas nossa alma não. Pode ser que nossa alma sublime o acontecimento e o transforme em luz, pois tudo o que nela cai

irradia. Pode ser também que ela ignore o acontecimento — e neste caso para que falar disto? Deixemos essas coisinhas aos que não sentem a profundidade da vida. Se esta manhã li La Rochefoucauld ou Stendhal, credes que adquiri pensamentos que me tornem mais homem, e que os anjos dos quais é preciso aproximar-nos dia e noite me encontrarão mais belo? Tudo o que vai além da sabedoria experimental e quotidiana não nos pertence, nem é digno de nossa alma. Tudo o que podemos aprender sem angústia nos diminui. Eu sorriria penosamente se conseguisseis me provar que fui egoista até no sacrifício de minha felicidade e de minha vida; mas que é o egoismo diante de tantas outras coisas onipotentes que sinto viver em mim numa vida indizível? Não é no limiar das paixões que se encontram as leis puras de nosso ser. Um momento chega em que os fenômenos da consciência habitual, que poderiamos chamar consciência passional ou consciência das relações do primeiro grau, não mais nos aproveitam e não mais atingem nossa vida. Concordo que esta consciência seja muitas vêzes interessante por algum aspécto, e que seja necessário conhecer-lhe os meandros. Mas é uma planta da superfície, e suas raízes têm mêdo do grande fôgo central de nosso ser. Posso cometer um crime sem que o mínimo sôpro agite a menor flama dêsse fogo; e, por outao lado, um olhar trocado, um pensamento que não chegava a cir à tona, um minuto transcorrido sem nada dizer, pode agitá-lo em turbilhões terríveis no fundo de seu retiro, fazendo-o transbordar sôbre minha vida. Nossa alma não julga como nós; é uma coisa caprichosa e oculta. Pode ser atingida por um sôpro e ignorar uma tempestade. Faz-se mistér procura o que a atinge; tudo está lá, pois é lá que estamos.

Assim, e para voltar a esta consciência comum que reina a grandes distâncias de nossa alma, conheço

muitos espíritos que se não impressionam com a maravilhosa pintura do ciume de Otelo, por exemplo. Essa pintura está definitiva nos primeiros círculos do homem. Permanece admirável, contanto que tenhamos o cuidado de não abrir porta nem janela, pois do contrário a imagem se reduziria a pó, batida pelos ventos de todo o desconhecido que espera de fora. Nós ouvimos o diálogo entre o mouro de Veneza e Desdemona como uma coisa perfeita, mas sem poder nos impedir de pensar em coisas mais profundas. Seja o guerreiro africano enganado ou não pela nobre veneziana, êle tem outra vida. Em sua alma e em tôrno de seu ser, no próprio momento de suas mais mesquinhas suspeitas e de suas cóleras mais brutais, devem passar-se acontecimentos mil vêzes mais sublimes, que seus rugidos não podem de forma alguma perturbar; e através das agitações superficiais do ciume prossegue uma existência inalterável que até aqui o gênio do homem não mostrou senão de passagem.

Será disso que nasce a tristeza produzida pelas obras pirmas? Os poetas não puderam escreve-las senão fechando os olhos aos horizontes terríveis, e impondo silêncio às vozes mais graves e numerosas de sua alma. Se o não tivessem feito, teriam perdido a coragem. Nada mais triste e decepcionante que uma obra-prima, porque nada mostra melhor a importância do homem no tomar consciência de sua grandeza e sua dignidade. E se uma voz não nos advertisse que as mais belas coisas nada são diante de tudo quanto somos, nada nos diminuiria tanto.

"A alma, diz Emerson, é superior ao que dela podemos saber, e mais sábia que nenhuma de suas obras. O grande poeta nos faz sentir o nosso próprio valor, e então nós passamos a prezar menos o que êle realizou. A melhor coisa que êle nos ensina é o desdem de tudo quanto êle próprio fêz. Shakespeare nos arre-

bata em um tom sublime caudal de atividade inteligente que nos sugere a idéia duma riqueza ao lado da qual a sua parece pobre; e então sentimos que a obra sublime que êle criou, e que em certos momentos elevamos à altura da poesia em si mesma, não pertence à natureza real das coisas mais que a sombra fugitiva do passeante sôbre um rochedo".

Os gritos sublimes das grandes tragédias não passam de gritos místicos estranhos à vida exterior dêsses poemas ou dessas tragédias. Brotam um instante da vida interior e nos fazem aguardar não sei que de inesperado — e que, entretanto, separamos com tanta impaciência! — até que as paixões muito conhecidas as cubram com sua neve... E' nestes momentos que a humanidade se põe em presença de si mesma, como um homem em presença dum anjo. Ora, é forçoso que ela se ponha o mais possível em presença de si mesma para ficar sabendo o que ela é. Se um ser de outro mundo descesse entre nós e nos pedisse as flores supremas de nossa alma e os títulos de nobreza da terra, que lhe daríamos? Alguns viriam com os filósofos, sem saber o que êles fazem. Alguem ofereceria **Otelo**, o **Rei Lear** e **Hamlet**. Mas não! Nós não somos isso! E creio que nossa alma iria morrer de vergonha no fundo de nossa carne, pois não ignora que seus tesouros visíveis não são feitos para ser exibidos aos olhos de estranhos e não contêm senão pedrarias falsa. O mais humilde dentre nós, nos incontestes solitários em que sabe, sente o direito de fazer-se representar por outra coisa que não uma obra prima. Somos seres invisíveis que só vivemos em nós mesmos, e o visitante atento ir-se-ia sem duvidar do que pôde ver, a menos que naquêle instante nossa alma indulgente interviesse. Nossa alma foge tanto diante das pequenas coisas, e dá-nos tanto trabalho para reencontrá-la, que temos mêdo de chamá-la em auxílio. E, entre-

tanto, ela está sempre presente e jamais se engana. Ela mostrará ao emissário inesperado as mãos postas do homem, seus olhos são cheios de sonhos sem nome, e seus lábios que nada podem dizer — e o emissário, se tem compreensão, não ousará interrogar...

Mas se lhe fossem precisas outras provas, ela o conduziria em meio daquêles cujas obras quase tocam o silêncio. E abriria a porta dos domínios em que alguns a amaram por si mesma, sem inquietar-se com os pequenos gestos de seu corpo. Subiriam ambos aos altos cimos solitários em que a consciência se eleva de ùm gráu e em que todos os inquietos sôbre si próprios rodam atentos em redor do anel monstruoso que liga o mundo aparente aos nossos mundos superiores. Ela iria com êle aos limites do homem; pois é onde o homem parece a ponto de terminar que provàvelmente êle começa: a suas partes essenciais, e inesgotáveis não se encontram senão no invisível, onde é preciso que êle se espreite sem cessar. Só nessas alturas tem êle pensamentos que a alma pode confessar a idéias que se lhe assemelham e são tão imperiosas quanto ela. E' lá que a humanidade reinou um instante; e êsses picos fracamente iluminados são talvez as únicas luzes assinaladoras da terra nos espaços espirituais. Apresentam reflexos da côr de nossa alma. Sentimos que aos olhos duma inteligência estranha as paixões do espírito e do coração se assemelhariam a brigas de campanário; mas em suas obras, os homens de que falo saíram da pequena aldeia das paixões, e disseram coisas que podem interessar aos já acima da paróquia terrestre. Não é preciso que nossa humanidade se agite exclusivamente no fundo de si, como um rebanho de toupeiras. E' preciso que viva como se um dia devesse dar contas de sua vida a seus irmãos mais velhos. O espírito dobrado sôbre si mesmo não passa de uma celebridade local de que o viajante sorri. Há

outra coisa além do espírito, e não é o espírito o que nos alia ao universo. E' tempo de não mais o confundirmos com a alma. Não se trata do que se passa entre nós, mas do que ocorre em nós, acima das paixões e da razão. Se ao estranho ofereço apenas La Rochefoucauld, Lichtenberg, Meredith ou Stendhal, êle me olhará como no fundo de uma cidade morta eu olharia o burguês sem esperança que me falasse de seu bairro, de seu casamento ou de sua indústria. Que anjo perguntará a Tito por que não desposou Berenice, e por que Andromaca aceitou a Pirro? Que representa Berenice, se eu a comparo ao que há de invisível na mendiga que me detem ou na prostituta que me faz sinal? Somente uma palavra mística pode por instantes representar um ser humano; mas nossa alma não está nessas regiões sem sombras e sem abismos — e qual de vós aí se deteria nas horas graves em que a vida pesa sôbre vosso ombro? O homem não está nestas coisas, e entretanto são estas coisas perfeitas. Mas cumpre não falarmos delas senão entre nós e é conveniente calar-nos se algum visitante bate à nossa porta à noite. Mas se êste mesmo visitante me surpreende no momento em que minh'alma procura em Pascal, Emerson ou Hello a chave de seus tesouros mais próximos, ou, por outro lado, em alguns dos que sofreram a inquietude da beleza pura, eu não fecharei o livro corando; e talvez que êle próprio adquira alguma idéia de um ser fraternal condenado ao silêncio — ou pelo menos, que não fomos todos habitantes satisfeitos da terra.

IX

A TRAGÉDIA QUOTIDIANA

Há uma tragédia quotidiana bem mais real, bem mais profunda e conforme ao nosso verdadeiro ser, do que o trágico das grandes aventuras. E' fácil sentí-la, mas não é fácil mostrá-la, porque não é apenas material ou psícológica. Não se trata da luta determinada dum ser contra outro, da luta dum desejo contra outro desejo ou do eterno embate entre a paixão e o dever. Trata-se de fazer ver o que há de espantoso no simples fato de viver. Trata-se de fazer ver a existência duma alma em si mesma, no meio duma imensidade sempre ativa. Trata-se de fazer ouvir, por cima dos diálogos comuns da razão e dos sentimentos, o diálogo mais solene e ininterrupto entre o ser e o seu destino. Trata-se de nos fazer seguir os passos hesitantes e dolorosos duma vida que se aproxima ou se distancia de sua verdade, de sua beleza ou de seu Deus. Trata-se ainda de nos mostrar mil coisas análogas que os poetas trágicos nos fizeram entrever de passagem. Mas está aqui o ponto essencial; não poderiamos tentar mostrar antes do resto o que êles nos fizeram entrever de passagem? O que adivinhamos no **Rei Lear**, em **Macbeth**, em **Hamlet**, por exemplo, o canto misterioso do infinito, o silêncio ameaçador das almas ou dos deuses, a eternidade que ressoa no horizonte, o destino

ou a fatalidade que pressentimos em nosso interior, tudo isso não poderia, por não sei que inversão de papeis, aproximá-los de nós enquanto afastariamos os atores? E' então arriscado afirmar que a verdadeira tragédia da vida, a tragédia normal, profunda e genérica, começa no momento em que o que chamamos aventuars, dôres e perigos acaba? A felicidade não teria os braços mais longos que a infelicidade? e algumas de suas fôrças não se aproximariam bastante da alma humana? E' então preciso urrar como os Atridas para que um Deus eterno se manifeste em nós, um Deus que não vem nunca sentar-se sob a imobilidade de nossa lâmpada? Não é então a tranquilidade que é terrível, quando nela pensamos e os astros a velam — e o sentido da vida se desenvolve no túmulo ou no silêncio? Não é então quando nos dizem no fim das histórias, "Êles foram felizes", que a grande inquietude devia fazer a sua entrada em cena? Que acontece enquanto êles são felizes? Será que a felicidade ou simples instante de repouso não descobrem coisas mais sérias e estáveis que a agitação das paixões? Não é nesse momento que a marcha do tempo e muitas outras marchas mais secretas se tornam enfim visíveis e que as horas se precipitam? Será que tudo isto não atinge fibras mais profundas do que as atingidas pelos punhais dos dramas comuns? Não é quando um homem se crê ao abrigo da morte exterior que a estranha e silenciosa tragédia do ser e da imensidade abre verdadeiramente as portas de seu teatro? Será quando eu fujo diante de uma espada nua que minha existência atinge o seu ponto mais interessante? Será sempre num beijo que ela é mais sublime? Não haverá outros momentos em que se ouçam vozes mais permanentes e mais puras? Vossa alma não floresce senão no fundo das noites de tempestades? Foi como até aqui pensamos.

Quase todos nossos autores trágicos só percebem a vida do outrora; e pode-se afirmar que todo nosso teatro é anacrônico, e que a arte dramática se atrasa tanto quanto a escultura. Não se dá isso com a boa pintura e a boa música, por exemplo, que têm sabido desemaranhar e reproduzir os traços mais ocultos, mas não menos graves e espantosos, da vida de hoje. Elas demonstram que a vida perdeu êm decorativo para ganhar em profundidade, em significação íntima e gravidade espiritual. Um bom pintor já não pintará Mario vencedor dos Cindors ou o assassino do duque de Guise, porque a psicologia da vitória ou do assassinio é elementar e excepcional, e o alarido inutil de um ato violento sufoca a voz mais profunda, hesitante e discreta, dos seres e das coisas. Representará uma casa perdida no campo, uma porta aberta ao fundo dum corredor, um rosto ou mãos em repouso; e essas simples imagens poderão ajuntar qualquer coisa à nossa consciência profunda — o que é um bem que jamais perderemos.

Mas nossos autores trágicos, do mesmo modo que os pintores medíocres aferrados à pintura histórica, colocam todo o interêsse de suas obras na violência da anedota reproduzida. E pretendem divertir-nos com o mesmo gênero de atos com que se rejubilavam os bárbaros, para os quais atentados, assassinatos e traições eram coisas habituais. Hoje, a maioria de nossas vidas se passa longe do sangue, dos gritos e das espadas, e as lágrimas dos homens se tornaram silenciosas, invisíveis e quase espirituais...

Quando vou ao teatro, minha sensação é de encontrar-me por algumas horas em meio de meus ancestrais, seres que tinham da existência uma concepção simples, sêca e brutal, da qual já pouco me lembro e que não me interessa. Um marido enganado mata a esposa, uma mulher envenena o amante, um

filho que vinga o pai, um pai que sacrifica seus filhos, filhos que fazem morrer seu pai, e há reis assassinados, virgens violadas, burguêses encarcerados, tudo no diapasão do sublime tradicional; mas, ai de nós! tão superficial e tão material — sempre sangue, lágrimas exteriores e morte. Que podem dizer-me criaturas tomadas de uma idéia fixa, e sem tempo para viver, porque têm de matar o rival ou a amante?

Vim na esperança de ver meus dias se ligarem a suas fontes e aos seus mistérios por liames que não tive ensejo ou fôrça de perceber ainda. Vim na esperança de entever por um instante a beleza, a grandeza e a gravidade de minha humilde existência quotidiana. Esperei que me mostrassem não sei que presença, ou que poder ou deus vive comigo em meu quarto. Esperei não sei que minutos superiores que entrevi no meio de minhas horas mesquinhas — e só encontrei homens que prolixamente me contam por que são ciumentos, por que envenenam ou por que se matam.

Admiro Otelo, mas Otelo não me parece viver a augusta vida quotidiana dum Hamlet, o qual teve tempo de viver porque não agia. Otelo é admiràvelmente ciumento. Mas não será um velho êrro admitir que só vivemos verdadeiramente nos instantes em que paixões assim violentas nos possuem? Se vejo um velho sentado em sua poltrona, esperando simplesmente sob a lâmpada, ouvindo na sua consciência tôdas as leis eternas reinantes em tôrno da casa, interpretando sem o compreender o que há no silêncio das portas e das janelas e na pequena voz da luz, gozando a presença de sua alma e de seu destino, inclinando um pouco a cabeça, sem desconfiar que tôdas as fôrças dêste mundo intervêm e velam ali no quarto como servos atentos, ignorando que o próprio sol sustenta sôbre o abismo a mesinha em que êle se debruça, e que não há um astro do céu nem uma fôrça da alma

que sejam indiferentes ao movimento duma pálpebra que se fecha ou dum pensamento que se ergue, vem-me a idéia de que êsse velho imóvel vive, na realidade, uma vida mais profunda, mais humana e mais geral que o amante que estrangula a companheira, ou o capitão que consegue uma vitória, ou "o esposo que vinga a sua honra".

Dir-me-ão talvez que uma vida imóvel não seria visível, que é preciso animá-la de alguns movimentos e que só há movimentos aceitáveis no pequeno número de paixões até aqui tratadas. Ignoro se um teatro estático é impossível. Parece que não. A maioria das tragédias do Esquilo são tragédias imóveis. Não falo de **Prometeu** e dos **Suplicantes**, nas quais nada acontece; mas tôda a tragédia dos **Coeforas** — o mais terrível drama da antiguidade — sapateia qual um mau sonho diante do túmulo de Agamemnon, até que o assassinio brote, como relâmpago, do acúmulo de preces que se dobram sem cessar sôbre si mesmas. Examinai dêste ponto de vista algumas das mais belas tragédias antigas: as **Eumenidas, Antigona, Electra, Edipo em Colona.** Diz Racine no prefácio de **Berenice:** "Admiram o **Ajax** de Sofocles, que não passa de Ajax a morrer de pesar por lhe terem recusado as armas de Aquiles. Admiram **Filoctéto**, em que todo o assunto é Ulisses vindo para surpreender as flechas de Hércules. O próprio **Edipo**, ainda que cheio de reconhecimento, aparece-nos menos carregado de tema que a mais simples tragédia de nossos dias".

E' outra coisa a vida quase imóvel? Habitualmente não há nem ação psicológica, coisa mil vêzes superior à ação material e na aparência indispensável, mas que os antigos suprimiam ou reduziam de um modo maravilhoso, para que não subsistisse outro interêsse além do inspirado pela situação do homem no universo. Não estamos mais no tempo dos bárbaros

e o homem não mais se agita em meio de paixões elementares, as quais não são a súnicas coisas interessantes nêle existentes. Temos tempo de ver o homem em repouso. Não se trata mais de um momento excepcional e violento da existência, mas da existência em si. Há mil e mil leis mais poderosas e veneráveis que as leis das paixões; mas esssa leis lentas, discretas e silenciosas, como tudo que é dotado de fôrça irresistível, não são percebidas e compreendidas senão na semi-luz e no recolhimento das nossas horas tranqüilas.

Quando Ulisses e Neoptoleme vêm pedir a Filoctéto as armas de Hércules, sua ação é em si tão simples e indiferente quanto a dum homem de nossos dias que entra numa casa para visitar um doente, ou dum viajante que bate à porta dum albergue, ou da mãe a esperar ao pé do fôgo pela volta do filho. Sofocles marca de passagem, com traços rápidos, o carater de seus heróis. Mas poderemos afirmar que o interêsse principal da tragédia se encontra na luta entre a habilidade e a lealdade, entre o desejo da pátria, o rancor e a obstinação do orgulho? Há mais; é a existência superior do homem o que cumpre mostrar. Sofocles dá à vida comum o misterioso toque poético, e de súbito ela aparece na sua prodigiosa grandeza, na sua submissão às fôrças desconhecidas, nas suas relações sem fim e na sua miséria solene. Um químico deixa cair algumas gotas misteriosas num vaso aparentemente com água pura: um mundo de cristais se eleva até às bordas e nos revela o que havia em suspensão nesse vaso, invisível aos nossos olhos incompletos. Assim em Filoctéto. Parece que a pequena psicologia dos três personagens principais apenas forma as paredes do vaso com a água pura, a qual é a vida comum em que o poeta vai deixar cair as gotas reveladoras de seu gênio...

Não é nos atos, mas nas palavras, que se encontram a beleza e a magnificência das grandes tragédias. Será só nas palavras que acompanham e explicam os atos, que a beleza se revela? Não; é preciso que haja outra coisa além do diálogo exteriormente necessário. E por fim verificamos que são as palavras aparentemente inúteis, que se contam numa obra. Nelas se esconde a alma da obra. Ao lado do diálogo indispensável, há quase sempre outro diálogo na aparência supérfluo. Examinai-o atentamente e vereis que é o único ouvido profundamente pela alma, porque só nêle o poeta nos fala à alma. Reconhecereis também que é a qualidade e a extensão dêsse diálogo inútil o que determina a qualidade e o alcance inefável da obra. Nos dramas comuns o diálogo indispensável não corresponde de todo à realidade; e o que faz a beleza misteriosa das mais belas tragédias dissimula-se precisamente nas palavras ditas ao lado da verdade estrita e aparente. A beleza reside nas palavras conformes com uma verdade mais profunda e incomparàvelmente mais vizinha da alma invisível que anima o poema. Pode-se mesmo afirmar que o poema se aproxima da beleza e duma verdade superior à medida que elimina as palavras explicativas dos atos para os substituir por palavras explicativas não do que chamamos "estado d'alma", mas de não sei que esfôrço inapreensível e incessante das almas na direção de sua beleza e verdade. E' também nesta medida que o poema se aproxima da vida verdadeira. A todo homem acontece na vida quotidiana ter de desfazer por meio de palavras uma situação muito grave. Pensai nisto um instante. Que tem mais importância: o que dizeis ou o que vos respondem? Outras fôrças, outras palavras não ouvidas podem ter determinado o acontecimento. Muitas vêzes o que digo tem pouca importância; mas minha presença, a atitude de minh'alma, meu futuro e meu pas-

sado, o que nascerá de mim, o que em mim está morto, um pensamento secreto, os astros que me aprovam, meu destino, mil e mil mistérios que me cercam e vos envolvem, eis o que vos fala nesse instante trágico e eis o que me responde. Sob cada uma de minhas palavras e sob cada uma das vossas há tudo isso, e é sobretudo isso que vemos, e é sobretudo isso que, apesar de nós mesmos, ouvimos. Se viestes — vós, "o esposo ultrajado", o "amante enganado", "a mulher abandonada" — com o desejo de matar-me, não serão minhas mais eloquentes súplicas que poderão imobilizar o vosso braço. Mas pode ser que encontrei então uma dessas fôrças inesperadas, e que minha alma, sabedora de que elas velam em tôrno de mim, vos diga uma palavra secreta que vos desarme. Eis as esferas em que as aventuras se decidem, eis o diálogo cujo éco é preciso ouvir-se. E é êste éco o que de fato ouvimos — extremamente enfraquecido e variável, é verdade — em algumas das grandes obras de que atrás falei. Mas não poderiamos tentar aproximar-nos mais dessas esferas em que tudo se passa "em realidade"?

Parece que existe a vontade de o tentar. Há tempos, a propósito do drama de Ibsen em que ressôa mais tràgicamente êsse diálogo "do segundo grau", a propósito de **Solness, o Construtor**, procurei, mais desajeitadamente ainda, penetrar êsses segrêdos. E no entanto são traços análogos, da mão do mesmo cégo, sôbre o mesmo muro e que se dirigem também para as mesmas luzes. Em **Solness**, pergunto eu, que é o que o poeta acrescentou à vida para que ela nos pareça tão estranha, profunda e inquietante sob a sua puerilidade exterior? Não é fácil descobrí-lo — e o velho Ibsen guarda mais de um segrêdo. Parece mesmo que o que quiz dizer seja pouca coisa em relação ao que lhe era preciso dizer. Deu liberdade a certas fôrças

da alma que nunca tinham estado livres, e talvez haja sido domínado por elas. "Veja, Hilda! exclama Solness. Há bruxedo em você, como o há em mim. E' êsse bruxedo que faz agir os poderes de fóra. E **temos** de nos submeter. Queira-mo-lo ou não, **temos**".

Havia bruxedo nêles como o há em todos nós. Penso que Hilda e Solness são os primeiros heróis que se sentem viver por um instante na atmosfera da alma — e esta vida essencial que descobriram em si, além de sua vida comum, os apavora. Hilda e Solness são duas almas que entreviram a sua situação na vida verdadeira. Há mais de um modo de conhecer um homem. Tomo por exemplo dois ou três seres que vejo quase todos os dias. E' provável que por muito tempo eu só os distinga pelos gestos, hábitos exteriores ou interiores, maneira de sentir, de agir e pensar. Mas em tôda amizade mais ou menos longa um misterioso momento chega, no qual, por assim dizer, percebemos a exata situação de nossos amigos em relação ao desconhecido envolvente, e a atitude do destino para com êle. E' a partir dêsse momento que êsse amigo verdadeiramente nos pertence. Percebemos em definitiva de que maneira os acontecimentos se conduzirão a seu respeito. Sabemos que é inútil refugiar-se no fundo de seus retiros e conservar-se tão imóvel quanto possível no receio de agitar qualquer coisa nos grandes reservatórios do futuro; sua prudência de nada valerá — e os inúmeros acontecimentos que lhe estão destinados o descobrirão em qualquer parte em que se esconda e baterão sucessivamente à sua porta. Também não ignoramos que outro amigo sairá inùtilmente em busca de aventuras. Voltará sempre de mãos vazias. Como que uma ciência infalível desabrocha em nossa alma no dia em que nossos olhos se abrem dessa maneira; e temos a certeza de que êste ou aquele acontecimento,

que parecia ao alcance da mão dêsse amigo, não sobreviverá.

A partir dêsse momento uma parte especial da alma reina sôbre a amizade dos seres mais inteligentes e mesmo dos mais obscuros. Ocorre uma especie de transposição da vida. E quando por acaso nos encontramos com um homem conhecido dessa maneira, e com êle conversamos sôbre a neve que cai ou sôbre as mulheres que passam, há em cada um de nós qualquer coisinha que se saúda, que se exanima à socapa, que se interessa pelas conjuntura se fala de acontecimentos incompreensíveis.

Hilda e Solness encontram-se nesse estado d'alma e percebem-se desta maneira. O que conversam não se parece com o que temos ouvido até aqui, porque o poeta tentou misturar na mesma expressão o diálogo interior e o exterior. E' um drama sonambúlico em que reinam ignoradas fôrças novas. Tudo que ali se diz esconde e descobre ao mesmo tempo as fontes duma vida ignota. E se por momentos nos espantamos, não devemos perder de vista que nossa alma é, muitas vêzes, aos nossos pobres olhos, uma fôrça tonta, e que há no homem muitas regiões mais fecundas, profundas e interessantes que as da razão ou da inteligência...

X

A ESTRÊLA

Podemos dizer que de século em século um poeta trágico "percorre com o archote da poesia em punho os labirintos do destino". Dessa maneira fixam, cada qual conforme as fôrças da hora, a alma dos anais humanos; e assim criam a história divina. E é interessante seguí-los, porque o mais puro da alma dos povos talvez se encontre no fundo da idéia que êles fazem dessa fôrça. Fôrça que nunca morre inteiramente, mas em certos momentos agita-se apenas — e nesses momentos sentimos que a vida não é nem muito forte, nem muito profunda. Só foi adorada exclusivamente uma vez. Era então para os próprios deuses um espantoso mistério — e é curioso constatar que a época na qual a divindade sem face parece mais terrível e incompreensível foi a mais bela época da humanidade; e que o mais feliz dos povos foi justamente o que figurou o destino sob o aspecto mais temível.

Parece haver uma fôrça secreta nesta idéia; ou talvez seja esta idéia o sinal de uma fôrça. Será que o homem avulta na medida em que reconhece a grandeza do desconhecido? ou o desconhecido cresce na proporção do homem? Parece que hoje a idéia do destino rebrota — e talvez não seja inútil irmos em sua procura. Mas onde encontrá-lo? Ir em busca

do destino que será ir em busca das tristezas humanas? Não há destino de alegria; não há estrêla feliz. A que qualificamos assim é uma estrêla que espera. Cumpre, entretanto, sairmos de quando em vez em procura de nossas tristezas, a fim de as conhecermos e admirarmos, ainda mesmo que a grande massa informe de nosso destino não esteja esgotada.

Esta a maneira mais eficaz de sairmos em busca de nós mesmos; pois podemos dizer que só valemos o que valem nossas inquietações e melancolias. À medida que avançamos elas se tornam mais profundas, nobres e belas, e Marco-Aurélio é o mais admirável dos homens porque melhor do que ninguém compreendeu o que nossa alma pôs no pobre sorriso resignado existente no fundo de nós mesmos. O mesmo com as tristezas da humanidade. Seguem elas uma estrada parecida com a de nossas tristezas — mais longa e segura porém, e deve ir ter a pátrias conhecidas apenas dos últimos a chegar. Também parte da dôr física; venceu a fase do mêdo aos deuses e detem-se hoje à beira de um novo abismo ainda insondado.

Cada século ama outra dôr; porque cada século vê outro destino. Não nos interessamos mais hoje pelas catástrofes de nossas paixões; e as mais trágicas obras primas do passado são de uma tristeza inferior às tristezas de hoje. Essas obras primas não nos atingem mais senão indiretamente e apenas porque nossas reflexões e a nobreza nova que a dôr de viver nos deu, somam-se aos simples acidentes do ódio ou do amor que os poetas reproduziram diante de nós.

Parece, por momentos, que estamos à beira dum pessimismo novo, misterioso e talvez muito puro. Os mais terríveis sábios, Schopenhauer, Carlyle, os russos, os escandinavos e até o suave ótimista Ermenson (pois nada é mais desalentador que um ótimista deliberado), não conseguiram explicar nossa melancolia. Sentimos

que há de baixo de tôdas as razões por êles dadas outras razões mais profundas que êles não puderam descobrir. A tristeza do homem, que depois da vinda dêsses poetas se tornou bela, pode ainda enobrecer-se infinitamente, até que um gênio profira enfim a última palavra da dôr purificadora...

Enquanto isso, permanecemos entre as mãos de potências estranhas, e a pique de suspeitar de suas intenções. No tempo dos grandes trágicos da era nova, no tempo de Shakespeare, Racine e os seguintes, acreditava-se que todas as infelicidades nasciam das diversas paixões de nosso coração. A catástrofe não flutua entre dois mundos: vai daqui para lá; e sabemos de onde ela sai. O homem é sempre o senhor. No tempo dos gregos era-o muito menos, e a Fatalidade reinava nas alturas. Mas uma fatalidade inacessível que ninguem ousava interrogar. Hoje interpelamo-la — e talvez esteja aí a grande marca do novo teatro. Não nos detemos mais nos efeitos da desgraça, mas na desgraça em si — e queremos conhecer-lhe a essência e as leis. O que constituia a preocupação inconsciente dos primeiros trágicos e o que formava a sombra solene em tôrno dos gestos sêcos e violentos da morte exterior, a própria natureza da desgraça, tornou-se o ponto central dos dramas mais recentes e o fóco de luz equívoca em tôrno da qual regiram as almas dos homens e das mulheres. E demos um passo na direção do mistério a fim de encarar de frente os terrores da vida.

Seria interessante investigar sob que ângulo nossos últimos trágicos parecem encarar a desgraça, que é o fundo de todos os poemas dramáticos. Êles o vêem de mais perto que os gregos e penetram mais fundo nas trévas fecundas de seu círculo interior. A desgraça será a mesma divindade antiga. Mas os poetas a ignoram mais intimamente. De onde vem, para

onde vai e por que desaba sôbre os homens? Os gregos apenas o perguntavam. Está escrita em nosso imo ou nasce ao mesmo tempo que nós? Avança ao nosso encontro ou é chamada por vozes nutridas no fundo de nosso ser e com êle acumpliciadas? Seria preciso podermos observar de outro mundo as atitudes dum homem ao qual deve acontecer alguma grande dôr; e que homem não trabalha sem o saber para forjar a dôr central de sua vida?

Os camponios escoceses têm uma palavra aplicável a tôdas as existências. Em suas lendas chamam **Fey** ao estado dum homem que uma irresistível impulsão interior arrasta, apesar de todos os seus esforços, apesar de todos os conselhos e de tôda a ajuda, na direção da catástrofe. Foi assim que Jacques I.º — o Jack da Catarina Douglas — se tornou **Fey** quando, apesar dos terríveis presságios da terra, do inferno e do céu, foi passar o Natal no sombrio castelo de Perth, onde o seu assassino, o traidor Roberto Graeme, o aguardava. Qual de nós, ao recordarmos as circunstâncias da mais decisiva infelicidade de nossa vida, não nos sentimos possuidos por uma fôrça assim? Não falo aqui das infelicidades ativas ou que poderiam ser evitadas; por que há as infelicidades passivas, como a morte de um ser adorado, sôbre o qual nossos movimentos não poderam ter nenhuma influência. Lembremo-nos do dia fatal de nossa vida. Qual de nós esteve prevenido? e hoje parece-nos que todo o nosso destino poderia ter mudado com um passo que não demos, com uma porta que não se abriu, com uma mão que não se ergueu... E quem de nós não lutou debalde e sem esperança, à beira do abismo, contra uma fôrça invisível e aparentemente fraca?

O sôpro da porta que abri certa vez devia extinguir para sempre minha felicidade, como teria apagado uma lâmpada; e agora, quando nisso penso, não posso

dizer a mim mesmo que eu não sabia... E, todavia, nada de importante me tinha levado àquela porta. Eu podia ter-me ido dando de ombros, nenhuma razão humana me forçava a abrí-la... Nenhuma razão humana — nada senão o destino...

*
* *

Isto assemelha-se ainda à fatalidade de Édipo, e entretanto já é outra coisa. Poderiamos dizer que é a fatalidade percebida **ab intra**. Há fôrças misteriosas reinantes em nós e como que de acôrdo com as aventuras. Todos nós trazemos inimigos em nossa alma. Êles sabem o que fazem e o que nos fazem fazer; e quando nos conduzem ao acontecimento, previnem-nos com meias palavras — muito pouco para nos deter o impulso, mas bastante para nos fazer lamentar mais tarde o não termos ouvido atentamente os seus conselhos indecisos e irônicos. Onde quererão chegar essas fôrças que desejam a nossa perda como se fôssem independentes de nós e não perecessem conosco, visto como só vivem em nós? Que é que põe em movimento todos êsses cumplices do universo que se nutrem de nosso sangue?

O homem para o qual sôou a hora da desgraça é envolvido num turbilhão que não se percebe; e já de longe essas fôrças combinam os inúmeros incidentes que o devem conduzir a determinado minuto, ao ponto exato em que as lágrimas o esperam. Lembrai-vos de todos os vossos esforços e pressentimentos. Lembrai-vos dos socorros inúteis. Lembrai-vos também das boas e apiedadas circunstâncias que tentaram barrar-vos a estrada e que repelistes como se fossem mendigos importunos. Eram, entretanto, pobres irmãs tímidas que vos desejavam salvar e que se afastaram sem

nada dizer — fracas e pequenas demais para a luta contra as coisas resolvidas Deus sabe onde...

Mal acontece a desgraça, e já temos a estranha sensação de haver obedecido a uma lei eterna; e não sei que alívio misterioso, no seio das maiores dores, nos galardoa a nossa obediência. Nunca nos pertencemos mais intimamente do que no dia seguinte a uma catástrofe irreparável. Parece que nos reencontramos e reconquistamos uma parte desconhecida e necessária do nosso ser. Sentimos uma calma singular. Já de dias, e enquanto ainda podiamos sorrir às flores, as potências rebeldes de nossa alma lutavam terrìvelmente à borda do abismo — e agora que estamos no fundo tudo respira livremente.

Elas lutam assim, sem descanso, em cada uma de nossa almas; e por vêzes entrevemos, mas sem prestar atenção — pois só temos olhos para as coisas sem importância — a sombra dêsses combates em que nossa vontade não pode intervir. Se estou com amigos, pode ser que no meio das palavras e das explosões de riso uma coisa que não é dêste mundo passe subitamente sôbre o rosto de um dêles. Um silêncio sem causa sobreviverá de repente; e pelo espaço de um instante todos ficamos a olhar com os olhos da alma. Por fim, as risadas e as palavras que haviam desaparecido como rãs espavoridas voltam mais violentas à superfície. Mas o invisível, ali como em tôda parte, recebeu o seu tributo. Alguma coisa compreendeu que uma luta estava terminada. que uma estrêla se erguia ou descia e que um destino acabava de fixar-se.

Talvez já estivesse fixado o destino; e quem nos dirá que a luta não foi apenas um simulacro? Se empurro hoje a porta da casa onde devo encontrar os primeiros sorrisos de uma tristeza sem fim, estou fazendo uma coisa que sempre fiz. Que nos adianta cultivar um eu sôbre o qual não temos quase nenhuma influên-

cia? E' nossa estrêla que precisamos observar. Será boa ou má, fraca ou poderosa; e tôdas as fôrças do oceano em nada a podem mudar. Os que nela têm confiança com ela brincam como brincam com uma bola de vidro. Lançam-na e arriscam-na onde querem; a bola voltará sempre às suas mãos. Êles sabem que ela não pode quebrar-se. Outros há, entretanto, que não podem erguer os olhos para a sua sem que ela se destaque do firmamento e cáia em pó a seus pés...

Mas é perigoso pensar nisto: muitas vêzes é o sinal de que a estrêla está a ponto de extinguir-se...

Encontramo-nos aqui nos abismos da noite, a esperar o que deve acontecer. Não se trata mais de vontade, estamos a mil léguas acima dela, numa região em que a própria vontade é o fruto mais maduro do destino. Não podemos nos queixar disso; já sabemos alguma coisa e descobrimos alguns hábitos do acaso. Esperamos, como o homem que observa os costumes das aves migratórias; e quando um acontecimento se denúncia no horizonte, sabemos que não se conservará solitário e que outros vão surgir em bando na mesma direção. Também vagamente sabemos que êles parecem atraídos por certos pensamentos e por certas almas, e que há seres que lhes desviam o vôo, como outros há que os fazem acorrer dos quatro cantos do mundo.

Sabemos sobretudo que certas idéias são extremamente perigosas; que basta crer-nos por um instante bem abrigados para que o raio cáia; e que a felicidade forma um vácuo no qual não tardam a precipitar-se as lágrimas. No fim de algum tempo também lhes discernimos as preferências. E percebemos que se damos alguns passos na estrada da vida ao lado de um de nossos irmãos, os hábitos do acaso já não se mostram os mesmos, ao passo que com outro companheiro, acontecimentos duma natureza inva-

riável virão regularmente ao encontro de nossa existência. Verificamos que há seres que protegem no desconhecido, e outros que nêle põem o perigo; e há os que adormecem e os que despertam o futuro. Desconfiamos ainda que as coisas nascem fracas, tiram de nós sua fôrça, e que em tôda aventura há um breve minuto em que nosso instinto nos adverte de que ainda somos os senhores do destino. E finalmente há os que ousam afirmar-nos que podemos aprender a ser felizes; que à medida que nos tornamos melhores encontramos homens que melhoram; que um ser bom atrái irresistìvelmente acontecimentos tão bons quanto êle prfóprio; e que em uma bela alma o acaso mais triste se transforma em beleza...

Quem já não experimentou que a bondade faz sinal à bondade, e que os que se devotam e os que traem são sempre os mesmos? Se a mesma dôr bate em duas portas contíguas, agirá ela de maneira idêntica na casa do bom e na do máu? E se sois puros não serão puras as vossas infelicidades? Não é dominar o futuro ter sabido transformar o passado em alguns sorrisos melancólicos? E não parece que no próprio inevitável podemos retardar alguma coisa? Será que grandes acasos não dormem, que um movimento muito brusco despertar no horizonte, e esta infelicidade teria chegado hoje se pensamentos em festa não tivessem feito barulho excessivo em vossa alma esta manhã? Será tudo o que a nossa sabedoria pôde colher nessas trevas? Quem ousaria dizer que nessas regiões há verdades mais firmes? Enquanto esperamos, é preciso saber sorrir e chorar no silêncio de uma bondade humilde. Acima dessas coisas ergue-se pouco a pouco a face informe do destino de hoje. Uma pequena parte do véu que anteriormente o cobria, foi afastada, e na parte descoberta reconhecemos, não sem inquietude, de um lado, a fôrça dos que ainda não vivem, e de

outro lado, a fôrça dos mortos. Na essência nada mais há senão um novo afastamento do mistério. Cresceu a mão glacial do destino; e eis que as mãos de nossos filhos ainda não nascidos se juntam na sombra às mãos de nossos ancestrais. Um ato havia que tinhamos como o asilo de tôdas as nossas liberdades, e o amor quedava-se como o supremo refúgio de todos quantos sentiam muito duramente as cadeia sda vida. E diziamos: aqui pelo menos, no isolamento dêste templo secreto, ninguem entra conosco. Aqui podemos respirar por um instante; aqui nossa alma reina afinal e livremente escolhe no que é o centro da própria liberdade. Mas acabam de dizer-nos que não é por nossa própria conta que amamos. Acabam de dizer-nos que no próprio templo do amor obedecemos às ordens inevitáveis duma multidão invisísel. E que estamos a mil séculos de nós mesmos quando escolhemos nossa amada; e que o primeiro beijo do noivo não passa do sêlo que milhares de mãos ansiosas por nascer pousam sôbre a boca da mãe desejada. Por outro lado sabemos que os mortos não morrem. Sabemos que não é mais em redor de nossas igrejas, mas em tôdas as nossas casas, em todos os nossos hábitos, que os mortos se encontram; que não há um gesto, um pensamento, um pecado, uma lágrima ou um átomo da consciência adquirida, que se perca nas profundidades da terra; e que ao mais insignificante de nossos atos nossos ancestrais se erguem, não em seus túmulos, onde já não se encontram, mas no fundo de nós mesmos, onde na realidade vivem.

Somos assim conduzidos pelo passado e futuro. E o presente, que é a nossa substância, cai no fundo do mar como uma pequena ilhota corroida sem descanso por dois oceanos irreconciliáveis. Hereditariedade, vontade, destino, tudo se mistura ruidosamente em nossa alma; mas, apesar e acima de tudo, o que reina é

a estrêla silenciosa. Etiquetas provisórias são colocadas sôbre os vasos monstruosos que contêm o invisível; e as palavras quase nada dizem do que seria preciso dizer. A hereditariedade ou o próprio destino não passa de um raio perdido dessa estrêla na noite misteriosa. E tudo mais tem o direito de ser mais misterioso ainda.

"Chamamos destino a tudo quanto nos limita", disse um dos grandes sábios do nosso tempo; e porisso temos de acolher a todos os que tateiam, trêmulos, do lado das fronteiras. "Se somos brutais e bárbaros, a fatalidade toma uma forma brutal e bárbara. Quando nos requintamos nossos reveses também se requintam. Se nos elevamos a uma cultura espiritual, o antagonismo toma uma forma espiritual". Talvez seja verdade que a nossa alma, à medida que se eleva, purifica o destino; e é igualmente verdade que as mesmas tristezas que ameaçam os selvagens também nos ameaçam. Mas cabem-nos outras das quais os selvagens não suspeitam; e o espírito que se eleva ainda descobre outras em todo o horizonte. "Chamamos destino a tudo quanto nos limita". Esforcemo-nos para que o destino não seja por demais estreito. E' bom aumentarmos nossas tristezas, pois que isso é alargar a nossa consciência —o único meio de cumprirmos o nosso supremo dever para com os outros mundos, pois que talvez seja só a nós mesmos que incumbe aumentar a consciência da Terra.

XI

A BONDADE INVISÍVEL

E' uma coisa — disse-me certa tarde aquêle sábio com o qual me encontrei à beira do oceano — é uma coisa que ninguém percebe e sôbre que ninguém parece contar; e entretanto vale por uma das fôrças que conservam os seres. Os deuses dos quais nascem manifestam-se em nós de mil maneiras várias; mas essa bondade secreta que ninguém fala diretamente é talvez o sinal mais puro de sua vida eterna. Não sabemos de onde vem. Lá está simplesmente a sorrir no limiar de nossas almas; e aquêles em quem ela sorri mais profundamente ou mais freqüentemente nos farão sofrer dia e noite, se quiserem, sem que nos seja possível deixar de amá-los...

Essa bondade não é dêste mundo e entretanto imiscue-se na maior parte de nossas agitações. Não se dá nem ao trabalho de mostrar-se num olhar ou numa lágrima. Em vez disso esconde-se por fôrça de razões que não adivinhamos. Dir-se-ia que tem mêdo de usar de seu poder. Sabe que seus movimentos mais involuntários farão nascer em redor dela coisas imortais — e nós somos avaros das coisas imortais. Por que, pois, tememos assim esgotar o céu que há em nós? Não ousamos agir conforme o Deus que nos ama. Tememos o que não podemos explicar por meio

de gestos ou palavras; e fechamos os olhos sôbre o que de mau grado fazemos no império onde as explicações são supérfluas. De onde vem a timidez do divino nos homens? Dir-se-ia que mais um movimento da alma nos aproxima do divino, mais procuramos dissimulá-lo aos olhos de nossos irmãos. Será acaso o homem um deus que tem medo ou nos é vedado traír poderes superiores? Tudo o que não pertence ao mundo invisível mostra a humildade terna da menininha enferma que a mãe não chama quando estranhos entram na casa. E' porisso que até aqui nossa bondade secreta jamais franqueou as portas silenciosas de nossa alma. Vive em nós qual prisioneira a quem se proibiu de aproximar-se das grades. E de resto não é preciso que se aproxime — basta que esteja lá. Inútil esconder-se; logo que levanta a cabeça, move um élo de suas cadeias ou abre a mão, a prisão se ilumina, os respiradouros se entreabrem sob a pressão das claridades interiores; forma-se um abismo cheio de anjos que se agitam entre as palavras e os seres; tudo se cala; os olhares se desviam um instante e duas almas se beijam a chorar...

Não é uma coisa dêste mundo; e tôdas as descrições não a pintariam. Quem por acaso queira me compreender é preciso que também tenha em si o mesmo **ponto sensível.** Se nunca experimentastes na vida o poder de **vossa bondade invisível,** não ide mais adiante; seria inútil. Mas haverá verdadeiramente quem não tenha experimentado êste poder? E os piores dentre nós foram acaso invisìvelmente bons? Não sei; há muitos seres neste mundo que só pensam em desanimar o divino existente em suas almas. Mas basta um instante de descuido para que o divino se erga, e mesmo os piores homens não se conservam sempre em guarda; é a razão de tantos maus serem bons sem

que vejamos, do mesmo modo que muitos sábios e santos não se revelam invisìvelmente bons...

Fiz sofrer mais de uma vez, ajuntou o meu interlocutor, como todos os seres fazem sofrer em seu redor. Fiz sofrer porque vivemos num mundo onde tudo está preso a fios invisíveis — num mundo em que ninguém se encontra só. O mais doce gesto da bondade ou do amor fére tantos inocentes ao nosso lado!... Também fiz sofrer porque os melhores e os mais ternos têm certas vêzes necessidade de procurar não sei que parte de si mesmos na dôr de outros. Sementes há que só germinam em nossa alma sob a chuva das lágrimas derramadas por nossa causa — e são sementes produtoras de boas flores e frutos salutares. Que fazer? E' uma lei que não fizemos — e não sei se eu ousaria amar ao homem que nunca tivesse feito chorar a alguém. Freqüentemente, os que mais amaram, mais fizeram sofrer, pois a crueldade enternecida e tímida é de comum a irmã inquieta do amor. O amor procura por tôda parte provas de amor — e quem não se inclina a procurá-las nos prantos da amada?

A própria morte não sossegaria o amante, se êle ousasse ouvir as exigências do amor; porque à intíma crueldade do amor o instante da morte parece muito breve; para além da morte há ainda lugar para um oceano de dúvidas; e os que morrem juntos talvez não morram sem inquietações. Há mistér aqui de longas e lentas lágrimas. A dôr é o primeiro alimento do amor; e todo amor que não se nutriu de um pouco de dôr pura, morre como o recem-nascido ao qual deram alimento de adulto. Amarieis da mesma maneira aquela que sempre vos fêz sorrir e a que por vêzes vos fêz chorar. E preciso, ai de nós! que o amor chore, e muitas vêzes é no próprio momento em que os soluços se elevam que as cadeias do amor se forjam e se temperam para a vida...

Eu fiz sofrer assim porque amava, prosseguiu êle; também fiz sofrer porque já não amava. Mas que diferença entre as duas dores! Num caso, as lentas lágrimas do amor experimentado pareciam saber, no fundo de si mesmas, que regavam em nossas duas almas juntas coisa de indizível; no outro caso aquelas pobres lágrimas tinham a sensação de cairem sòzinhas num deserto. Mas foi nesses momentos, em que a alma é verdadeiramente tôda ouvidos ou tôda alma, que reconheci a fôrça da bondade invisível — dando às infelizes lágrimas do amor que morre as ilusões divinas do amor que nasce. Nunca tivestes uma dessas tristes noites em que os beijos desanimados não podiam mais sorrir, e em que a alma sentia enfim que se tinha enganado? As palavras já soavam com esfôrço no ar frio da separação definitiva; ieis distanciar-vos para sempre, e as mãos quase inanimadas se estendiam para o deus final da separação quando de súbito a alma fazia sôbre si mesma um movimento inapreensível. A alma vizinha despertava nesse instante nas culminancias do ser, e algo nascia bem mais alto que o amor dos amantes fatigados, e os corpos debaldes se separavam; dêsse instante em diante as almas não iriam mais esquecer que se tinham olhado um momento por cima das montanhas ignoradas, e que num relance tinham sido boas, de uma bondade nova para elas...

E' verdade que do nascimento à morte não saimos nunca desta região definitiva, mas vogamos em Deus como pobres sonâmbulos, ou como cegos que procuram desesperadamente o templo no qual se encontram. Vivemos na vida homem contra homem, alma contra alma — e armados passamos os dias e as noites. Não nos vemos, não nos tocamos. Só vemos escudos e elmos e nada tocamos que não seja ferro e bronze. Mas se uma pequena circunstância, vinda da simplici-

dade do céu, faz cair as armas por um instante, não há sempre lágrimas sob os elmos e sorrisos de criança atrás dos escudos? E é então que percebemos outra verdade.

O velho sábio fêz pausa; depois continuou, mais tristemente: Foi uma mulher que involuntàriamente eu fiz sofrer — pois até os mais atentos sem o saber espalham em redor de si o sofrimento — quem me revelou certa noite o poder soberano desta bondade invisível. E' preciso que tenhamos feito sofrer para nos tornarmos melhores. Verifiquei-o naquela noite. Eu me sentia chegado, sòzinho, àquela triste zona dos beijos em que temos a impressão de já estarmos nas cabanas dos pobres, enquanto a amada ainda sorri nos palácios dos primeiros dias. O amor segundo os homens morria entre nós como a criança atacada de um mal vindo não se sabe de onde e impiedoso. Nada nos dissemos. E nem posso me lembrar do que pensava naquele momento tão grave. Em coisas insignificantes. No último rosto encontrado, na luz trêmula duma lanterna no canto do cais deserto — e entretanto, **tudo ocorreu,** numa luz mil vêzes mais pura e mais alta do que se tôdas as fôrças da piedade e do amor existentes em meus pensamentos e em meu coração tivessem interferido. Separamo-nos sem dizer nada, mas copreendemos o nosso pensamento inexprimível. Sabemos agora que outro amor nasceu — amor sem necessidade de palavras, nem dos pequenos cuidados e sorrisos do amor comum. Não nos vimos mais, talvez não nos vejamos mais antes dos séculos. "Ser-nos-á preciso esquecer muitas coisas, aprender muitas outras através **todos os mundos** pelos quais teremos de passar", antes de nos encontrarmos **no mesmo movimento d'alma** ocorrido naquela noite. Temos de esperar...

Desde êsse dia tenho saudado em tôda parte, e até ao fundo dos momentos mais asperos, a presença ben-

fazeja dessa fôrça veladora. Basta que a vejamos claramente uma única vez — e nunca mais lhe evitamos o rosto. Vê-la-eis sorrir nos últimos retiros do ódio e até no fundo das mais crueis lágrimas. Entretanto ela não se mostra aos nossos olhos do corpo. Desde que se manifesta por um ato exterior, muda de natureza; e não estamos mais na verdade conforme a alma, mas em uma especie de mentira conforme os homens. A bondade e o amor que não se ignoram, nenhuma ação exercem sôbre as almas porque saíram dos reinos em que elas vivem; mas, cegos que sejam, podem enternecer até o próprio Destino. Conheci criaturas que realizavam tôdas as obras da bondade e misericordia sem atingir uma só alma; e conheci outras que pareciam viver na mentira e na injustiça e não afastavam essas mesmas almas, e não faziam nascer nem por um só instante a idéia de que não fossem boas. Há mais: êsses mesmos que não vos conhecem e aos quais contamos de vossos atos de bondade e de vossas obras de amor, se não sois bons conforme a bondade invisível, duvidarão de alguma coisa, e jamais serão atingidos nas profundidades de seu ser. Como se houvesse em alguma parte um sítio em que tudo se pesa na presença dos espíritos; ou, então, além, do outro lado da noite, um reservatório de certezas onde o mudo rebanho das almas vai abeberar-se cada manhã.

Talvez não saibamos ainda o que quer dizer a palavra **amar.** Há em nós vidas em que amamos sem o saber. Amar assim não é sòmente ter piedade, sacrificar-se interiormente, querer ajudar e tornar feliz; é uma coisa mil vêzes mais profunda e inexplicável pelas palavras humanas mais suaves, mais ageis e fortes. Dir-se-ia uma lembrança fugaz, mas extremamente penetrante da grande unidade primitiva. Há neste amor uma fôrça a que nada pode resistir. Se olharmos de

certo ângulo, qual de nós não se recorda de certas manifestações desta fôrça? Qual de nós, repentinamente, ao lado de um ser talvez indiferente, não sentiu sobrevir alguma coisa que ninguém chamou? Seria a alma ou a vida que se voltava sôbre si mesma, como um adormecido que desperta? Não sei; vós tão pouco o sabeis — e ninguém falou disso; mas quando isso ocorre, as criaturas não se separam como se nada tivesse acontecido.

Amar assim é amar conforme a alma; e não há alma que não responda a êste amor. Pois a alma humana é um convivа esfomeado desde séculos; e não é preciso chamá-la duas vêzes para o festim nupcial.

Tôdas as almas de nossos irmãos sem cessar rondam à nossa volta em busca de um beijo, e só esperam um sinal. Mas quantos seres nunca ousaram fazer um dêsses sinais em tôda a sua vida! E' a nossa infelicidade, isso de vivermos assim separados de nossa alma, e com mêdo de seus menores movimentos. Se lhe permitissemos sorrir com franqueza em seu silêncio e sua luz, viveriamos já uma vida eterna. Basta considerar um instante o que ela consegue fazer nos raros minutos em que a não mantemos acorrentada como a uma louca; no amor, por exemplo, no qual a deixamos às vêzes aproximar-se das grades da vida exterior. E não seria o certo que na vida todos os seres se sentissem diante de nós como a mulher amada em face do amante?

Esta invisível e divina bondade, de que só falo aqui porque é um dos sinais mais seguros e próximos da atividade incessante de nossa alma, esta invisível e divina bondade enobrece dum modo definitivo tudo em que inconscientemente toca. Que todos os que se queixam de um ser, desçam ao fundo de si mesmos e indaguem se foram sempre bons na presença dêsse ser. Confesso que jamais me encontrei com quem como-

vesse a minha bondade invisível e no mesmo instante não se tornasse melhor do que eu mesmo. Sêde profundamente bons e vereis que os que vos cercam se tornarão também bons na mesma profundidade. Nada responde mais infalìvelmente ao grito secreto da bondade do que o grito secreto da bondade vizinha. Enquanto sois ativamente bons no invisível, todos os que de vós se aproximam farão, cegamente, coisas que não poderiam fazer ao lado de outro homem. Há aqui uma fôrça sem nome; uma rivalidade espiritual irresistível. Talvez esteja exatamente aqui o ponto mais sensível de nossas almas; porque há almas como que esquecidas de que existem e alheias a tudo o que eleva um ser; mas quando atingidas nesse ponto, erguem-se; e nos campos divinos da bondade secreta, a mais humilde das almas não tolera a derrota.

E é, entretanto, possível que nada mude na vida visível; mas será isto apenas o que importa e não existiremos verdadeiramente senão pelos atos que podemos tomar na mão, como pedregulhos da estrada? Se cada noite nos interrogamos: "Que fiz de imortal hoje?',' será sempre do lado das coisas que se podem contar, pesar e medir sem êrro que devemos procurar? E' possível que tenhais espalhado lágrimas extraordinárias, que hajais enchido um coração de certezas inauditas e dado a vida eterna a uma alma sem que vós mesmo o soubesseis. E' possível que nada mude; é possível que na hora da prova tudo se desmorone, e que a bondade de que falo ceda ao mínimo receio. Não importa. Alguma coisa divina aconteceu; e vosso Deus deve ter sorrido algures. Talvez seja o fim supremo da vida fazer renascer assim em nós o inexplicável; e saberemos o que ajuntamos a nós mesmos quando despertamos um pouco do incompreensível adormecido em todos os cantos? Aqui, despertastes o amor que não torna a adormecer. A alma que vossa alma

olhou e verteu convosco as santas lágrimas da alegria solene que se não percebe, não vos quererá no meio das torturas. Ela nem terá necessidade de perdoar. Está tão certa de que não sei quê, que nada poderá dali por diante apagar ou empalidecer o seu sorriso interior, pois nada poderá separar duas almas que por um instante "foram boas juntas".

XII

A VIDA PROFUNDA

E' bom recordar aos homens que o mais humilde dentre êles "tem o poder de esculpir, segundo um modêlo divino e no escolhido, uma grande personalidade moral, composta em partes iguais dêle próprio e do ideal; e o que vive com plena realidade é seguramente isso".

Cumpre que todo homem encontre por si mesmo uma possibilidade particular de vida superior na humilde e inevitável realidade quotidiana. Não há escopo mais nobre para nossa vida. O que nos distingue uns dos outros são as nossas correlações com o infinito. O herói só se avantaja ao miserável que caminha a seu lado, porque em certa hora da sua existência teve conscêencia mais viva duma dessas relações. Se é certo que a criação não se detem no homem, e que seres superiores e invisíveis vos rodeiam, êsses seres só nos são superiores porque têm com o infinito relações que nós nem sequer suspeitamos.

É-nos possível multiplicar essas relações. Na vida de todo homem dia houve que o céu se abriu, e é quase sempre desse instante que data a verdadeira personalidade espiritual de um ser. Nesse instante se formou, sem dúvida, a face invisível e eterna que mostramos aos anjos e às almas. Mas para a maioria dos homens

o céu não se abre assim senão por acaso. Êles não escolheram o rosto pelo qual os anjos os reconhecem no infinito, e não sabem enobrecer e purificar os seus traços. Nasceram de uma alegria, de uma tristeza, de um terror ou dum pensamento acidental.

Na realidade nós entramos a existir no dia em que pela primeira vez sentimos profundamente algo de grave e inesperado na vida. Alguns verificam, de repente, que não se acham sós sob o céu. Outros, dando um beijo ou vertendo uma lágrima, percebem bruscamente que "a fonte de tudo o que há melhor e santo, desde o universo até Deus, está oculta atrás de uma noite cheia de estrêlas longínquas demais"; um terceiro viu mão divina estender-se entre sua alegria e sua infelicidade; e outro compreendeu que os mortos têm razão. Outro teve piedade, outro admirou, outro teve mêdo. Muitas vêzes não é preciso quase nada; uma palavra, um gesto, uma coisinha que não chega a ser um pensamento. "Antes eu te amava como a um irmão, diz um herói de Shakespeare diante de um ato que admira; antes eu te amava como a um irmão, mas agora respeito-te como minh'alma". E' possível que nesse dia um ser viesse ao mundo.

Podemos nascer assim mais de uma vez; e em cada nascimento aproximamo-nos um pouco de nosso Deus. Mas quase todos nos contentamos de esperar que um acontecimento cheio de uma luz irresistível penetre violentamente nas nossas trevas e nos ilumine apesar de tudo. Esperamos não sei que feliz coincidência, em que os olhos de nossa alma se abram por acaso no momento em que alguma coisa extraodinária nos acontece. Mas há luz em tudo o que acontece; e os maiores homens só foram grandes porque tinham o hábito de abrir os olhos a tôdas as luzes. E' então necessário que vossa mãe agonize em vossos braços, que vossos filhos pereçam num naufrágio e que vós

próprios passeios ao lado da morte, para que vos venha enfim a compreensão de que estais num mundo incompreensível, no qual um Deus invisível permanece eternamente só com suas criaturas? Será pois necessáio que vossa noiva morra num incêndio ou desapareça sob vossos olhos nas profundidades do oceano para entreverdes por um instante que os últimos limites do reino do amor vão talvez bem além das flamas quase invisíveis de Mira, de Altair, e de Cabeleira de Berenice? De olhos abertos não terieis acaso pedido ver num beijo o que hoje percebeis numa catástrofe? Será preciso que a dôr acorde assim a golpes de lança as lembranças divinas que dormem em nossas almas? O sábio não tem necessidade dessas violências. Contempla uma lágrima, o gesto duma virgem, uma gota d'água que cai; ouve um pensamento que passa, abraça um irmão, aproxima-se duns lábios — sempre de olhos abertos e de alma também aberta. Ali pode ver continuamente o que entrevistes apenas por instantes; e um sorriso lhe dirá sem esfôrço o que uma tempestade ou mesmo a própria mão da morte vos revelou.

Que há no fundo de tudo que chamamos "Sabedoria", "Virtude", "Heroismo", "horas sublimes", e "grandes momentos" da vida, se não os momentos em que saímos de nós mesmos e em que pudemos nos deter, ainda que por um minuto, a uma das portas eternas de onde o menor grito, o pensamento mais páiido e o mais débil gesto não caem no nada; ou se caem, a quéda é tão imensa que basta para dar um carater augusto à nossa vida? Por que esperais que o firmamento se abra ao estrondo do raio? E' preciso estarmos atentos aos minutos felizes em que êle se abre silenciosamente — e isso acontece sem cessar. Procurais Deus em vossa vida e Deus não aparece, dizeis. Mas que vida não tem milhares de horas semelhantes

à hora do drama em que todos esperam a intervenção divina e ninguém a percebe, até o momento em que um pensamento invisível, de volta à consciência de um moribundo, se manifesta de súbito, ou um velho grita soluçando de alegria e de assombro: "Deus, ei-lo!..."

Será preciso sempre que alguém nos advirta? e não podemos cair de joelhos se não estiver lá alguém para nos dizer que Deus passa? Se amastes profundamente, ninguém pôde vos fazer notar que vossa alma era qualquer coisa de tão gande quanto os mundos; e que os astros, as flores, as vagas da noite e as do mar não eram solitárias; que nada terminava e tudo começava no limiar das aparências; e que os próprios lábios que beijastes pertenciam a um ser bem mais alto, mais belo, mais puro que o que os vossos braços enlaçavam. Vistes então o que a vida só mostra na ebriedade. Mas será que não podemos viver como se o amássemos sempre? Os heróis e os santos não fizeram outra coisa. Ah! na verdade esperamos um pouco demais na existência, como os cegos da lenda que fizeram uma longa viagem para vir escutar seu Deus. Sentaram-se sôbre os degraus, e quando alguém lhe perguntava o que faziam na entrada do santuário: "Nós esperamos, respondiam sacudindo a cabeça, e Deus ainda não disse uma só palavra". Não tinham percebido que as portas de bronze do templo estavam fechadas e que lá dentro a voz de seu Deus enchia o recinto. Nosso Deus não cessa um instante de falar; mas ninguém pensa em entreabrir as portas. E se o fizessemos, não seria difícil ouvirmos, a propósito de todos os atos, a palavra que Deus deve dizer.

Vivemos todos no sublime. E no que mais viver? Não há outro lugar da vida. O que nos falta não são as ocasiões de viver no céu, e sim a atenção e o recolhimento — e um pouco de ebriedade de alma. Se só

tendes um quartinho, acreditais que Deus não esteja lá também? e que seja impossível levar dentro dêle uma vida elevada? Se vos queixais de solidão, de que nada vos acontece, de que ninguém vos ama, de que não amais a ninguém, supondes que essas palavras não vos enganam? que seja possível estar só, que o amor seja uma coisa clara, uma coisa visível; e que os acontecimentos se pesam como o ouro e a prata dos resgates? Será que um pensamento vivo — seja elevado ou rasteiro, pouco importa; desde que venha de vossa alma é grande para vós — será que um alto desejo ou simplesmente um momento de atenção solene à vida não podem entrar num quartinho? E se não amais ou não vos amam, e apesar disto podeis ver, com uma certa fôrça, que mil coisas, são belas, que a alma é grande e que a vida é indizìvelmente grave, isso não é tão belo como se amásseis ou fosseis amado? E se o próprio céu vos é denegado, "o grande céu estrelado, diz o poeta, não se estende, apesar de tudo, sôbre vossa alma sob a forma da morte?..." Tudo o que nos acontece é divinamente grande e nós estamos sempre no centro de um grande mundo. Mas cumpre habituar-nos a viver como um anjo que acaba de surgir, como uma mulher que ama ou como um homem que vai morrer. Se soubermos que vamos morrer esta noite, ou simplesmente distanciar-nos para sempre, acaso veriamos pela última vez os seres e as coisas como os temos visto até êste momento? e não amariamos como jamais amamos? Foi a bondade ou a maldade das aparências o que cresceu em tôrno de vós? E' a beleza ou a fealdade das almas o que tendes o dom de perceber? Será que tudo, até o próprio mar e o sofrimento, não se transformam então em amor cheio de doces lágrimas? Será que cada ocasião de perdoar, como disse um sábio, não arranca qualquer coisa à amargura da partida ou da morte? E,

entretanto, nessas claridades da tristeza ou da morte, será na direção da verdade ou do êrro que damos os últimos passos permitidos?

São os vivos ou os moribundos os que sabem ver e têm razão? Ah! felizes os que pensaram, os que falaram, os que agiram de maneira a receber a aprovação dos que vão morrer ou dos que uma grande dôr tornou clarividentes! Não há recompensa mais doce para o sábio que ninguém atendeu em vida. Se vivestes na beleza obscura, não vos inquieteis. Uma hora de suprema justiça acaba sempre por soar no coração de todo homem: e a infelicidade abre olhos que não se abriam nunca. Quem sabe se nesse momento não passais sôbre a alma dum moribundo como a sombra do que já conhecia a verdade? Não é talvez sôbre o leito dos agonizantes que se trama a verdadeira e a mais preciosa corôa do sábio, do herói e de todos os que têm sabido viver gravemente nas altas, puras e discretas tristezas da vida conforme a alma?

"A Morte, diz Lavater, não embeleza sòmente nossa forma inanimada; mas o só pensamento da morte dá uma forma mais bela à própria vida. "E mesmo todo pensamento infinito como a morte embeleza nossa vida. Mas não é preciso que não nos enganemos. Todo homem tem nobres pensamentos que passam como grandes pássaros brancos sôbre seu coração. Mas, ai! êsses pensamentos não contam; são desconhecidos que vemos com estranheza e afastamos com um gesto de enfado. Não têm portanto tempo de atingir nossa vida. Para que nossa alma se torne grave e profunda como a dos anjos, não basta entrever um instante o universo na sombra da morte ou da eternidade, na luz da alegria ou nas flamas da beleza e do amor. Todo ser tem tido dêstes momentos, dos quais só fica um punhado de cinzas inúteis. Não basta um acaso; é peciso um hábito. E' preciso aprender a viver

na beleza e na gravidade. Na vida, os seres mais mesquinhos distinguem perfeitamente qual é a coisa nobre e bela que seria preciso fazer; mas essa coisa nobre e bela não tem sôbre êles bastante fôrça. E' esta fôrça invisível e abstrata que devemos aumentar por antecipação. E essa fôrça só aumenta nos que adquirem o hábito de sentar-se mais vêzes que os outros sôbre os cumes em que a vida adquire alma, e de onde se vê que todo ato e todo pensamento estão infalìvelmente ligados a alguma coisa de grande e imortal. Olhai os homens e as coisas segundo a forma e o desejo de vosso ôlho interior, mas não esqueçais que a sombra por êles projetada de passagem sôbre a colina, ou sôbre o muro, é apenas a imagem passageira de uma sombra mais poderosa, que se estende como a asa dum cisne imperecível sôbre toda alma que se aproxima da vossa. Não acrediteis que tais pensamentos sejam simples ornatos e não tenham nenhuma influência sôbre a vida dos que os admitem. Importa bem menos transformar nossa vida do que percebe-la, pois ela se transforma por si desde que foi vista. Êsses pensamentos de que falo formam o tesouro secreto do heroismo, e no dia em que a vida nos obriga a abrir êsse tesouro, espantamo-nos de nêle não mais encontrar outras fôrças senão as que nos impelem para a beleza perfeita. Já não é preciso, então, que um grande rei morra para nos lembrar "que o mundo não acaba nas portas das casas"; e a menor coisa basta para enobrecer uma alma cada noite.

Mas não é dizendo-vos que Deus é grande e que vós vos moveis sem sua luz, que vivereis na beleza e nas profundidades fecundas em que viveram os heróis. E' possível que vos lembreis da manhã à noite que as mãos de tôdas as fôrças invisíveis se agitam como tenda de numerosas pregas acima de vossa cabeça, sem que nunca percebais o mínimo gesto dessas mãos.

Temos de ser eficazmente atentos, e antes velar na praça pública do que dormir no templo. Há beleza e grandeza em tudo, pois basta uma circunstância inesperada para nô-las fazer ver. A maioria o sabe, mas de pouco vale que o saiba, pois sòmente sob o chicote da sorte ou da morte é que rondam em tôrno ao muro da existência à procura das fendas que levam a Deus. Não ignoram que há fendas eternas nas paredes pobres duma cabana, e que as menores vidraças não roubam uma linha ou uma estrêla à imensidade dos espaços celestes. Mas não basta possuir uma verdade, é preciso que a verdade nos possua.

E, entretanto, estamos num mundo em que os mínimos acontecimentos assumem sem esfôrço uma beleza cada vez mais pura e alta. Nada se confunde tão fàcilmente quanto o céu e a terra; e se olhastes as estrêlas antes de beijar a vossa amante, não a beijareis da mesma maneira como se houvesseis olhado as paredes de vosso quarto. Ficai certo de que o dia em que vos demorastes em seguir um raio de luz através de uma das fendas da porta da vida, fizestes alguma coisa de tão grande como se tivesseis pensado as feridas de um inimigo, pois naquele momento não tinheis mais inimigo.

E' preciso viver à espreita de seu Deus, pois êle se esconde; mas seus ardís, quando os reconhecemos, parecem tão sorridentes e tão simples! Um nada desde logo nos revela sua presença, e a grandeza de nossa vida se prende a tão pouca coisa! Encontramos assim nos poetas um verso que, aqui e ali, no meio dos ínfimos acontecimentos de nossos dias comuns, parece sùbitamente entreabrir qualquer coisa enorme. Nenhuma palavra solene foi ponunciada, e dir-se-ia que nada foi chamado; entretanto, por que uma face inefável nos fêz sinal por trás das lágrimas de um velho? por que tôda uma noite cheia de anjos se estende em redor do

sorriso duma criança? e por que, a propósito dum sim ou dum não balbuciado por uma alma que canta trabalhando em outra coisa, dizemo-nos de súbito, prendendo um instante a respiração: "Aqui é a casa de Deus, e ali uma das entradas do céu?"

Êsses poetas eram mais atentos que nós "à sombra interminável..." No fundo, a suprema poesia não passa disso, e não tem outro escôpo senão conservar abertas "as grandes estradas conducentes do que se vê ao que não se vê". Mas é também o fim supremo da vida, e bem mais fácil atingí-lo na vida que nos mais nobres poemas, pois êstes tiveram de abandonar as duas grandes asas do silêncio. Não há pequenos dias. E' preciso que esta idéia desça em nossa vida e se transforme em substância. Não se trata de ser triste. Pequenas alegrias, pequenos sorrisos e grandes lágrimas, tudo isto ocupa o mesmo ponto no espaço e no tempo. Podeis brincar na vida tão inocentemente "quanto uma criança em redor do leito de um morto", e os prantos não são indispensáveis. Os sorrisos bem como as lágrimas abrem as portas do outro mundo. Ide, vinde, saí: encontrareis o que vos é preciso nas trevas, mas não vos esqueçais nunca de que estais próximo das portas.

*
* *

Após êsse longo rodeio, volto ao meu ponto de partida ou à idéia de "quanto é bom recordar aos homens que o mais humilde dentre êles tem o poder de esculpir, segundo um modêlo divino que não escolheu, uma grande personalidade moral, composta em partes iguais dêle próprio e do ideal". Ou esta "grande personalidade moral" não se esculpiu senão nas profundezas da vida; e a reserva do ideal necessária não aumenta senão graças a incessantes "revelações

do divino". Todo homem pode elevar-se em espírito às culminâncias da vida virtuosa e saber a todo momento o que precisaria fazer para agir como herói ou santo. Mas não é o que importa. E' preciso que a atmosfera espiritual se transforme a tal ponto em redor de nós que acabe por assemelhar-se à atmosfera dos belos países do século do ouro de Swedenborg, em que o ar não permitia às mentiras saírem da boca. Chega então o instante em que o menor mal que desejassemos fazer cai a nossos pés como bola de chumbo sôbre disco de bronze, e em que quase tudo se transforma à nossa revelia em beleza, em amor e em verdade. Mas essa atmosfera só envolve os que tiveram cuidado de arejar sua vida, entreabrindo por vêzes as portas do outro mundo. E' junto dessas portas que o vemos. E' junto dessas portas que o amamos. Pois amar seu próximo não é sòmente dar-se todo a êle, servir, ajudar e socorrer os outros. E' possível que não sejais nem bom, nem belo, nem nobre no meio dos maiores sacrifícios, e a irmã de caridade que morre à cabeceira dum doente de tifo tem talvez uma alma rancorosa, pequena e miserável. Amar ao próximo nas profundidades estáveis é amar o que há eterno nos outros, pois é por excelência o próximo o que mais nos aproxima de Deus, isto é, do que ha de puro e bom nos homens; e é apenas conservando-vos sempre em redor das portas a que atrás me referi, que descobrireis o que há divino nas almas. Podereis então dizer com o grande João-Paulo: "Quando quero amar muito ternamente uma pessoa, e perdoar-lhe tudo, não tenho mais nada a fazer senão olha-la algum tempo em silêncio". E' preciso aprender a ver para aprender a amar. "Vivi durante mais de vinte anos ao lado de minha irmã", dizia-me um dia certo amigo, "e pela primeira vez a vi no momento da morte de nossa mãe". Fôra preciso que a morte abrisse violentamente uma

porta eterna para que duas almas se percebessem num raio de luz primitiva. Haverá acaso um só dentre nós que não esteja cercado de irmãs que nunca viu?

Felizmente, nesses mesmos que menos vêem há sempre alguma coisa que age em silêncio como se êles houvessem visto. E' possível que ser bom seja apenas estar num pouco de claridade, quando todos estão nas trevas. Eis aí a razão pela qual se torna útil esforçar-nos por elevar nossa vida, e nos orientarmos na direção dos cumes em que o homem atinge a impossibilidade de fazer mal. Eis porque é útil habituarnos a ver os acontecimentos e os homens numa atmosfera divina. Mas não é indispensável; e como aos olhos dum Deus a diferença deve parecer pequena! Estamos num mundo em que a verdade reina no fundo das coisas, e em que não é ela, mas a mentira, que tem necessidade de ser explicada. Se a felicidade de vosso irmão vos entristece, não vos desprezeis; não tendes um longo caminho a percorrer para encontrar em vós mesmo alguma coisa que vos não entristecerá. E se não percorreis o caminho, pouco importa; alguma coisa não se entristeceu.

Os que em nada pensam têm a mesma verdade dos que pensam em Deus: apenas a verdade está um pouco menos próxima do limiar. "Mesmo na vida mais vulgar, disse Renan, a parte do que se faz para Deus é enorme. O homem mais vil prefere ser justo a ser injusto, e todos nós adoramos e rezamos várias vêzes por dia sem o saber". E espantamo-nos quando um acaso de súbito nos revela a importância dessa parte divina. Há em tôrno de nós milhares e milhares de pobres seres que nunca viram nada de belo em tôda a sua existência; vão e vêm na obscuridade; parece que tudo está morto; e ninguém se incomoda. Mas eis que um dia uma simples palavra, um silêncio imprevisto, uma pequena lágrima que vem das fontes mesmas da beleza, nos fêz

saber que êles encontraram meios de elevar, na sombra de sua alma, um ideal mil vêzes mais belo que as mais belas coisas que seus ouvidos ouviram e seus olhos viram. O' nobres e pálidos ideais do silêncio e da sombra! Sois vós sobretudo que despertais o sorriso dos anjos e que subis diretamente para Deus! Em que inúmeras cabanas, em que antros da miséria, em que prisões não vos nutrem neste momento das lágrimas e do sangue mais puro duma pobre alma que nunca sorriu; o mesmo com as abelhas; quando tôdas as flores estão mortas em redor, oferecem à que deve ser a rainha um mel mil vêzes mais precioso que o mel fornecido às suas pequenas irmãs da vida quotidiana... Qual de nós não encontrou mais de uma vez, ao longo das estradas da vida, uma alma abandonada que não tinha entretanto perdido a coragem de nutrir assim nas trevas um pensamento mais divino e puro que todos os que tantos outros tinham tido ocasião de ir escolher na luz? Também aqui a simplicidade é a escrava favorita de Deus; e basta que alguns sábios não ignorem o que é preciso fazer para que o resto atue como se igualmente soubesse...

XIII

A BELEZA INTERIOR

Não há nada no mundo mais ávido de beleza, nem que se embeleze mais fàcilmente, do que uma alma. Não há nada no mundo que se eleve mais naturalmente e se enobreça mais prontamente. Não há nada no mundo que obedeça mais escrupulosamente às ordens puras e nobres que recebe. Não há nada no mundo que sofra mais docilmente o império de um pensamento mais alto que os outros. Em compensação, bem poucas alma sno mundo resistem ao domínio duma alma que se faz bela.

Dir-se-á verdadeiramente que a beleza é o único alimento de nossa alma; ela a procura em tôda parte e mesmo na vida mais rasteira não morre de fome. E' que não há beleza que passe completamente despercebida. Pode ser que só exista na inconsciência, mas age tão poderosamente na noite como à claridade do dia. Aqui procura uma alegria menos apreensível — é essa a única diferença. Examinai os homens mais comuns, quando um pouco de beleza lhe vem roçar as trevas. Lá estão êles reunidos não importa onde; e desde que se encontram reunidos sem que se saiba porque, parece que seu primeiro cuidado seja o de fechar, de início, as grandes portas da vida. Cada um dêles, entretanto, quando estava só, viveu mais de

uma vez conforme sua alma. Amou, talvez; sofreu, sem dúvida. Também ouviu, inevitàvelmente, "os sons das longínquas regiões dos Esplendores e dos Terrores" e soube muitas noites inclinar-se em silêncio diante das leis mais profundas que o mar. Quando estão juntos, porém, gostam de embriagar-se com coisas mesquinhas. Têm não sei que estranho mêdo à beleza; e mais numerosos são, mais têm mêdo, como têm mêdo do silêncio ou da verdade por demais pura. E' isto tão verdade que se acontecesse a um dêles ter feito durante o dia uma coisa heróica, procuraria excusar-se, atribuindo o seu ato a móveis mesquinhos, móveis que êle tomaria na região inferior em que estão reunidos. Mas uma palavra alta e orgulhosa foi dita, que reabriu de qualquer maneira as fontes da vida. Uma alma por um instante ousou mostrar-se tal como é no amor, na dôr, diante da morte ou na solidão, em presença das estrêlas da noite. Brota a inquietude, e os rostos se espantam ou sorriem. Nunca sentistes nesses momentos com que fôrça unânime tôdas as almas admiram, e como a mais fraca aprova indizìvelmente, no fundo de sua prisão, a palavra que reconheceu semelhante a si mesma? Tôdas revivem bruscamente, em sua atmosfera primitiva e normal; e se tivesseis os ouvidos dos anjos, ouvireis, seguramente, os aplausos de suas asas no reino de luz onde vivem. Se uma palavra análoga fôsse pronunciada cada dia, não se encorajariam as almas mais tímidas e não viveriam os homens mais verdadeiramente? Nem é preciso que uma palavra análoga torne. Algo novo ocorreu que deixará traços muito profundos. A alma que pronunciou a palavra em causa será reconhecida cada noite por suas irmãs; e apenas a sua presença vai dar para sempre não sei que toque augusto aos propósitos mais insignificantes. Houve uma mudança impossível de determinar. As coisas inferiores não terão mais a mes-

ma fôrça exclusiva, e as almas amedrontadas sobem que há algures um refúgio...

E' certo que as relações naturais e primitivas entre alma e alma são relações de beleza. A beleza é a única linguagem de nossas almas... Não compreendem outra. Não têm outra vida, não podem produzir coisa diferente, não podem interessar-se em outra coisa. E' a razão de todo pensamento, tôda palavra, todo ato grande e belo ser imediatamente aplaudido pela alma mais oprimida e mesmo a mais baixa, se é que há alma baixa. A alma não tem órgãos que a liguem a outro elemento e não pode julgar senão conforme a beleza. Vós o vêdes em cada instante de vossa vida; e vós mesmos, que tendes renegado mais de uma vez a beleza, o sabeis tão bem quanto os que a procuram sem cessar em seu coração. Se um dia tiverdes profunda necessidade de outro ser, ireis em procura de quem sorriu com um miserável sorriso quando a beleza passava? Ireis ao que profanou com um meneio de cabeça um ato generoso ou uma tendência pura? Talvez sejais dos que o aprovaram; mas nesse grave momento em que é a verdade que bate à vossa porta, vós vos volvereis para o que soube inclinar-se e amar. Vossa alma tinha julgado em suas profundidades; e é seu julgamento silencioso e infalível que, talvez, trinta anos após remonta à superfície, e vos envia para uma irmã que esteve mais próxima da beleza.

Bem pouca coisa basta par encorajar a beleza numa alma. Bem pouca coisa basta para acordar os anjos adormecidos. Não é preciso talvez despertar — basta simplesmente não adormecer. Não é talvez elevar-se, mas descer, o que requer esfôrço. Será preciso um esfôrço para não pensar em coisas mediocres diante do mar ou em face da noite? E que alma não sabe que ela está sempre diante do mar ou dentro de uma noite eterna? Se tivermos menos mêdo da

beleza, chegaríamos a não mais encontrar outra coisa na vida; pois, na realidade, sob tudo o que se vê não há senão beleza. Tôdas as almas o sabem, tôdas estão prontas — mas onde as que não ocultam a sua beleza? E' preciso, entretanto, que uma delas "comece". Por que não ousar ser a que "começa"? Tôdas as outras estão lá, ávidas em tôrno de nós como criancinhas diante de um palácio maravilhoso. Comprimem-se no limiar, cochicham, olham pelas frestas, mas não ousam empurrar a porta. Esperam que uma grande pessoa venha abri-la. Mas a grande pessoa não passa quase nunca.

E entretanto que seria preciso para tornar-se a grande pessoa esperada? Pouca coisa. As almas não são exigentes. Um pensamento quase belo que não dizeis e que nutris neste momento vos ilumina como um vaso transparente. Elas o vêem e vos acolherão de maneira diversas da que teriam se pensasseis em enganar vosso irmão. Espantamo-nos quando certos homens nos dizem que jamais encontraram verdadeira fealdade e que não sabem ainda o que seja uma alma baixa. Mas isso no é motivo de espanto. Êles "tinham começado". E por que êles próprios eram belos, chamavam a si tôda beleza que passava, com um farol chama os navios dos quatro cantos do horizonte. Há por exemplo os que se queixam das mulheres e não pensam que a primeira vez que encontrais uma mulher basta uma única palavra, um único pensamento que negue o que é belo e profundo para envenenar para sempre vossa existência em sua alma. "Por mim, disse-me um dia um sábio, nunca conheci uma única mulher que não me tenha trazido alguma coisa de grande". Êsse sábio era grande, eis aí o segrêdo. Só há uma coisa que a alma não perdoa nunca; é ter sido obrigada a olhar, cotovelar, participar de um ato, duma palavra ou dum pensamento feio. Ela não pode per-

doar, pois perdoar aqui é negar-se. E, entretanto, para a maioria dos homens, ser engenhoso, forte, hábil não é distanciar antes de tudo sua alma de sua vida, não é afastar com cuidado tôdas as tendências profundas demais? Agem assim no próprio amor; e é a razão por que a mulher, mais próxima ainda da verdade, quase nunca tem com êles um instante de vida verdadeira. Parece que o homem tem mêdo de reunir-se à sua alma e tem o cuidado de conservar-se a mil léguas de sua beleza. Seria preciso, ao contrário, tentar preceder-se sem cessar. Pensai ou dizei nesse momento coisas demasiado belas para serem verdadeiras em vós; essas coisas serão verdadeiras amanhã, se experimentastes pensá-las ou dizê-las esta noite. Esforcemo-nos por ser mais belos do que nós mesmos: não iremos além de nossa alma. Não nos enganamos quando se trata de beleza silenciosa e oculta. De resto bem pouco importa que um ser se engane ou não, desde que a fonte interior seja bem clara. Mas quem pensa em fazer o menor esfôrço invisível? E, todavia, encontramo-nos aqui num domínio onde tudo é eficaz porque tudo espera. Todas as portas estão abertas; basta apenas empurrá-las; e o palácio está cheio de rainhas acorrentadas. Freqüentemente basta uma só palavra para varrer montanhas de lixo. Por que não ter a coragem de opôr a uma pergunta baixa uma nobre resposta? Acreditais que ela passe completamente despercebida ou só desperte o espanto? Acreditais que isto não se aproxime bastante do diálogo natural de duas almas? Não se sabe o que isto encoraja ou liberta. Mesmo quem repele essa resposta dá um passo, sem o saber, para a sua própria beleza. Uma coisa bela não morre sem ter purificado alguma coisa. Não há beleza que se perca. Não é preciso ter mêdo de semear pelas estradas. As belezas nela permanecerão por semanas e anos, mas não se dissol-

vem mais que o diamante; e alguém acabará por passar, que as verá brilhar, que as apanhará e ir-se-á feliz. Por que calar dentro de vós uma palavra bela e alta por acreditardes que os outros não vos compreenderão? Por que entravar um instante de bondade superior que nascia, na suposição de que os que vos cercam não o aproveitarão? Por que reprimir um movimento instintivo de vossa alma na direção das alturas por estardes entre os moradores do vale? Será que um sentimento profundo perde sua ação nas trevas? Será que um cego não tem outros meios senão os olhos para distinguir os que o amam dos que o não amam? Será que a beleza tem necessidade de ser compreendida para existir — e crêdes que não haja em todo homem alguma coisa que compreende muito além do que parece compreender, muito além do que êle próprio pensa compreender? "Mesmo aos mais miseráveis — dizia-me um dia a criatura mais alta que tive a felicidade de conhecer — não tenho a coragem de responder uma coisa feia ou medíocre". E vi que esta criatura que segui muito tempo na vida tinha sôbre as almas mais obscuras, mais fechadas, mais cegas, mais rebeldes mesmo, um poder inexplicável. Pois nenhuma boca pode dizer a fôrça duma alma que se esforça por viver numa atmosfera de beleza, e que é ativamente bela em si mesma. E, demais, não será a qualidade dessa atividade que torna a vida miserável ou divina?

Se pudessemos ir ao fundo das coisas, veriamos que é a fôrça de algumas almas belas que sustêm as outras na vida. Não é a idéia que cada um faz de alguns seres escolhidos a única moral viva e eficaz? Mas nessa idéia qual é a parte da alma eleita e qual a parte do que a elege? Será que isso não se mistura muito misteriosamente, e esta moral ideal não atinge profundidades que a moral dos mais belos livros não

poderá jamais aflorar? Há aí a influência de uma extensão cujos limites são difíceis de fixar; e uma fonte de força na qual cada um de nós vai beber mais de uma vez por dia. Será que um desfalecimento num dêsses seres considerados como perfeitos e amados na região da beleza não diminui imediatamente vossa confiança na grandeza universal das coisas e a vossa admiração por elas?

E, por outro lado, não creio que nada no mundo embeleze uma alma mais insensìvelmente, mais naturalmente, do que a certeza de que existe algures, não longe, um ser puro e belo que pode amar sem **arrière-pensée.** Quando se aproxima de um tal ser, a beleza cessa de ser uma bela coisa morta que mostramos aos estranhos; assume sùbitamente uma vida imperiosa, e sua atividade se torna tão natural que mais nada lhe resiste.

Plotino, no livro VIII da quinta Enéada, após ter falado da "beleza inteligível", ou divina, concluiu assim: "Somos belos quando pertencemos a nós mesmos; e feios quando nos rebaixamos a uma natureza inferior! Também somos belos ainda quando nos conhecemos e feios quando nos ignoramos". Estamos aqui sôbre montanhas onde o ignorar-se não é simplesmente não saber o que acontece em nós mesmos quando estamos amorosos ou ciumentos, tímidos ou invejosos, felizes ou desgraçados. Ignorar onde estamos é ignorar o que se passa de divino nos homens. Somos feios quando nos distanciamos dos deuses que estão em nós; e tornamo-nos belos à medida que os descobrimos. Mas nos outros nós só encontraremos o divino mostrando-lhes de início o divino em nós próprios. E' preciso que um dos deuses faça sinal ao outro; e todos os deuses respondem ao mais imperceptível sinal. Nunca há insistir demais; basta uma fissura quase invisível para que as águas do céu penetrem

numa alma. Tôdas as taças estão estendidas na direção da fonte desconhecida; e estamos num lugar em que só se pensa na beleza. Se pudessemos perguntar a um anjo o que nossas almas fazem na sombra, creio que sua resposta seria: "Ellas transformam em beleza as pequenas coisas que recebem". Ah! é necessário confessarmos que a alma humana tem uma coragem singular! Resigna-se a trabalhar toda uma noite nas trevas em que a maioria dentre nós a relega e onde ninguem lhe fala. Faz aí o que pode sem se queixar, e esforça-se por arrancar aos seixos que lhe atiramos a semente de luz eterna que êles talvez encerrem. E enquanto se esforça, espreita o momento em que poderá subir a uma irmã mais amada ou acaso mais próxima dos laboriosos tesouros que armazenou. Mas há milhares de existências que nenhuma irmã visita, e em que a vida a tornou tão tímida que ela se vai sem nada dizer e sem ter podido ornamentar-se uma única vez com as mais pobres jóias de sua humilde corôa...

E apesar de tudo ela espreita tôdas as coisas em seu céu invisível. Adverte, ama, admira, atrái, repele. A cada novo acontecimento, sobe à superfície esperando que a obriguem a descer, porque passa por importuna de louca. Erra como Cassandra sob o pórtico dos Átridas. Diz aí sem cessar palavras cuja verdade mesma não passa de sombra, e ninguém a ouve. Se erguemos os olhos, ela espera um raio de sol ou de estrêla, do qual deseja fazer um pensamento ou uma tendência inconsciente e muito pura. E se nossos olhos não lhe dizem nada, ela saberá transformar sua pobre decepção em qualquer coisa de inefável que esconderá até à morte. Se amamos, ela se embriaga de luz atrás da porta fechada; e, esperando, não desperdiça as horas; e essa luz que se côa pelas fendas torna-se-lhe em beleza, bondade ou verdade. Mas se a porta não

se abre (e em quantas existências se abrirá?), a alma se revolve em sua prisão, e o seu desgôsto será, talvez, uma verdade mais elevada que não veremos nunca, pois estamos no lugar das transformações indizíveis; e o que não nasceu dêste lado da porta não está perdido, mas não se imiscui nesta vida...

Disse há pouco que a alma transforma em beleza as pequenas coisas que recebe. Parece mesmo, à medida que nisso pensamos, que ela não tem outra razão de ser, e que tôda a sua atividade se aplica em reunir no nosso íntimo um tesouro de beleza indescritível. Será que tudo não se modificaria naturalmente em beleza se não viessemos incessantemente a perturbar o trabalho obstinado de nossa alma? Será que o próprio mal não se torna precioso quando dêle a alma extrái o diamente profundo do arrependimento? Será que as injstiças que cometestes e as lágrimas que fizestes verter não acabam um dia por se tornarem em vossa alma luz e amor? Vistes jamais em vós mesmos, nesse reino, flamas purificadoras? Fizeram-vos um grande mal hoje; os gestos eram pequenos; o ato, baixo e triste; e, entretanto, vinde dar uma vista d'olhos em vossa alma, alguns anos depois; e dizei-me se não vêdes sob a lembrança dêsse ato qualquer coisa já mais pura que um pensamento, não sei que fôrça sem nome e sem nenhuma relação com as fôrças comuns dêste mundo, não sei que fonte de "outra vida" na qual podeis beber à farta até vossos derradeiros dias. E no entanto não ajudastes a rainha infatigável, e pensáveis em outra coisa enquanto o ato se purificava, à vossa revelia, no silêncio de vosso sêr, e vinha aumentar a preciosa água dêsse grande reservatório de verdade ou beleza, que não é agitado, como reservatório menos profundo dos pensamentos verdadeiros ou belos, mas fica para sempre ao abrigo do sôpro da vida.

"Não há um fato, um acontecimento de nossa existência, diz Emerson, que cêdo ou tarde não perca sua forma inerte, adesiva, e que não nos espante ao tomar surto do fundo de nosso corpo, no Empíreo". E isso é certo em grau ainda mais alto do que Emerson talvez o previra, pois à medida que avançamos nesses lugares, descobrimos esferas mais divinas.

Não se sabe o que é essa atividade silenciosa das almas que nos rodeiam. Dissestes uma palavra pura a um sêr que a não compreendeu. Acreditais perdida essa palavra e não mais pensais no assunto. Mas um dia, por acaso, a palavra reaparece com transformações inauditas; podemos ver os frutos inesperados que ela produziu nas trevas — e depois tudo recai no silêncio. Mas que importa? sabemos que nada se perde numa alma, e que os mais pequeninos também têm os seus instantes de esplendor. Não há enganar-nos; mesmo os mais infelizes e os mais despidos de tudo têm, a despeito de si mesmos, bem no fundo de seu ser, um tesouro de beleza ao qual não podem empobrecer. Trata-se simplesmente de adquirir o hábito de usá-lo. E' necessário que a beleza não se torne uma festa isolada na vida, e sim uma festa quotidiana. Não é preciso um grande esfôrço para ser admitido em meio daquêles "aos olhos dos quais a terra em flor e os céus brilhantes já não entram por partes infinitesimas, mas em massas sublimes", e falo de flores e de céus mais duráveis e puros que os que conhecemos. Há mil canais por onde a beleza de nossa alma pode subir até nosso pensamento. Há sobretudo o canal admirável e central do amor.

Não é no amor que se encontram os mais puros elementos de beleza que possamos oferecer à alma? Seres existem que assim se amam na beleza. Amar assim é perder pouco a pouco o senso da fealdade; é tornar-se cego a tôdas as pequenas coisas e só entre-

ver a frescura e a virgindade das almas humildes. Amar assim, é nada mais poder ocultar porque nada mais há que a alma sempre presente não transforme em beleza. Amar assim, é não mais ver o mal senão para purificar a indulgência e para prender a não confundir o pecador com o seu pecado. Amar assim, é elevar todos os que nos cercam às alturas em que não poderão mais fracassar, e de onde uma ação baixa deve cair de tão alto que chegando à terra liberte, a despeito de si mesma, sua alma de diamante. Amar assim, é, sem que o saibamos, transformar em movimentos ilimitados as menores intenções que velam em nosso redor. Amar assim, é chamar tudo o que há de belo na terra, no céu e na alma para o festim do amor. Amar assim, é existir diante de um ser tal como se existe diante de Deus. Amar assim, é evocar ao menor gesto a presença de sua alma e de todos os seus tesouros. Já não serão precisas a morte, desgraças ou lágrimas para que a alma apareça — basta um sorriso. Amar assim, é entrever a verdade na felicidade, tão profundamente como alguns heróis a entreviram nas claridades das maiores dores. Amar assim, é não mais distinguir a beleza que se transforma em amor, do amor que se transforma em beleza. Amar assim, é não poder dizer onde acaba o raio duma estrêla e onde começa o beijo dum pensamento comum. Amar assim, é chegar tão perto de Deus que os anjos vos tomem. Amar assim, é embelezar juntos a mesma alma, a qual se torna pouco a pouco o anjo único de que fala Swedenborg. Amar assim, é descobrir cada dia uma beleza nova nesse anjo misterioso, e é marchar juntos numa bondade cada vez mais viva e mais alta. — Pois há também uma beleza morta que só é feita do passado; mas o verdadeiro amor torna inútil o passado e cria à sua volta um inesgotável futuro de bondade, sem infelicidades e sem lágrimas. Amar

assim, é libertar sua alma e tornar-se tão belo quanto a alma libertada. "Se na emoção que te deve causar êsse espetáculo (diz a propósito de coisas análogas aquêle grande Plotino que de tôdas as inteligências que conheço é a que se aproxima mais da divindade), tu não o proclamas belo, e se mergulhando teu olhar em ti mesmo não experimentas o encanto da beleza, será debalde que numa semelhante disposição procures a beleza inteligível; pois só a procuravas com o que é impuro e feio. Eis a razão pela qual o que dizemos aqui não se endereça a todos os homens. Mas se reconheces em ti a beleza, ergue-te à reminiscência da beleza inteligível..."

ÍNDICE

	PÁG.
Prefácio	5
I — O Silêncio	7
II — O Despertar da Alma	17
III — Os Esclarecidos	25
IV — A Moral Mística	31
V — Sôbre as Mulheres	37
VI — Ruysbroeck, o Admirável	45
VII — Emerson	57
VIII — Novalis	67
IX — A Tragédia Quotidiana	77
X — A Estrêla	87
XI — A Bondade Invisível	97
XII — A Vida Profunda	107
XIII — A Beleza Interior	119

A SABEDORIA E O DESTINO

MAURICE MAETERLINCK

Nos ocultos refolhos do coração da humanidade, o autor busca pacientemente a confiança, a serenidade, motivos de alegria, expansão, amor... As páginas dêste livro admirável, vivamente assinaladas de filosofia, apresentam estudos importantes sôbre o antagonismo entre os esplendores da Sabedoria e as incertezas do Destino, "destino de nossa alma, que é um destino de purificação e de luz", fazendo com que os impulsos determinantes do modo de ação do ser humano sejam melhor compreendidos, sob a luz da razão, que abre as portas à Sabedoria. A tradução esmerada desta obra do grande filósofo Maurice Maeterlinck, cuja celebridade percorre o mundo todo, foi confiada ao conhecido escritor patrício Monteiro Lobato, uma das glórias da nossa literatura, o qual também deu início ao livro com um brilhante prefácio de sua autoria — o que representa um sucesso de livraria, pois a Emprêsa Editôra "O Pensamento" não pouca esforços para apresentar a seus leitores o que de melhor existe, daqui e de além-mar, em matéria de literatura transcendentais.

EDIÇÕES "O PENSAMENTO"
Praça Almeida Junior, 100 — SÃO PAULO

A VIDA DAS ABELHAS

MAURICE MAETERLINCK

Esta obra notável, que imortalizou o grande escritor belga, na qual se revelou o seu espírito perscrutador e paciente no desvendar os segredos das colmeias, é um atestado incontestável do talento e da cultura do seu autor, norteados pela nobilíssima missão de oferecer ao mundo literário trabalhos como êste, que seduzem o nosso espírito, à proporção que, folheando suas páginas, mais convencidos ficamos da grandeza incomensurável do Criador.

EDIÇÕES "O PENSAMENTO"

Praça Almeida Junior, 100 — SÃO PAULO

A RADIESTESIA NO LAR

DR. E. SAEVARIUS

O pêndulo detector e pesquisador indicará a V. S., com tôda a segurança, a solução para os problemas de:

Agricultura e agronomia. Verificação das qualidades das terras. Exame das plantas e sementes. Escolha dos adubos conforme a qualidade das terras, plantas ou sementes. Dos ovos: Reconhecimento do sexo dos seus germes. Enfermidades humanas, dos vegetais e dos animais domésticos: Escolha dos remédios apropriados, etc.

PEDIDOS À

EMPRÊSA EDITÔRA "O PENSAMENTO" LTDA.

PRAÇA ALMEIDA JUNIOR, 100 — SÃO PAULO

O MISTÉRIO DO SEXO

DR. R. SWINBURNE CLYMER

★

O autor é médico de renome, Sexólogo e psiquiatra do Colégio de Medicina e Cirurgia de Chicago, teve oportunidade de fazer curioso estudo a respeito da função sexual. Nesta obra de caráter científico, adornada de santidade do sexo, está destinada a esclarecer e orientar aos pais, na sua conduta pessoal, e também aos filhos, quando o despertar de sua inteligência os levar a fazerem perguntas "embaraçosas".

★

PEDIDOS À
EMPRÊSA EDITÔRA "O PENSAMENTO" LTDA.
PRAÇA ALMEIDA JUNIOR, 100 — SÃO PAULO

Composto e impresso nas oficinas gráficas da
Emp. Editôra "O Pensamento" Ltda., em 1951

A SABEDORIA E O DESTINO

MAURICE MAETERLINCK

★

Nos ocultos refolhos do coração da humanidade, o autor busca pacientemente a confiança, a serenidade, motivos de alegria, expansão, amor... As páginas dêste livro admirável, vivamente assinaladas de filosofia, apresentam estudos importantes sôbre o antagonismo entre os esplendores da Sabedoria e as incertezas do Destino, "destino de nossa alma, que é um destino de purificação e de luz", fazendo com que os impulsos determinantes do modo de ação do ser humano sejam melhor compreendidos, sob a luz da razão, que abre as portas à Sabedoria. A tradução esmerada desta obra do grande filósofo Maurice Maeterlinck, cuja celebridade percorre o mundo todo, foi confiada ao conhecido escritor patrício Monteiro Lobato, uma das glórias da nossa literatura, o qual também deu início ao livro com um brilhante prefácio de sua autoria — o que representa um sucesso de livraria, pois a Emprêsa Editôra "O Pensamento" não pouca esforços para apresentar a seus leitores o que de melhor existe, daqui e de além-mar, em matéria de literatura transcendentais

★

EDIÇÕES "O PENSAMENTO"
Praça Almeida Junior, 100 — SÃO PAULO